

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM GEOGRAFIA

ROSE HÉLIDA ASTOLFO FREIRE

A PRAÇA E A CIDADE: O CASO DE PARANAÍ-PR

MARINGÁ
2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM GEOGRAFIA

A PRAÇA E A CIDADE: O CASO DE PARANAÍ-PR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia - Curso de Mestrado, da Universidade Estadual de Maringá-PR – Turma 2010, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia, área de concentração: Análise Regional e Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Luiz Domingos De Angelis

MARINGÁ
2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

F866p Freire, Rose Héliida Astolfo
A praça e a cidade : o caso de Paranavaí-Pr / Rose
Héliida Astolfo Freire. -- Maringá, 2012.
147 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Luiz Domingos De Angelis.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2012.

1. Praças - Planejamento urbano - Paranavaí (PR). 2.
Praças - Paranavaí (PR) - Análise quali-quantitativa. I. De
Angelis, Bruno Luiz Domingos, orient. II. Universidade
Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas. Letras e
Artes. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDD 22. ed. 711.55098162

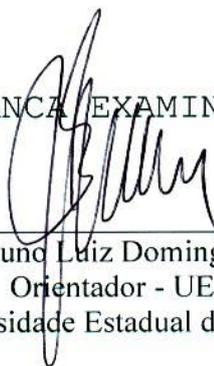
masa-000772

A PRAÇA E A CIDADE: O CASO DE PARANAVAÍ

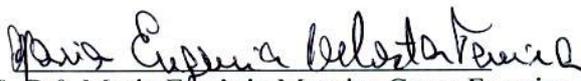
Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, área de concentração: Análise Regional e Ambiental.

Aprovada em **28 de março de 2012.**

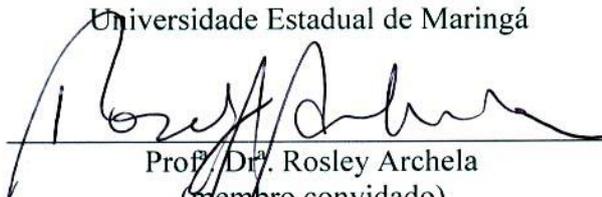
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Bruno Luiz Domingos De Angelis
Orientador - UEM
Universidade Estadual de Maringá



Prof.ª Dr.ª Maria Elgênia Moreira Costa Ferreira
Membro convidado
Universidade Estadual de Maringá



Prof. Dr. Rosley Archela
(membro convidado)
Universidade Estadual de Londrina

Dedico ao meu esposo Nilson por todo apoio, compreensão, confiança e carinho dispensados ao longo deste trabalho.

A praça integra organicamente o conjunto formado pela cidade, mas ao mesmo tempo “está” nele como espaço - quase clareira - surgido pelo distanciamento entre determinadas porções construídas. A praça “nega” a continuidade das edificações, mas simultaneamente ela é, em certo sentido, a essência da cidade.

Nelson Saldanha

Agradecimentos

À Deus, pela vida, pelas promessas e pelo total cumprimento delas.

À família pelo incentivo, apoio e amor incondicional.

Aos amigos, próximos e distantes, pela compreensão e estímulo.

À Universidade Estadual de Maringá, pela oportunidade e educação oferecida.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo auxílio financeiro.

Ao professor, orientador e amigo Bruno Luiz Domingos De Angelis, pelo conhecimento e ensinamentos proporcionados.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá.

Aos companheiros de pesquisa Douglas Hemerson Valentin e Luciane Bridi, pelo indispensável auxílio durante a elaboração deste trabalho.

Aos funcionários do Museu, Câmara e Prefeitura Municipal de Paranavaí, pelo atendimento e informações fornecidas.

Aos colegas de mestrado que acompanharam toda a trajetória deste trabalho.

RESUMO

O estudo em tela objetivou analisar, quali-quantitativamente, vinte e cinco praças localizadas no perímetro urbano de Paranavaí/PR, verificando a importância desses espaços para a cidade, a partir de análises baseadas em elementos como tipologia, inserção na malha urbana, equipamentos e/ou estruturas, vegetação, localização e entorno. Para tanto foi utilizada a metodologia proposta por De Angelis (2000), onde se tem dois tipos de levantamento, um qualitativo e um quantitativo, desenvolvidos a partir da aplicação de formulários em cada praça analisada. Buscou-se também levantar as condições de acessibilidade existentes nesses logradouros, voltadas para as pessoas com mobilidade reduzida (PMR), além de informações sobre leis de criação e topônimos desses logradouros. Como resultado constatou-se que a manutenção nestes espaços precisa ser revisada, uma vez que, alguns equipamentos como bancos, lixeiras, piso receberam predominantemente conceitos ruim e regular, em função de seu estado de conservação, funcionalidade e/ou localização. No quesito acessibilidade, nota-se que as praças de Paranavaí são carentes de meios que promovam o acesso à PMR, pois, apenas 23 % apresentam rampas de acesso que atendem as normas de acessibilidade estabelecidas, menos de 10% possuem piso tátil, apenas 4% contam com estacionamento especial e não há sanitários e telefones públicos adaptados para PMR. A concentração de indivíduos arbóreos pertencentes a uma mesma espécie foi outro fator negativo observado nas praças paranavaenses, sendo que, apenas duas espécies (*Caesalpinia peltophoroides* – sibipiruna; *Tabebuia avellanedae* - ipê-roxo) correspondem 71,7% da arborização das praças. Assim, através deste trabalho, procurou-se apontar aspectos de relevância que necessitam serem revistos e discutidos, para subsidiar melhoras na política de gestão destes logradouros, e assim cumprirem, efetivamente, o papel de espaços públicos voltados para a socialização e lazer.

Palavras-chave: Praças públicas; análise quali-quantitativa; planejamento urbano.

ABSTRACT

The study aimed to analyze qualitative and quantitatively, twenty-five squares located in urban area in Paranavaí / PR, verifying the importance of these spaces to the city, from analyzes based on factors such as type, insertion into the urban area, equipment and / or structures, vegetation, location and surroundings. For this, was used the methodology proposed by De Angelis (2000), which has two types of survey, a qualitative and a quantitative, developed from the application forms analyzed in each square. We tried also to raise the accessibility conditions on such thoroughfares, aimed at people with special needs (PSN), as well as information on laws creating these parks and toponyms. As a result it was found that the maintaining of these spaces need to be reviewed, because some equipment such as benches, bins, floor concepts were predominantly poor and fair, depending on its condition, functionality and / or location. On the issue of accessibility, it is noted that in the squares of Paranavaí there are lacking in ways that promote access to PSN, because only 23% have access ramps that obey the accessibility standards established under of 10% have tactile floor, only 4 % have special parking and there are no toilets and public telephones adapted for PSN. The concentration of trees belonging to the same species was observed like another negative factor of Paranavaí squares, and only two species (*Caesalpinia peltophoroides* - sibipiruna; *Tabebuia avellanedae* – purple-ipe) represent 71.7% of the afforestation of squares. Thus, through this work, we tried to point out relevant aspects that need to be reviewed and discussed, to support improvements in the policy of management of these parks, and so fulfill effectively the role of public spaces facing to socialization and recreation.

Keywords: Public parks; qualitative and quantitative analysis; urban planning.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Traçado urbano de Paranavaí - 1945	32
FIGURA 2 - Localização do Município de Paranavaí-PR	33
FIGURA 3 - Carta de vegetação remanescente na área urbana de Paranavaí	34
FIGURA 4 - Esquema de praças dos tipos 1 e 2	41
FIGURA 5 - Esquema de praças dos tipos 3 e 4	41
FIGURA 6 - Croqui do perímetro urbano da cidade de Paranavaí e localização das praças	45
FIGURA 7 - Foto panorâmica da Praça Papa João XXIII	47
FIGURA 8 - Croqui da Praça Papa João Paulo XXIII	49
FIGURA 9 - Foto panorâmica da Praça Brasil	50
FIGURA 10 - Croqui da Praça Brasil	51
FIGURA 11 - Foto panorâmica da Praça Sinval Reis	52
FIGURA 12 - Croqui da Praça Sinval Reis	53
FIGURA 13 - Foto panorâmica da Praça Rodrigo Ayres	54
FIGURA 14 - Croqui da Praça Rodrigo Ayres	55
FIGURA 15 - Foto panorâmica da Praça Rotary	56
FIGURA 16 - Croqui da Praça Rotary	57
FIGURA 17 - Foto panorâmica da Praça dos Pioneiros	59
FIGURA 18 - Croqui da Praça dos Pioneiros	60
FIGURA 19 - Foto panorâmica da Praça Edith Ebner Eckert	61
FIGURA 20 - Croqui da Praça Edith Ebner Eckert	62
FIGURA 21 - Foto panorâmica da Praça Ida Ravizoni Dal-Prá	61
FIGURA 22 - Croqui da Praça Ida Ravizoni Dal-Prá	63
FIGURA 23 - Foto panorâmica da Praça Luciano Eugênio Vitore	64
FIGURA 24 - Croqui da Praça Luciano Eugênio Vitore	65
FIGURA 25 - Praça Recanto Japonês, situação antiga e atual	66

FIGURA 26 - Foto panorâmica da Praça Recanto Japonês.....	66
FIGURA 27 - Croqui da Praça Recanto Japonês	68
FIGURA 28 - Foto panorâmica da Praça Frei Estanislau José de Souza	69
FIGURA 29 - Croqui da Praça Frei Estanislau José de Souza.....	70
FIGURA 30 - Foto panorâmica da Praça Oscar Garbo	71
FIGURA 31 - Croqui da Praça Oscar Garbo	72
FIGURA 32 - Praça Antonio José Kirchner, situação antiga (2010) e atual	73
FIGURA 33 - Foto panorâmica da Praça Antonio José Kirchner.....	73
FIGURA 34 - Croqui da Praça Antonio José Kirchner.....	75
FIGURA 35 - Foto panorâmica da Praça Panorama	75
FIGURA 36 - Croqui da Praça Panorama	76
FIGURA 37 - Foto panorâmica da Praça Dom Benjamim de Souza Gomes	77
FIGURA 38 - Foto panorâmica da Praça Flávio Ferreira Giovine	78
FIGURA 39 - Croqui da Praça Flávio Ferreira Giovine.....	79
FIGURA 40 - Foto panorâmica da Praça Moradias Santos Dumont	81
FIGURA 41 - Croqui da Praça Moradias Santos Dumont	82
FIGURA 42 - Foto panorâmica da Praça Pioneiro Antônio Galindo	83
FIGURA 43 - Croqui da Praça Pioneiro Antonio Galindo	84
FIGURA 44 - Foto panorâmica da Praça dos Expedicionários	85
FIGURA 45 - Croqui da Praça dos Expedicionários.....	86
FIGURA 46 - Foto panorâmica da Praça Mario Corrêa de Oliveira.....	87
FIGURA 47 - Croqui da Praça Mario Correa de Oliveira	88
FIGURA 48 - Foto panorâmica da Praça São José Operário.....	89
FIGURA 49 - Croqui da Praça São José Operário	90
FIGURA 50 - Foto panorâmica da Praça sem denominação	91
FIGURA 51 - Croqui de praça sem denominação	91
FIGURA 52 - Foto panorâmica da Praça Thaisa Romero Dias Lima	92

FIGURA 53 - Foto panorâmica da Praça Rosa de Siqueira Botelho	93
FIGURA 54 - Croqui da Praça Rosa de Siqueira Botelho	94
FIGURA 55 - Croqui da Praça Thaisa Romero Dias Lima	95
FIGURA 56 - Foto panorâmica da Praça Pioneiro Benedito Dal Ponte.....	96
FIGURA 57 - Croqui da Praça Pioneiro Benedito Dal Ponte.....	97
FIGURA 58 - Classificação toponímica das praças localizadas na cidade de Paranavaí	98
FIGURA 59 - Classificação do entorno das praças localizadas na cidade de Paranavaí	100
FIGURA 60 - Tipologia das praças localizadas na cidade de Paranavaí	102
FIGURA 61- Inserção na malha urbana das praças localizadas na cidade de Paranavaí.....	103
FIGURA 62 - Existência de estruturas e/ou equipamentos nas praças.....	105
FIGURA 63 - Antiga Igreja São Sebastião	113
FIGURA 64 - Avaliação qualitativa dos equipamentos e/ou estruturas.....	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Formulário de levantamento quantitativo dos equipamentos e estruturas	35
Quadro 2 - Formulário de avaliação qualitativa dos equipamentos e estruturas.....	36
Quadro 3 - Abreviaturas dos equipamentos e/ou estruturas utilizadas no presente capítulo.....	42
Quadro 4 - Relação das praças do Perímetro Urbano de Paranavaí	46
Quadro 5- Praças da cidade de Paranavaí com problemas relacionados ao registro legal.....	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de praça (m ² /habitante) por zona.....	99
Tabela 2 - Levantamento florístico contendo nome científico e popular, família, ocorrência (N – nativa; E- exótica) e valores de freqüência absoluta (FA) e relativa (FR) das espécies arbóreas existentes nas praças do município de Paranavaí/PR	116
Tabela 3 - Levantamento florístico contendo nome científico e popular, família, ocorrência (N – nativa; E- exótica) e valores de freqüência absoluta (FA) e relativa (FR) das espécies arbóreas frutíferas existentes nas praças do município de Paranavaí/PR.....	117
Tabela 4 - Levantamento florístico contendo nome científico e popular, família, ocorrência (N – nativa; E- exótica) e valores de freqüência absoluta (FA) e relativa (FR) das espécies de palmáceas existentes nas praças do município de Paranavaí/PR.....	118
Tabela 5 - - Levantamento florístico contendo nome científico e popular, família, ocorrência (N – nativa; E- exótica) das espécies arbustivas existentes nas praças do município de Paranavaí/PR.....	118
Tabela 6 - Praças Levantamento florístico contendo nome científico e popular, família, ocorrência (N – nativa; E- exótica) das espécies herbáceas existentes nas praças do município de Paranavaí/PR	119
Tabela 7 - Percentual de área ocupada por espécies vegetais arbustivas e herbáceas por praça	120

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Justificativa.....	14
1.2 Objetivo Geral.....	15
1.3 Objetivos Específicos	15
1.4 Pressupostos Metodológicos	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
2.1 A História da praça.....	18
2.2 Trajetória da praça brasileira	21
2.3 Praças Públicas e acessibilidade	24
3 A CIDADE DE PARANAÍ	27
3.1 Processo histórico da colonização de Paranavaí	27
3.2 Evolução da ocupação do espaço urbano.....	31
3.3 Aspectos geográficos.....	32
4 MATERIAIS E MÉTODOS.....	35
5 AS VINTE E CINCO PRAÇAS DE PARANAÍ.....	44
5.1 Caracterização e levantamento quantitativo.....	46
5.2 Avaliação qualitativa	121
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS.....	135
APÊNDICE	143

1 INTRODUÇÃO

A praça sempre se fez presente na história das cidades, desempenhando funções diversas, que foram alterando-se e renovando-se frente às transformações da sociedade. Desde a *Ágora* fora concebida como espaço vital para o desenvolvimento da vida social, pois, constituía-se no local do encontro, do comércio, das inúmeras manifestações sociais, dos espetáculos, das tomadas de decisões, das execuções, enfim, era o local por onde se desenrolava o cotidiano da população.

Atualmente, muitas dessas funções não fazem mais parte do seu “roteiro”, mas o papel de espaço público, do encontro, do convívio social que sempre a caracterizou, permanece em seu bojo. Contudo, observa-se um processo de esvaziamento da praça, consequência, ora do surgimento de novas opções de lazer, ora da falta de acessibilidade física ou simbólica a seu espaço, ou ainda do estado deplorável em que muitas vezes se encontra frente à inobservância e a ausência de manutenção por parte do poder público e a falta de comprometimento e do envolvimento da população. Dessa forma, deixa de ser um espaço aglutinador e convidativo, tornando-se, muitas vezes, em um local vazio, isolado e relegado, via de regra, ao abandono.

Diante do exposto, nota-se a importância da realização de estudos voltados para a praça pública, visando contribuir para que esta venha se fazer presente na cidade de forma compatível com a demanda existente e também com qualidade e facilidade de acesso.

Gomes (2002), Serpa (2009) e (Valverde) 2007, apontam a necessidade destes estudos serem feitos de modo sistêmico, sob a ótica da Geografia, uma vez que, o tema tem se manifestado de maneira tímida, sendo pouco discutido pelos profissionais da área.

Dessa forma, buscou-se desenvolver uma análise das vinte e cinco praças situadas no perímetro urbano de Paranavaí-PR, a partir das quatro categorias do método

geográfico proposto por Santos (1997), quais sejam: estrutura, processo, forma e função. Para tanto, realizou-se análises quali-quantitativas dos equipamentos e/ou estruturas presentes nas praças paranavaenses, além de levantamentos referentes à dados que compreendem desde a lei de criação do logradouro à seu caráter funcional, procurando identificar as influências das características das praças na forma de apropriação do seu espaço pela população.

O trabalho está estruturado em seis partes que se desenvolvem conforme exposto a seguir: no primeiro item faz-se uma breve introdução sobre as praças públicas, apontando, na sequência, a importância e os objetivos do estudo em tela. No segundo item realiza-se uma abordagem sobre a trajetória da praça que se inicia com a ágora e se estende à praça na contemporaneidade, destacando seus diferentes usos e funções ao longo da história. No terceiro item é realizado uma caracterização do município de Paranaíba abordando o seu processo de colonização, ocupação e crescimento urbano, assim como seus aspectos geográficos. Na quarta parte apresenta-se a metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho. O quinto item traz os resultados obtidos através dos levantamentos quali-quantitativos aplicados nas vinte e cinco praças paranavaenses. A conclusão do trabalho é apresentada na sexta parte, onde também são apresentados, de forma sintética, os resultados obtidos no trabalho.

1.1 Justificativa

O estudo das praças localizadas no perímetro urbano de Paranaíba/PR foi motivado por três fatores principais: a presença marcante deste equipamento na malha urbana, sua importância enquanto espaço público de socialização e lazer, e a necessidade de analisar se está enquadrado nas normas de acessibilidade exigidas por lei para os espaços públicos, uma vez que, aproximadamente 14,5% da população nacional possui algum tipo de deficiência seja ela física, visual ou motora (IBGE, 2000), e a praça enquanto espaço público deve ser acessível, sem exceção, à todas as pessoas.

Assim, pretende-se através do estudo em tela contribuir com informações concretas para que gestores públicos possam intervir positivamente neste espaço público,

adequando-os à cidade de forma compatível com a demanda existente e também com qualidade e facilidade de acesso, para toda a população paranavaense.

1.2 Objetivo Geral

Avaliar as praças situadas no perímetro urbano de Paranavaí, através de análises quali-quantitativas pertinentes as suas funções e usos, estruturas e mobiliários.

1.3 Objetivos Específicos

- Realizar levantamentos quali-quantitativos de estruturas, mobiliários, vegetação e de acessibilidade das praças;
- analisar geograficamente a distribuição espacial das praças situadas no perímetro urbano de Paranavaí;
- classificar os topônimos das praças paranavaenses;
- identificar a tipologia das praças de Paranavaí e sua inserção na malha urbana.

1.4 Pressupostos Metodológicos

Em relação à noção de espaço público, a Geografia iniciou sua contribuição a partir dos referenciais constituídos pela Filosofia e pelo Urbanismo durante os séculos XIX e XX. Desenvolveu uma abordagem própria, que passa a tornar visível, a partir da perspectiva espacial, a conexão entre política e planejamento (VALVERDE, 2007). Essa abordagem geográfica se desdobrou em duas tendências:

(...) a primeira se caracteriza pela defesa do republicanismo, pela nostalgia de um passado idealizado e pela funcionalidade do espaço público; a segunda tendência se exprime pelo discurso marxista, no qual o espaço público é visto como um campo de forças em que a luta de classes tem lugar, almejando, em última instância, alcançar uma revolução social e política (VALVERDE, 2007, p. 126).

Para o autor essas duas abordagens geográficas dos espaços públicos, encontram-se relativamente defasadas em relação às novas formas, comportamentos e

significados assumidos por esses espaços na contemporaneidade, uma vez que, negligenciam a maneira como a sociedade produz o espaço e o qualifica.

Um estudo do espaço público sob um olhar geográfico não poderá ater-se somente a seu arranjo físico, antes, deve estender-se para uma análise que compreenda sua concretude juntamente com as práticas e dinâmicas que neles se desenvolvem, estabelecendo uma relação direta entre “sua configuração física, seus usos e sua vivência afetiva” (GOMES, 2006, p.172).

Sobre essa questão Serpa (2009), entende que discutir o papel do espaço público na cidade contemporânea é um desafio para a Geografia assim como para outras ciências e filosofias que se pretendem políticas e ativas, uma vez que, a dificuldade de se relacionar as dimensões políticas e sociais de uma esfera pública urbana e os aspectos formais e estruturais dos espaços públicos “concretos” é evidente entre os diversos profissionais. Ressalta que forma e conteúdo são dois elementos indissociáveis no estudo do espaço público, pois, são dialeticamente “(...) a um só tempo produtos e processos: são autocondicionantes, auto-referentes e historicamente determinados” (SERPA, 2009, p. 15).

Afirmam De Angelis e De Angelis Neto (2001, p.130) que o estudo da praça através da ótica da Geografia, permite entendê-la além do seu espaço físico “(...) materializado sob a forma do imobiliário urbano, paisagismo e arborização, cujo objetivo seja dotar as cidades de ilhas verdes para o seu embelezamento. Vamos entendê-la considerando aquele que dela faz uso: o homem”.

Segundo Santos (1982, p. 38) o espaço “(...) altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade”, por isso, para entendê-lo, afirma ser de fundamental importância a interpretação da relação dialética entre as categorias estrutura, processo, função e forma (SANTOS, 1997).

O autor atribui as seguintes definições a estas categorias, quais sejam: a *forma* é o aspecto visível de um objeto, referindo-se ao seu arranjo ordenado em que passa a constituir um padrão espacial, sujeita a ter sua função modificada em diferentes momentos históricos. A *função*, por sua vez, implica uma tarefa, atividade ou papel a

ser desempenhado pelo objeto sendo, portanto, a atividade elementar que a forma espacial é dotada. *Forma e função* possuem relação direta, visto que a existência da primeira é necessária para que a segunda seja exercida. Quanto à *estrutura*, esta não se refere a um padrão espacial, mas à maneira como estão inter-relacionadas as diversas partes que compõe o todo social. Sem uma exterioridade imediata, é invisível e está subjacente à forma, uma espécie de matriz onde a forma é gerada. Para Corrêa (2000, p.77), a estrutura nada mais é do que “a natureza social e econômica de uma sociedade em um dado momento do tempo”. O *processo* é definido como a ação contínua, visando um resultado indeterminado, implicando tempo e mudança. “Os processos acontecem dentro de uma dada estrutura social e econômica e resultam das contradições internas da mesma (...) é uma estrutura em seu movimento de transformação” (CORRÊA, op. cit. p. 77).

No estudo em tela, as quatro categorias - *estrutura, processo, função e forma* – foram utilizadas como suporte para a sua realização, no entanto, não foram itemizadas, uma vez que estão implícitas no desenvolvimento do trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para melhor compreender as características das praças contemporâneas, mister se faz retroagir no tempo e buscar, no contexto histórico do desenvolvimento destes logradouros, a apreensão da complexidade de formas e funções que estas adquirem nas diversas civilizações.

2.1 A História da praça

Espaços sobreviventes das diversas transformações urbanas, as praças sempre marcaram as estruturas das cidades. Mesmo sofrendo alterações em suas funções ao longo do tempo, não perderam sua essência de espaço público e ainda representam importantes núcleos de confluência social, por onde desfila o cotidiano dos cidadãos. Conforme afirma Spirn (1995, p. 89-90)

As praças públicas sempre estiveram em moda. Ficavam no coração das antigas cidades gregas e romanas, das cidades medievais e, mais tarde, das aldeias coloniais, assim como das metrópoles modernas.

O espaço da praça é observado desde os primeiros assentamentos humanos, onde a estrutura embrionária da cidade composta pela casa, o oratório, poço, via pública, praça, já se fazia presente (MUNFORD, 2004).

Na Antiguidade sob o nome de *Ágora*, representou o ponto principal de encontro dos cidadãos, atuando como centro dinâmico na *pólis* grega. Era um espaço aberto, estruturado planimetricamente, onde aconteciam as reuniões dos cidadãos livres, os quais faziam o uso da palavra e exerciam sua cidadania (BENEVOLO, 1993).

Assim como a *Ágora*, o Fórum Romano também é um espaço da Antiguidade que poderia ser subentendido como praça. Centro da vida pública, longe de ser apenas uma praça aberta, era um recinto monumental, onde edifícios religiosos, cívicos,

espaços abertos circundados por majestosas esculturas, arcos e colunatas desempenhavam uma função.

Rigotti (1993, p. 229) ao tratar as praças, tanto na Grécia como na Roma antiga, contribui:

(...) eram praças nas quais os edifícios monumentais conferiam o caráter e a razão de existirem como centros político-religiosos da vida citadina e às vezes nacional. Mercados, campos de feira, praças de armas, eram freqüentemente simples descampados amiúde fora das muras da cidade, sem composição ou forma e com um lado tangente a uma via de grande comunicação.

Conforme De Angelis (2000), enquanto o fórum romano e a Ágora representaram o grau de politização de seus respectivos povos, nas praças medievais se encontra um caráter mais diverso, ou mesmo lúdico, assumindo feições de local de espetáculo do cotidiano e de comércio. Nas palavras de Segawa (1996, p. 33), tal espaço era entremeado “(...) pelo universo do riso, do escárnio, da festa, numa dinâmica distinta da cultura religiosa ou aristocrática”.

A necessidade da igreja, ou do palácio feudal, ou ainda da sede da comunidade de artesões, de ter um espaço livre, por menor que fosse, para se reunirem e discutirem seus problemas, fez com que as praças monumentais, os grandes complexos destinados a suportar toda uma população, cedessem vez a uma estrutura complexa, composta por pequenas praças de bairro dominadas por um imponente edifício que lhe dava a razão de ser: as várias facções, as diversas corporações de artesanato (RIGOTTI, 1956).

O espaço físico da praça medieval resulta mais de um vazio aberto na estrutura urbana do que de um desenho prévio. Suas funções e localização na estrutura urbana se diferenciam, sendo geralmente divididas em praça de mercado e praça da igreja (adro) ou o *parvis* medieval (LAMAS, 1993).

Entre meados dos séculos XV e XVIII, surgem propostas para um novo tipo de cidade: “a cidade ideal”, cuja concepção apreende o espaço urbano como objeto de estudo projetado, substituindo o traçado espontâneo medieval por um desenho rígido e formal (CALDEIRA, 1998).

O reordenamento de uma cidade consolidada dentro dos novos princípios urbanísticos não era iniciativa de fácil realização. “Abrir uma praça no tecido antigo dos núcleos urbanos, então, seria uma cirurgia urbana de grande ousadia” (SEGAWA, 1996, p. 35)

Dessa forma, a inserção definitiva da praça na estrutura urbana ocorre somente a partir do Renascimento. Assim como o traçado da cidade, o desenho das praças nesse período deixa de ser espontâneo para resultar em um espaço projetado.

De espaços vazios destinados ao encontro, ao abrigo de edifícios de destaque, à troca de mercadorias, as praças renascentistas passam a fazer parte do traçado da cidade, adquirindo importância estética, se tornando um elemento de embelezando do ambiente urbano. A partir desse momento, constitui-se a praça formal.

Sobre as praças deste período Lamas (1993, p. 176) acrescenta:

A praça é entendida como um recinto ou lugar especial, e não apenas um vazio na estrutura urbana. É o lugar público, onde se concentram os principais edifícios e monumentos - quadro importante da arte urbana. A praça adquire valor funcional e político-social, e também o máximo valor simbólico e artístico. (...) A praça é também cenário e espaço embelezado, manifestação de vontade política e de prestígio. As praças podiam ser delimitadas por edifícios públicos, por igrejas ou edifícios religiosos, por filas de habitações ou palácios. Eram lugares de cenário urbano e decoração, suporte e enquadramento de monumentos (obeliscos, estátuas ou fontes), e também lugares de vida social e de manifestações do poder. (...) Em quase todas as praças, a partir do Renascimento, a determinação significativa e estética sobrepõe-se à ordem funcional.

No século XIX iniciou uma grande revolução, a do tráfego. O movimento urbano, antes limitadíssimo em número e qualidade, começou a aumentar lentamente, depois, tanto mais no século atual, de maneira vertiginosa, e então toda área livre na cidade é invadida pelo intenso tráfego de veículos que ainda hoje não acena em parar ou a diminuir.

Assumindo o papel de elemento de composição do sistema viário, a praça perde suas características tradicionais e entra em processo de esvaziamento, uma vez que deixa de ser o lugar intencional do encontro, da permanência, de manifestações da vida urbana, e transforma-se em um amplo espaço vazio.

De acordo com Caldeira (2007), a praça parecia estar condenada à escala monumental, desempenhando somente a função de grande espaço aberto. No entanto, mudanças nas políticas de intervenção urbana afluíram a questão da retomada do espaço público.

A autora acrescenta que:

Nesse contexto, o espaço da praça ressurgiu como o protagonista dos espaços coletivos, principalmente nas ações de resgate de qualidade urbana concretizadas em intervenções de áreas centrais, de locais históricos, e mesmo de espaços reabilitados de pequenas praças. Essa tendência de intervenção pontual parece alinhar as propostas urbanas contemporâneas, caracterizando-se como uma reação aos grandes planos urbanos paradigmáticos do séc. XX. A praça contemporânea, a partir dessas estratégias, reafirma sua vocação de espaço coletivo, reassumindo seu papel de principal espaço da cidade. (CALDEIRA, 2007, p. 35)

2.2 Trajetória da praça brasileira

Marx (1991) registra que a praça surgiu no Brasil de maneira marcante e típica, diante das capelas da Igreja, que era o centro da colônia. Juntamente com a paróquia, desempenhou um importante papel na concepção de grande parte das

idades coloniais brasileiras, uma vez que no seu entorno iam se estabelecendo os casarios, os edifícios importantes da cidade, como a casa da Câmara, a cadeia e a casa dos governadores e, posteriormente, as habitações e as áreas destinadas à agricultura, à criação de animais, que compunham uma freguesia, arraial ou vila.

A corroborar com o parágrafo anterior, Reis Filho (1968) alega que as praças abrigavam desde o início grande parte das atividades mais importantes das povoações mais humildes, por isso, era tida por esses povos como o local de maior importância, sendo responsável, muitas vezes, pela origem das próprias povoações. Tais espaços consistiam em pontos de atração e de focalização urbanística, concentrando em seu recinto os edifícios principais, oficiais ou religiosos. Sua ordenação espacial nessa época era espontânea, uma vez que resultava da adaptação e adequação as condições morfológicas do sítio de origem.

Acrescenta De Angelis (2000, p. 76) que:

Se nos pautarmos num enfoque antropológico podemos afirmar que a praça no Brasil tem sua origem a partir das habitações indígenas. Considerando que diversas tribos construíam suas ocas alinhadas formando um círculo, cujo centro, vazio, era o local de reuniões, festas e ritos, então teremos aí o primeiro registro desses espaços em nosso país. Embora tais espaços não fossem nominados como praças, suas funções, porém, as evoca. Sem dizer da centralidade, outra característica muito comum às praças e tão presente nas aldeias indígenas (tabas).

Espaço polivalente, palco de manifestações culturais da população, a praça era o lugar de interação de todos os elementos da sociedade, dos diversos estratos sociais. Destacam Robba e Macedo (2010, p. 22) que na praça "(...) a população da cidade colonial manifestava sua territorialidade, os fiéis demonstravam sua fé, os poderosos o seu poder, e os pobres, sua pobreza."

Nos primeiros núcleos, pelo seu tamanho, havia uma única praça central onde se localizava a igreja matriz. No entanto, com o crescimento do aglomerado humano, e

a elevação de *status* para cidade, outras surgem: "se de um lado despontam novas praças, especialmente da estação ferroviária e, com a república, a da escola pública, de outro permanece ainda, ou mesmo se reforça, uma certa multipolaridade no tecido citadino" (MARX, 1991, p. 99).

Com o processo de modernização das cidades, a praça gradativamente, assume maiores dimensões espaciais, formas mais racionais e geométricas, consolidando tal modelo no decorrer do século XIX, através de intervenções ou projetos de embelezamento do espaço urbano. Na trajetória da praça brasileira, essa fase foi marcada pela ruptura com determinadas características espaciais da praça tradicional.

Nesse mesmo período, além de permanecer estruturando diversos espaços para funções distintas a praça passa a receber tratamento de jardim frente os preceitos do urbanismo higienista e tecnicista que objetivava modernizar o país e transformar as paisagens das cidades em conformidade com a imagem e semelhança dos grandes centros europeus, para onde o Brasil exportava seus produtos agrícolas.

Dessa forma, com seu espaço ajardinado a praça perde suas características tradicionais. Sob rígidas formas de comportamento, a praça se torna um espaço de segregação urbana e passa a priorizar funções como o lazer e a contemplação.

Corroboram Robba e Macedo (2010, p. 29):

O mercado foi transferido para as edificações destinadas a atividades comerciais; as demonstrações militares de poder perdem força no Brasil republicano, não acontecem mais nos largos e campos. (...) Assim a praça-jardim deixa de ser (...) o palco da vida mundana e religiosa, civil e militar da cidade. A praça agora é um belo cenário ajardinado destinado às atividades de recreação e voltado para o lazer contemplativo, a convivência da população e o passeio.

A expansão urbana sem precedentes ocorrida a partir da segunda década do século XX, com o advento da Revolução Industrial, exige das cidades antigas uma adaptação às mudanças ocorridas frente ao adensamento populacional e aos novos padrões de vida moderna. Desenvolve-se nessa época uma ruptura definitiva com o ambiente colonial.

Nesse novo modelo de cidade o sistema viário torna-se o elemento vital e essencial da configuração urbana. Dessa forma, a praça sofre alterações em suas funções, assumindo novos papéis. Torna-se espaço de lazer contemplativo e cultural, de circulação, de recreação esportiva, de convívio, contudo, perde seu caráter político.

Segundo Caldeira (2007), no período modernista as praças e outros espaços coletivos, se tornaram importantes equipamentos de lazer, principalmente, para a população de menor poder aquisitivo uma vez que, tais espaços passaram a ser uma opção barata de lazer coletivo.

Atualmente, o programa de atividades da praça é semelhante ao do período moderno. Além das funções já citadas, a praça volta a assumir a função comercial, há muito suprimida de seu espaço. A circulação para os transeuntes é outro fator presente nas praças contemporâneas, que buscam solucionar problemas de circulação e conflito entre pedestres e veículos (ROBBA; MACEDO, 2010).

2.3 Praças Públicas e Acessibilidade

Aproximadamente 24,6 milhões de brasileiros possuem algum tipo de deficiência, o que corresponde a 14,5% da população nacional (IBGE, 2000). Frente à essa realidade, torna-se de fundamental importância o processo de inclusão social, que no Brasil é amparado legalmente pela Lei 10.098/00, regulamentada pelo Decreto 5.296/04, a qual prevê a adequação do meio físico para que as pessoas com mobilidade reduzida, no intuito de promover a acessibilidade a todos à cidade.

De acordo com a NBR 9050:2004 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que estabelece critérios e parâmetros técnicos que devem ser respeitados

no desenvolvimento do projeto, construção, instalação e adaptação de edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos às condições de acessibilidade; pessoa com mobilidade reduzida é aquela que, temporária ou permanentemente, tem limitada sua capacidade de relacionar-se com o meio e de utilizá-lo, como por exemplo, a pessoa com deficiência, idosa, obesa, gestante entre outros; acessibilidade significa possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos.

Para Gil (2009) o espaço público, torna-se um mecanismo fundamental para a socialização da vida urbana:

A negação da cidade é precisamente o isolamento, a exclusão da vida coletiva e a segregação. Quem mais necessita do espaço público, da sua qualidade, acessibilidade e segurança são, em geral, os que têm mais dificuldades para aceder ou estar nele (GIL, p.24, 2009).

De acordo com Schwarz e Haber (2006), a promoção da inclusão no meio físico compreende algumas adaptações neste que favoreçam a inserção do cidadão com deficiência na sociedade, de forma mais próxima as condições e os padrões de vida no nível considerado normal.

Gil (2009) apresenta dois tipos de obstáculos que impede o livre acesso de todos os cidadãos à cidade; os obstáculos físicos, que são os mais limitadores como as escadas, o mobiliário urbano, o declive do terreno, entre outros; e os psicológicos, são aqueles que podem abranger todo o tipo de pessoa, como por exemplo, a má visibilidade do espaço público exterior, o tipo de pessoa que frequenta um determinado local, o uso dos edifícios que delimitam o espaço urbano, o ruído causado pelo tráfego circundante, etc. Neste trabalho serão focados, principalmente, os obstáculos físicos, tendo em vista que estão ligados diretamente com o espaço público.

Gomes (2006) classifica o espaço público, fisicamente, como local livre de obstáculos que permite a possibilidade de acesso e participação, sem exceção, de toda a sociedade, caso contrário, não pode ser considerado como tal.

Ao tratarem sobre as praças brasileiras, Robba e Macedo (2010, p. 18) procuraram definir tais espaços com a maior clareza possível, pois, as inúmeras definições que o termo recebe, causam divergências entre os autores. Assim, consideram duas premissas básicas – o uso e a acessibilidade do espaço, chegando à seguinte definição: “Praças são espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”.

A promoção da acessibilidade das praças públicas compreende: instalação de piso tátil direcional e de alerta; construção de calçadas com materiais adequados para circulação de pedestres; rebaixamento de calçadas com rampa acessível, ou elevação das vias para travessia de pedestre em nível; adequação do mobiliário urbano e das edificações de apoio, como os sanitários públicos; vagas exclusivas para os PMR em estacionamentos (TORRES, 2006).

Essa acessibilidade é questão primordial, para a apropriação e uso do espaço da praça, uma vez que, “entrar em um lugar é condição inicial para poder usá-lo” (ALEX, 2008, p.25).

3 A CIDADE DE PARANAÍ

Para melhor entender a atual situação de Paranaíba, necessário se faz realizar um esboço do processo de colonização, ocupação e crescimento do município. Para tanto realizou-se uma abordagem histórica, abarcando desde a evolução da região, passando pelo processo de colonização do município, finalizando em seus atuais aspectos geográficos.

3.1 Processo histórico da colonização de Paranaíba

Embora o processo de colonização tenha sido recente, a história da região de Paranaíba inicia-se por volta de 1501, quando passaram pelo local espanhóis, portugueses e bandeirantes paulistas trilhando caminhos fluviais e abrindo picadas na floresta (SILVA, 1988).

A região foi palco de lutas envolvendo além destes desbravadores os indígenas que, posteriormente, receberam auxílio de missionários jesuítas, os quais catequizaram e salvaram muitos índios da escravidão. Dentre os jesuítas que se destacaram nesse período podemos citar os Padres Dias Tanho, Simão Maceta e Antônio Montoya, e foi em homenagem a esse último que essa região de Paranaíba recebeu o nome de Montoya.

No início do século XX, fazendeiros mineiros e paulistas vieram ao Paraná com o intuito de desbravar novas terras para o plantio do café. Através da Companhia de Terras Norte do Paraná (CNTP) subsidiária da empresa colonizadora britânica *Paraná Plantations Company* que adquiriu do governo do Estado e de diversos posseiros uma gleba de 515.000 alqueires (NOVAES, 1984).

Em 1939 quando houve a deflagração da Segunda Guerra Mundial, um grupo brasileiro adquiriu dos ingleses a chamada “Companhia de Terras”, que passou a ser denominada “Companhia Melhoramentos Norte do Paraná”; somando sob esta nova estrutura mais trinta mil alqueires das terras existentes, região que passou a ser chamada “Norte Novíssimo” (SILVA, 1988). Nessa região a companhia, através

da subsidiária Companhia Brasileira de Viação e Comércio S/A (BRAVIACO), obteve uma área de 317 mil hectares (CARGNIN, 2001).

Para um desenvolvimento satisfatório, implantou-se na região algumas medidas como a construção de uma rodovia, a fim de facilitar o acesso e dar maior segurança ao escoamento da produção; o incentivo de núcleos básicos de colonização aproveitando o eixo rodoviário, com uma distância máxima de 100 km entre os núcleos (NOVAES, 1984).

A história de Paranavaí propriamente dita inicia-se no começo do século passado. Até então toda a região do Vale do Ivaí era completamente despovoada, coberta de matas virgens, constituída de terras devolutas de propriedade do Estado.

Importante centro agropecuário do noroeste paranaense, teve seus primeiros “embriões” na década de vinte, contudo, “(...) somente a partir de 1944 entrou no surto de grandes realizações e progresso” (LOWS, 1994, p. 126).

Alcântara (1987) divide a história de Paranavaí em duas fases, tendo por base a titulação de terras do noroeste do Paraná.

A 1ª Fase inicia através do decreto nº 10. 432, de 09 de novembro de 1889, onde o Governo Imperial, baseado no decreto nº 816 de 10 de julho de 1855, concedeu ao engenheiro João Teixeira Soares a permissão para a construção de estradas de ferro, oferecendo-lhe como permuta 90 anos de uso das estradas e áreas de terras devolutas.

Revogada a Monarquia, o Governo Provisório, que detinha a faculdade de aprovação legislativa remanescente, através do Decreto nº 305 de 07 de abril de 1890 efetivou a concessão do Decreto anterior que ficara dependente de aprovação do Poder Legislativo (CARGNIN, 2001).

Assim, após algumas transferências entre Companhias, a concessão para a construção de estrada de ferro é assumida pela Companhia Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (CEFSPRG), subsidiária da Brazil Railway Company.

Conforme a lei nº 1340, de 10 de abril de 1913, o Governo Estadual do Paraná passa a legislar sobre a concessão para a construção da estrada de ferro. A partir daí, surgem leis e decretos, na intenção de estabelecer um acordo harmonioso entre os interesses do Estado e da CEFSPRG.

Em 1920 a BRAVIACO torna-se sucessora da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, assumindo os direitos de cessão de terras pertencentes até então à CEFSPRG, excetuando-se somente as áreas já tituladas a esta Companhia. Coube então a BRAVIACO, demarcar as terras as áreas das terras devolutas concedidas e promover a povoação e colonização destas (SILVA, 1988).

Assim, foi realizada a demarcação e intitulação da “Gleba Pirapó” e concedido à BRAVIACO áreas de terras delimitadas pelos rios Paraná, Paranapanema e Ivaí, localizadas no município de Tibagi, que posteriormente converteu-se em Colônia Paranaíba, cujo topônimo é resultado da junção dos nomes dos rios limítrofes. Este local ficou conhecido como Fazenda Brasileira, onde o núcleo central corresponde ao atual espaço urbano do município de Paranaíba (NOVAES, 1984).

Em 1929, os diretores da BRAVIACO, Geraldo Rocha, Landolfo Alves de Almeida e Humberto Alves de Almeida, fundaram juntamente a sede da Fazenda o Distrito de Montoya, pertencente a comarca de Tibagi (CARGNIN, 2001).

Data dessa época o início da decadência da povoação e da localidade. Talvez devido à burocracia existente e às dificuldades dela resultantes, verificou-se verdadeiro êxodo na população que, após muito sacrifício, abandonava o patrimônio para fixar-se noutra localidade.

Em 1933 a Fazenda Brasileira foi entregue ao Interventor Manoel Ribas e da Companhia restavam apenas alguns integrantes, entre eles o Capitão Telmo Ribeiro, homem de confiança de Manoel Ribas. A Colônia estava ligada unicamente ao Estado de São Paulo, pela estrada de Presidente Prudente, assim Manoel Ribas resolveu determinar a abertura de um picadão que, partindo de Arapongas, ligasse Paranaíba com o resto do Estado. Esse caminho foi novamente aberto e melhorado

em 1939 por Telmo Ribeiro e desde a sua abertura ficou conhecido pela denominação de Estrada Boiadeira (ALCÂNTRA, 1987).

A segunda fase corresponde à outra etapa da titulação de Terras do Noroeste do Paraná. Em 1943 foram solicitados os primeiros lotes à Inspetoria Estadual. As terras eram vendidas pelo governo, as propriedades eram de dimensões variadas, conforme sua localização mais próxima ou mais distante em relação à sede da Colônia.

Aproximadamente oitenta casas e quinhentos habitantes já haviam se instalado até o ano de 1944 na antiga Fazenda Brasileira. Neste mesmo ano, o engenheiro Francisco Almeida Faria realizou a demarcação da cidade e o local foi denominado de Colônia Paranavaí, como citado anteriormente (SILVA, 1988).

A Colônia foi dividida em 30 glebas com aproximadamente 15.000 alqueires cada. Esse período foi marcado por muitos conflitos sangrentos provocados pela disputa de posse de terras. Contudo, isso não atrapalhou o crescimento da população.

Pela Lei nº 2, de 11 de outubro de 1947, Paranavaí tornou-se Distrito de Mandaguari e em 1950, quando já comportava 25.520 habitantes, é elevado a município através da Lei 790 de 14 de novembro de 1951, mas somente em 14 de dezembro de 1952 ocorre sua instalação. É nessa década que a região é atingida pela expansão cafeeira, fato que proporcionou à localidade novo surto de progresso, que nem mesmo as geadas catastróficas de 1953 e 1955 conseguiram paralisá-lo ou retardá-lo (ALCÂNTRA, 1987).

Após a rápida ocupação, Paranavaí e toda a microrregião perdeu significativa parte da população a partir de 1962, com a decadência da cafeicultura e o empobrecimento do solo. Com a erradicação do café na década de 70, fortaleceu-se a criação de gado o que levou Paranavaí ao status de principal centro da pecuária de corte de leite do Estado (NOVAES, 1984).

A citricultura iniciou-se na década de 80 e teve a adesão de um grande número de produtores. O café voltou a ser cultivado na região na década de 90, por meio de

técnica de adensamento. Paranavaí tornou-se também a maior produtora nacional de mandioca.

3.2 Evolução da ocupação do espaço urbano

Não sendo, pois, uma cidade planejada, Paranavaí nasceu e cresceu espontaneamente, produzindo espaços sem preocupação com a harmonia da organização.

Logo no início de sua fundação Paranavaí teve seu crescimento urbanístico prejudicado em virtude de um intenso deslocamento de povoados de outras regiões para a cidade. Essas comunidades não vieram com o intuito de radicar-se em Paranavaí, e sim com espírito aventureiro, ligados apenas aos interesses da lavoura do café, tentando um fácil enriquecimento. Com isso surgem problemas relacionados à densidade de ocupação, pois não havia estrutura suficiente para absorver esta população, mesmo com as características morfológicas que a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná tentou estabelecer através de um plano inicial pré-estabelecido definindo a forma urbana e ordenando a ocupação do espaço físico e as futuras expansões (NOVAES, 1984).

O início do traçado urbano se deu numa superfície com forma de um quadrado, que possui como centro geométrico o chamado quadro urbano, onde está localizado o segundo Terminal Rodoviário do município, construído em 12/12/1956 e a Praça Brasil (Figura 1). O crescimento deste núcleo central ocorreu com relativa organização, porém além destes limites, no início em direção leste, a procura de terrenos de cota mais alta, a ocupação se deu sem respeitar os parâmetros inicialmente definidos, com mudanças de orientação e dimensões das quadras.

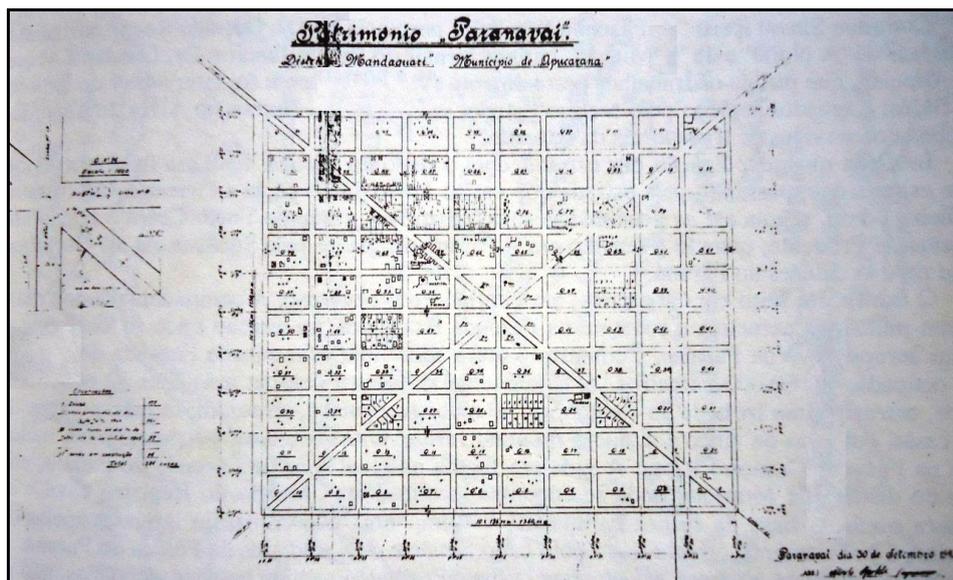


Figura 1 – Traçado urbano de Paranavaí - 1945
Fonte: Silva (1988, p. 35).

O setor norte, apresentando obstáculos naturais (Ribeirão Paranavaí e erosão), levou mais tempo para se desenvolver, contando hoje com vários loteamentos e relativo crescimento.

Tendo em vista o expressivo desenvolvimento apresentado pela cidade no perímetro urbano, a prefeitura iniciou a implantação de jardins residenciais, dispostos de acordo com a forma das propriedades, aproveitando ao máximo da terra. Com o decorrer dos anos o centro comercial expandiu e junto com esse crescimento surgem novas atividades econômicas, atraindo novos habitantes. Atualmente pode ser considerada bem estruturada como cidade de médio porte, e com o compromisso de crescer cada vez mais na atividade de industrialização.

3.3 Aspectos Geográficos

Localizado geograficamente no Terceiro Planalto Paranaense, mais precisamente no Noroeste do estado, com altitude média de 503 m o município de Paranavaí é cortado pelo Trópico de Capricórnio (Figura 2) e encontra-se entre as duas grandes bacias hidrográficas da região, as dos rios Paranapanema e Ivaí. O rio Paranapanema que materializa a divisa entre Paranavaí e o Estado de São Paulo se destaca como rio principal do município. A área urbana está localizada entre as

nascentes dos ribeirões Paranavaí e Suruquá, afluentes do Rio Ivaí, e se desenvolve entre as cotas 950m e 500m sobre o nível do mar (WONS, 1994; NOVAES, 1984).

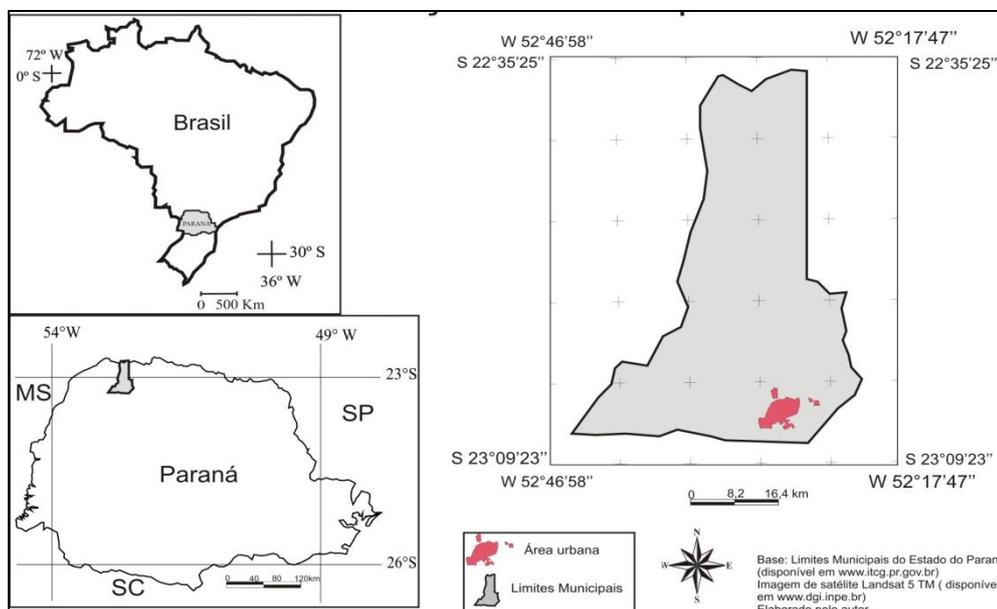


FIGURA 2. Mapa de localização do Município de Paranavaí-PR

Com 1.202, 151 km² de área e uma população de 81.590 habitantes, o município é a sede da Microrregião Paranavaí, dividida em 29 municípios (WONS, 1994; IPARDES, 2010).

Predomina em toda a região o Latossolo Vermelho escuro Distrófico, solo arenoso oriundos do Arenito Caiuá da Série São Bento, o qual é constituído de arenitos eólicos, altamente desagregáveis com algumas intercalações argilosas. Forma um manto contínuo com espessura máxima de 270 m e que é constituído de três camadas principais, com características diversas, com suscetibilidade à erosão, extremamente susceptível à erosão. O relevo é suavemente ondulado e praticamente plano (IPARDES, 2010; NOVAES, 1984).

Possui clima Subtropical Úmido Mesotérmico sem estação seca definida, com verão quente e geadas menos frequentes (temperatura média do mês mais quente acima de 22°C). A distribuição das precipitações apresenta uma maior intensidade nos meses quentes (dezembro, janeiro e fevereiro). A média anual de precipitação é de 1200 a 1400 mm (WONS, 1994; IAPAR, 1978).

A cobertura vegetal do município de Paranavaí, antes da ocupação apresentava a seguinte formação: Floresta Estacional Semidecidual – A mata pluvial tropical recobria 100% da área do município caracterizava-se por apresentar em sua maior parte o tipo “cerradão”, o qual é um mato menos exuberante com notável escassez de Palmáceas, estendendo-se unicamente sobre os solos arenosos oriundos do Arenito Caiuá. Somente uma pequena área, ao sul do município era dotada de palmeiras, com abundância de exemplares da *Euterpe edulis*, conhecida por palmito, constituindo frequentemente densos agrupamentos (MAACK, 1981; NOVAES, 1984; IBGE, 1992).

Segundo Stipp (2006) essa cobertura deu lugar aos cultivos agrícolas e às pastagens, restando somente alguns fragmentos cercados por matrizes completamente alteradas. Na cidade de Paranavaí, as matas praticamente desapareceram, restando apenas algumas áreas residuais (Figura 3).

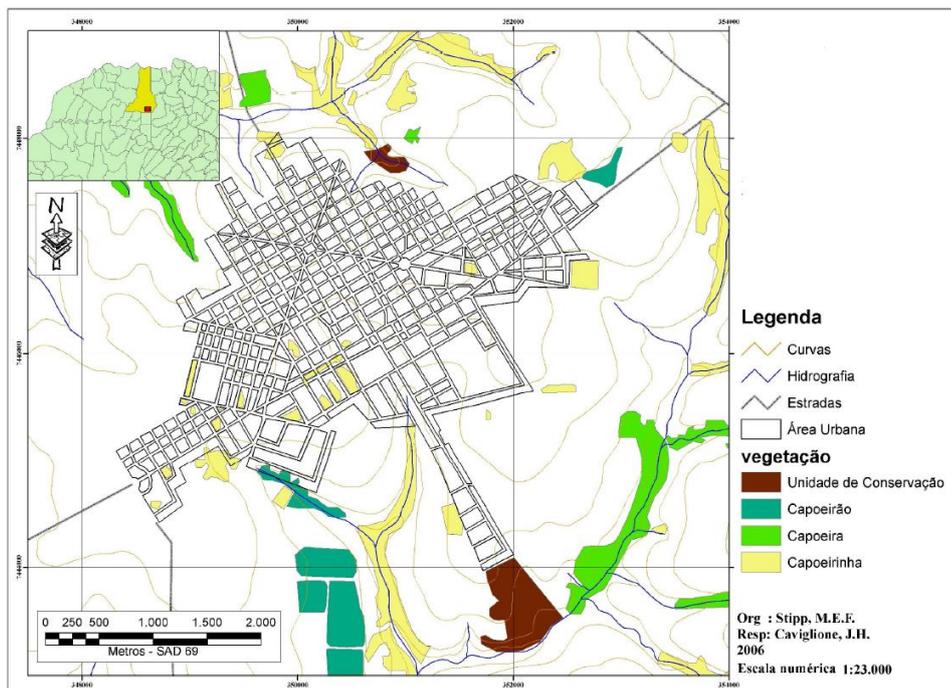


FIGURA 3 – Carta de vegetação remanescente na área urbana de Paranavaí
 Fonte: Stipp (2006).

Essa supressão das matas marginais de galeria reduziu e até eliminou a conectividade entre esses fragmentos florestais, comprometendo a manutenção da biodiversidade regional.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho foi a proposta por De Angelis (2000), que consiste na aplicação, *in loco*, de dois formulários, sendo um de levantamento quantitativo de estruturas e/ou equipamentos existentes nas praças, e outro de análise qualitativa. No primeiro formulário é verificada a existência de 23 itens e as suas referidas quantidades, no segundo 30 itens são avaliados (Quadro 1 e 2).

QUADRO 1 – Formulário de levantamento quantitativo dos equipamentos e estruturas

Praça nº _____		
Nome da praça:		
Localização:		
Bairro:		
Forma geométrica: { } quadrangular { } circular { } retangular { } triangular { } outra _____		
Área: _____ m ²		
Data de avaliação: ___/___/___		
EQUIPAMENTOS/ESTRUTURAS	SIM	NÃO
01. Bancos – quantidade: _____ material:		
02. Iluminação: () alta () baixa		
03. Lixeiras - quantidade:		
04. Sanitários - quantidade:		
05. Telefone público - quantidade:		
06. Bebedouros - quantidade:		
07. Caminhos – material:		
08. Palco/ Coreto		
09. () monumento () estátua () busto		
10. Espelho d'água/chafariz		
11. Estacionamento		
12. Ponto de ônibus		
13. Ponto de táxi		
14. Quadra esportiva - quantidade:		
15. Para prática de exercícios físicos – equipamentos:		
16. Para terceira idade – estruturas:		
17. Parque infantil – equipamentos:		
18. Banca de revista		
19. Quiosque de alimentação ou similar		
20. Identificação		
21. Edificação institucional		
22. Templo religioso		
23. Rampa de acesso		
24. Outros		

Fonte: De Angelis (2000). Efetuada modificação no quadro original: acréscimo do item rampa de acesso.

QUADRO 2 – Formulário de avaliação qualitativa dos equipamentos e estruturas

Praça nº _____	
Nome da praça:	
Localização:	
Bairro:	
Forma geométrica: { } quadrangular { } circular { } retangular { } triangular { } outra _____	
Área: _____ m ²	
Data de avaliação: ___/___/___	
ITENS AVALIADOS	NOTA
01. Bancos	
02. Iluminação alta	
03. Iluminação baixa	
04. Lixeiras	
05. Sanitários	
06. Telefone público	
07. Bebedouros	
08. Piso	
09. Traçado dos caminhos	
10. Palco/ Coreto	
11. () monumento () estátua () busto	
12. Espelho d'água/chafariz	
13. Estacionamento	
14. Ponto de ônibus	
15. Ponto de táxi	
16. Quadra esportiva	
17. Equipamentos para exercícios físicos	
18. Estruturas para terceira idade	
19. Parque infantil	
20. Banca de revista	
21. Quiosque para alimentação ou similar	
22. Vegetação	
23. Paisagismo	
24. Localização: () zona residencial () zona comercial () zona industrial () zona mista	
25. Manutenção das estruturas físicas	
26. Limpeza	
27. Segurança	
28. Conforto acústico	
29. Conforto térmico	
30. Conforto visual	
31. Identificação	
32. Rampas de acesso	

Fonte: De Angelis (2000). Efetuadas modificações no quadro original: acréscimo dos itens rampa de acesso e identificação.

Acrescentou-se aos formulários o item rampa de acesso, e ao segundo, incluiu-se o item identificação dos logradouros; na avaliação qualitativa dos itens piso, caminho, telefone público, sanitário e bebedouro, considerou-se, além dos requisitos anteriormente estabelecidos, o enquadramento destes dentro dos padrões de acessibilidade.

Quanto à forma de avaliação qualitativa, cada um dos trinta e dois itens foi avaliado por conceitos ruim, regular, bom e ótimo, aos quais correspondem notas que variam em uma escala de 0,0 (zero) a 4,0 (quatro), conforme segue: 0 —| 1,0 ↔ ruim; 1,0 — 2,0 ↔ regular; 2,0 —| 3,0 ↔ bom; 3,0 — 4,0 ↔ ótimo, (DE ANGELIS, 2005).

Para evitar diferentes avaliações para um mesmo equipamento, De Angelis (2000) propõe que se estabeleça, previamente, critérios e parâmetros rígidos de avaliação, conforme apresentado na sequência:

- Bancos: estado de conservação, material empregado em sua confecção, conforto, locação ao longo dos caminhos, se recuados ou não, distribuição espacial – se em áreas sombreadas ou não, desenho, quantidade.
- Iluminação: alta ou baixa – em função da copa das árvores, tipo – poste, super poste, baliza, holofote, localização, conservação, atendimento ao objetivo precípuo.
- Lixeiras: tipo, quantidade, localização, funcionalidade, material empregado, conservação.
- Sanitários: condições de uso, conservação, quantidade, adaptação as PMR*.
- Telefone público: localização – na praça, próximo ou distante, conservação, adaptação aos PMR.
- Bebedouros: tipo, quantidade, condições de uso, conservação, adaptação aos PMR.
- Piso: material empregado, funcionalidade e segurança, conservação adaptação as PMR.
- Traçado dos caminhos: funcionalidade, largura, manutenção, desenho adaptação as PMR.
- Palco/coreto: funcionalidade, conservação, desenho, uso – freqüente, esporádico, sem uso, se compatível com o desenho da praça.
- Monumento/estátua/busto: significância da obra de arte, conservação, inserção no conjunto da praça.
- Espelho d'água/chafariz: em funcionamento, se inserido ou não no contexto da praça, conservação.
- Estacionamento: conservação, sombreamento, segurança.

* Pessoas com mobilidade reduzida

- Ponto de ônibus e de táxi: se na praça, próximo ou distante, presença ou não de abrigo, conservação.
- Quadra esportiva: quantidade, conservação, material empregado, com iluminação, esportes passíveis de serem praticados, cercada.
- Equipamentos para prática de exercícios físicos: tipo e quantidade; material empregado; conservação.
- Estrutura para a terceira idade: estruturas existentes; conservação; compatibilidade de uso com os usuários.
- Parque infantil: brinquedos que o compõem, material empregado e cor, se em área reservada e protegida, conservação, compatibilidade de uso com os usuários.
- Banca de revistas: localização – periférica ou central, em evidência ou não, material empregado em sua construção, desenho, estética – se compatível com a praça.
- Quiosque para alimentação e/ou similar: tipo – trailer, carrinho, construção em alvenaria, higiene, estética, localização.
- Segurança: em função da localização, frequência de pessoas, policiamento e conservação.
- Manutenção das estruturas físicas: estado geral dos equipamentos e estruturas.
- Limpeza: varrição dos gramados e caminhos.
- Localização: se próxima ou distante de centros habitados, facilidade de acesso.
- Vegetação: estado geral; manutenção.
- Paisagismo: escolha e locação das diferentes espécies, criatividade, inserção do “verde” no conjunto.
- Conforto acústico: presença de agentes causadores de barulho.
- Conforto térmico: relação entre área sombreada e não, impermeabilização da área da praça e seu entorno.
- Conforto visual: harmonia entre elementos construídos e vegetação, característica visual do entorno.
- Identificação: estado de conservação.
- Rampa de acesso: se atende os parâmetros de acessibilidade presentes na Lei 10.098 de 19 de dezembro de 2000 e orientados pelas Normas da Associação

Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, sobretudo a NBR 9050:2004; estado de conservação.

Para cada praça realizou-se uma análise sucinta, baseada no procedimento adotado por Remolli (2010), onde se tem uma fotografia da área em estudo, seguida por um quadro contendo dados sobre topônimo, localização, área, lei de criação, formato, tipologia, presença de equipamentos e/ou estruturas e a espécie de vegetação existente. Acrescentou-se ao quadro os itens classificação toponímica e inserção na malha urbana.

O enquadramento das praças segundo seu topônimo foi realizado conforme a classificação utilizada por De Angelis e De Angelis Neto (2001), onde constam três categorias: hiero-hagiotopônimo (relacionado com nomes sagrados), antropotopônimo (relacionado com nome das pessoas), histo-sociotopônimo (relacionado com nomes, fatos e datas de caráter social e/ou histórico). Em relação àquelas sem denominação legal, neste caso consideramos os topônimos empregados popularmente.

Para classificar a praça quanto a sua tipologia, considerou-se o seu caráter funcional, chegando à seguinte categorização: *praça de passagem* – quando utilizada como lugar de circulação de fluxo de veículos e/ou pedestres; *praça de permanência* – quando utilizada para fins de lazer e recreacionais; *praça de igreja* – quando há em seu espaço um templo religioso; *praça esportiva* – quando possui alguma estrutura para a prática de esportes; e *praça de significação visual* – quando há em seu espaço edifícios ou elementos arquitetônicos que são como referencial para a praça. Ressalta-se que uma mesma praça pode ter vários usos, portanto, não está limitada à somente uma classificação, neste caso, para categorizá-la, levamos em consideração o uso predominante do seu espaço.

Quanto ao entorno da praça, este foi definido pelas construções que a circundam, podendo ser *residencial* – quando há no entorno somente residências; *comercial* – quando há no entorno somente comércio; e *misto* – quando há no entorno tanto residências como comércio.

A categorização das praças segundo sua inserção na malha urbana foi realizada baseada na classificação empregada por De Angelis (2000), onde constam cinco tipos e nove subtipos diferentes de inserção. No entanto, em consonância com as peculiaridades de Paranavaí, foi necessário adicionar novas tipologias e subtrair algumas que não ocorrem na área de estudo. Dessa forma, chegou-se à seguinte categorização:

TIPO 1 – Praças circulares conformadas por uma única via.

É uma praça de distribuição do trânsito, formada por uma via que a circunda, onde várias vias, geralmente em número de quatro, desembocam na mesma (Figura 4 - A).

Ex. Praças Edith Ebiner, Luciano Eugenio, Recanto Japonês, José Kirchner, Dos Expedicionários, do Rotary.

TIPO 2 – Praças conformadas por duas vias.

Subtipo a - O espaço se forma em um ângulo resultante da interseção de duas vias, sem que estas interrompam a continuidade da praça. Na parte posterior da praça encontram-se edificações.

Ex. Praças Santos Dumont, Papa João Paulo XXIII, São José Operário, Dom Benjamim (Figura 4 - B).

Subtipo b – O espaço encontra-se dividido em quatro partes, formando assim uma praça descontínua, cuja delimitação é formada pelo cruzamento de duas vias (Figura 4 - C).

Ex. Antonio Galindo e Flavio Giovine.

TIPO 3 - Praças conformadas por três vias.

Praças triangulares criadas a partir da interceptação de três vias, formando a referida figura geométrica (Figura 5 – D).

Ex. Praças Oscar Garbo, Panorama e Mario Correia de Oliveira.

TIPO 4 - Praças conformadas por quatro vias.

Originam praças de formato retangular, losango e trapézio frutuos que são do cruzamento de quatro vias, sendo duas a duas paralelas entre si (figura 05 – E e F).

Ex. Brasil, Praças Sinval Reis, Rodrigo Ayres, Dos Pioneiros, Ida Ravizoni Dal-Prá, Frei Estanislau José de Souza, Sem denominação, Thaisa Romero Dias Lima, Rosa de Siqueira Botelho, Pioneiro Benedito Dal Ponte.

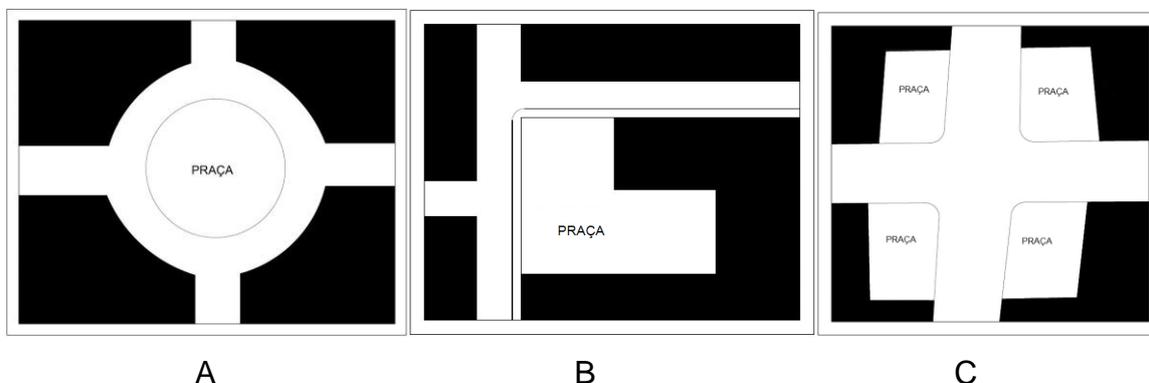


FIGURA 4 – Esquema de praças dos tipos 1 e 2

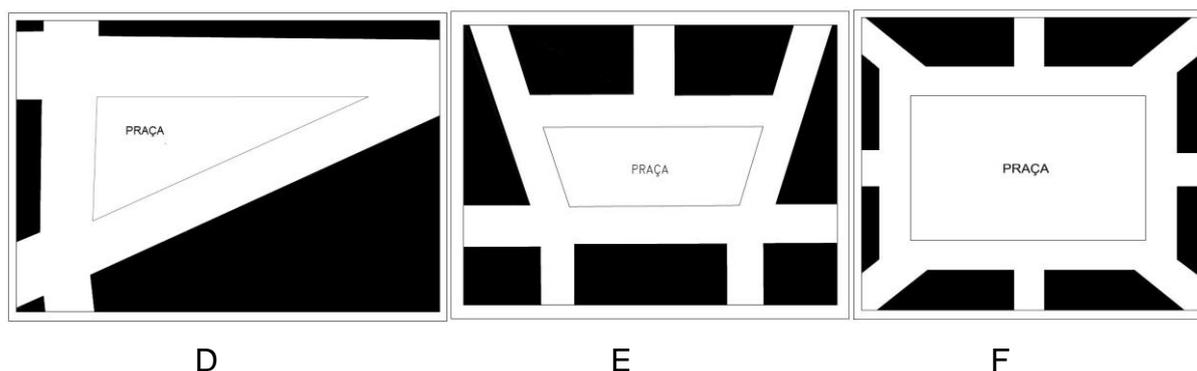


FIGURA 5 - Esquema de praças dos tipos 3 e 4

Acrescentou-se uma descrição concisa de cada logradouro, tendo em vista a necessidade de informar situações que não puderam ser dispostas no quadro, devido a sua complexidade, e na sequência inseriu-se o croqui de cada praça para visualizar a distribuição dos equipamentos e/ou infraestruturas e vegetação no seu espaço, assim como sua inserção na malha urbana.

Para agilizar a apresentação do trabalho e evitar a repetição de nomes no quadro descritivo das praças, optou-se pelo procedimento empregado por De Angelis (2000), qual seja a elaboração de siglas que correspondem aos equipamentos respectivos (Quadro 3).

Houve a necessidade de se adicionar novos equipamentos e/ou estruturas, que foram gradativamente introduzidos nas praças, ou então passaram a ser exigidos por lei, como as rampas de acesso, piso tátil, sanitários, estacionamentos e telefones públicos adaptados para portadores de necessidades especiais.

Dessa forma, acrescentou-se como um dos quesitos avaliatórios para os itens piso, sanitários, estacionamento e telefone público, a adaptação destes para PMR, e o enquadramento dentro dos parâmetros de acessibilidade exigidos por lei específica (Lei 10.098 de 19/12/2000) e orientados pelas Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, sobretudo a NBR 9050:2004.

QUADRO 3 - Abreviaturas dos equipamentos e/ou estruturas utilizadas

EQUIPAMENTO E/OU ESTRUTURA	SIGLA
Bancas de revista	Br
Bancos	Bn
Bebedouros	Bb
Caminhos calçados	Cc
Coreto	Cr
Edificação institucional	Ei
Espelho d'água/chafariz	Ec
Estacionamento	Et
Estrutura para terceira idade	Ed
Equipamentos para prática de exercícios físicos	Ef
Igreja	Ig
Identificação do logradouro	Id
Iluminação alta	Ia
Iluminação baixa	Ib
Lixeira	Lx
Monumento, busto, estátua	Mt
Palco	PI
Parque infantil	Pq
Ponto de ônibus	Po
Ponto de táxi	Pt
Quadra esportiva	Qd
Quiosque de alimentação	Qq
Sanitário	St
Telefone público	TI
Rampas de Acesso	Rp

Fonte: De Angelis (2000). Modificação no quadro original: acréscimo do item rampa de acesso.

A metodologia que utilizada para o levantamento quali-quantitativo da vegetação, está baseada na proposta por De Angelis et al. (2005), onde se tem a contagem individual das espécies arbóreas e de palmáceas, e a medição das áreas com a presença de espécies arbustivas e herbáceas (ou forrações). Os diferentes grupos

vegetais foram classificados de acordo com o gênero e espécie a que pertencem, assim como a família botânica. Para identificação botânica dessas espécies vegetais utilizou-se as seguintes bibliografia: Lorenzi (1996; 1998); Lorenzi *et al.* (1997); Lorenzi e Souza (1999). A avaliação qualitativa da vegetação está contemplada na avaliação qualitativa dos equipamentos e estruturas (Quadro 2).

5 AS VINTE E CINCO PRAÇAS DE PARANAÍ

Uma análise específica em cada uma das vinte e cinco praças de Paranaíba torna-se imprescindível para atingir os objetivos propostos neste trabalho. Principiou-se por localizar estes logradouros no perímetro urbano da cidade e, com base na divisão espacial adotada no Plano Diretor de Paranaíba (2008), que consiste na delimitação de unidades de planejamento que possuem características ou objetivos comuns, realizou-se a distribuição das praças. Essas unidades de planejamento, denominadas de zonas no estudo em tela, perfazem um total de nove zonas situadas no perímetro urbano de Paranaíba. (Figura 6; Quadro 4).

De acordo com o Plano Diretor Municipal as zonas 1, 2 e 3 estão localizadas na Macrozona Urbana de Consolidação, a parte mais antiga da sede urbana, de maior adensamento populacional e construtivo do município, além de concentração comercial e serviços de pequeno porte nas principais vias arteriais e de grande porte na extensão da Avenida Deputado de Alencar Furtado. Nessas zonas também ocorre incidência de regiões de alto poder aquisitivo, principalmente nas zonas 1 e 2, além de alta incidência de infraestrutura de qualidade e de condomínios fechados (Art. 90). Nessa região há uma concentração de praças públicas, somente as zonas 1 e 2 detém 48% do total de 25 praças.

As zonas 4, 5, 6, 7 e 9 encontram-se na Macrozona Urbana de Qualificação, região com menor incidência de infraestrutura e equipamentos públicos, onde há uma predominância de moradores de baixo poder aquisitivo, alta vulnerabilidade social, condição habitacional precária e irregularidade fundiária (Art. 96). Nessas 5 zonas existem apenas 12 praças públicas, sendo a maioria de pequeno porte. A zona 8 localiza-se na Macrozona de Urbana Expansão Orientada, região onde há concentração de propriedades vazias, com tendência de expansão da malha urbana. Nesta zona não foram encontradas praças públicas (Art. 94).

De acordo com a lei municipal Nº 1.250/88, que dispõe sobre o parcelamento do solo para fins urbanos, os loteamentos deverão apresentar uma percentagem de no mínimo 35% (trinta e cinco por cento) da área a lotear, que correspondem as áreas de circulação, áreas verdes e institucionais, salvo nos loteamentos destinados ao

uso industrial cujos lotes forem maiores que 10.000 m² (dez mil metros quadrados), caso em que a percentagem poderá ser reduzida.

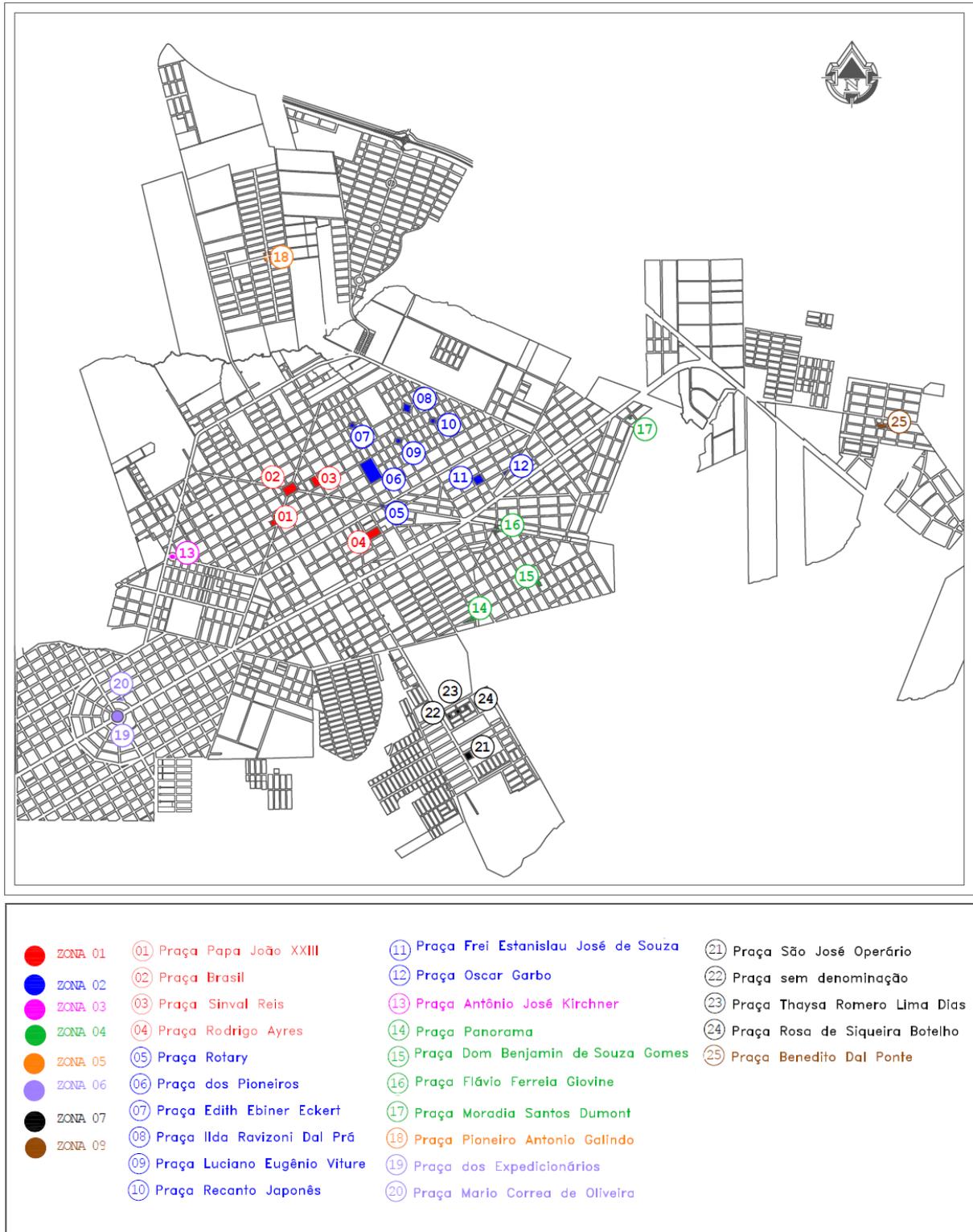


FIGURA 6 – Croqui do perímetro urbano da cidade de Paranavaí e localização das praças
 FONTE: Secretaria de Desenvolvimento Urbano. Prefeitura do Município de Paranavaí (2010).
 ORGANIZAÇÃO: Rose Héliida Astolfo Freire, 2011.

QUADRO 4 – Relação das praças do Perímetro Urbano de Paranavaí

Nº	Praça	Localização	Zona
01	Papa João XXIII	R. Pará x R. Antônio Felipe x R. Getúlio Vargas	1
02	Brasil	R. Ceará x R. Armando C. Araújo x R. Sergipe x Oswaldo Brandão	1
03	Sinval Reis	R. Bahia x R. Marechal C. Rondon x R. Antônio Felipe x R. Sérgio V. Moraes	1
04	Rodrigo Ayres	R. Adib Aburab x R. Salgado Filho x R. Amapá x R. Guapore	1
05	Rotary	R. Luiz Spigolon x Av. Paraná x Av. Parigot de Souza x	2
06	Dos Pioneiros	R. Antônio Felipe x R. Manoel Ribas x R. Luiz Spigolon x R. Edson Martins	2
07	Edith Ebner Eckert	R. Edson Martins x R. Ind. Antonio Fachin	2
08	Ida Ravizoni Dal-Prá	R. Antonio Vendramin x R. Prudentópolis	2
09	Luciano Eugênio Vitore	R. Antônio Felipe x R. Castro	2
10	Recanto Japonês	R. Antônio Felipe x R. Rio Negro	2
11	Frei Estanislau José de Souza	R. Luiz Duri Gani x R. Nelson Hungria x R. XV de novembro x R. Jonh Kennedy	2
12	Oscar Garbo	R. Jonh Kennedy x R. Guerino Domim x R. Jose Lucas Sobrinho	2
13	Antonio José Kirchner	Av. Pres. Tancredo Neves x Av. Pres. Juscelino Kubitschek de Oliveira x R. Herculano Rubim Toledo x R. Mato Grosso	3
14	Panorama	R. Takeshi Mitsuyasu x R. Ebano Pereira x R. Trophino Alves Budal	4
15	Dom Benjamim de Souza Gomes	R. Takeshi Mitsuyasu x Martins S. do Nascimento x R. João Salvador x Vitor Lopes	4
16	Flávio Ferreira Giovine	R. Sineval Fortes x R. Luiz Zards x R. Antonio Jose da Silva	4
17	Moradias Santos Dumont	R. Moisés Roque x R. Riciele Volpato	4
18	Pioneiro Antônio Galindo	Av. Mauá x Av. Domingo Sanches	5
19	Dos Expedicionários	Av. Dep. Heitor de Alencar Furtado x Av. Euclides da Cunha x R. Emilio de Menezes x R. Bento Gonçalves	6
20	Mario Correa de Oliveira	R. Oscarlino Carvalho Duarte x R. Barão de Guarapuava	6
21	São José Operário	Rua F x Av. Martin Luther king	7
22	Sem denominação	R. Washington Picoreli x Job Jacob de Freitas x Rua D x R. Guinter Wolfgang Koehler	7
23	Thaisa Romero Dias Lima	R. Washington Picoreli x Job Jacob de Freitas x Rua B x Rua C	7
24	Rosa de Siqueira Botelho	R. Washington Picoreli x Job Jacob de Freitas x Rua 2 x Rua A	7
25	Pioneiro Benedito Dal Ponte	R. Ângelo Bigoto x R. Adolpo Canato x R. Maristela x R. Paraíso	9

FONTE: Prefeitura do Município de Paranavaí, 2010.

ORGANIZAÇÃO: Rose Héliida Astolfo Freire, 2010.

5.1 Caracterização e levantamento quantitativo

Através da caracterização e do levantamento quantitativo das praças de Paranavaí, pode-se ter uma noção da real situação desses logradouros na cidade. É importante

destacar que o volume de informações poderá apresentar variações entre as praças, tendo em vista as peculiaridades de cada espaço.

5.1.1 - PRAÇA PAPA JOÃO XXIII

Nº 01

Esta é uma praça que apesar de ter uma igreja em seu recinto, não recebe o seu nome. Neste caso vamos encontrar edificada a Igreja São Sebastião, a primeira construída na cidade, quando esta ainda era colônia. Recentemente foi revitalizada, perdendo grande parte das características da antiga praça. Novos equipamentos e estruturas foram inseridos, inclusive piso tátil, estacionamento especial para PMR e rampa de acesso. Completa o conjunto da praça uma estátua estilizada de Nossa Senhora Aparecida com o menino Jesus situada em frente a igreja e no centro do logradouro. O excesso de iluminação gera a impressão de uma “plantação de postes”, em locais que poderiam ter frondosas árvores (Figuras 7 e 9).



FIGURA 7 – Foto panorâmica da Praça Papa João XXIII
Rose Héli da Astolfo Freire – 07/03/11.

LOCALIZAÇÃO: R. Pará x R. Antônio Felipe x R. Getúlio Vargas – Zona 1								
ÁREA: 1.584 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: -			FORMATO: Quadrangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	la - não	lb - sim	Lx - sim	St - não	Tl - não	Bb - não	Cc - sim	Mt - sim
Ec - não	Et - sim	Po - não	Pt - não	Qd - não	Ef - não	Ati - não	Pq - não	Br - não
Qq - não	ld - sim	Ei - não	Ig - sim	Pl - não	Ct - não	Rp - sim		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	02 <i>Cássia fistula</i> (Acácia Imperial), 01 <i>Licania tomentosa</i> (Oiti), 01 <i>Tabebuia heptaphylla</i> (Ipê Roxo),							
ARECACEAE	08 <i>Dypsis madagascariensis</i> (Areca de locuba), 02 <i>Roystonea oleracea</i> (Palmeira Imperial), 02 <i>Wodyetia bifurcata</i> (Palmeira rabo-de-raposa)							

ARBUSTIVA	<i>Agave tequiliana</i> (Agave azul), <i>Camellia japônica</i> (Camélia), <i>Cycas revoluta</i> (Cica), <i>Dracaena reflexa</i> (Pleomele), <i>Eugenia sprengelli</i> (Murta), <i>Ixora coccínea</i> (Ixora), <i>Ligustrum sinense variegatum</i> (Ligustrinho), <i>Pandanus veitchii</i> (Pandano-veitchi).	
FORRAÇÃO	<i>Dianella ensifolia</i> (Dianela), <i>Dietes bicolor</i> (Moréia), <i>Liriope muscari</i> (Barba-de-serpente), <i>Zoysia japônica</i> (Gramma-esmeralda).	
TIPOLOGIA: Religiosa		ENTORNO: Comercial
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por duas vias com edificações na parte oeste.		
OBSERVAÇÃO: Não possui lei de criação, mas é conhecida pela tradição popular pelo nome de Praça Papa João XXIII.		
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Hiero-hagiotopônimo		

5.1.2 PRAÇA BRASIL

Nº 02

Uma das mais antigas praças da cidade. Embora não se tenha uma data exata de sua implantação, é sabido que o segundo terminal rodoviário do município foi construído em 12/12/1956, em seu recinto. Encontra-se localizada no ponto mais central de Paranavaí, por onde deu início o traçado urbano; por esse motivo, é uma praça de passagem obrigatória para pedestres e veículos. O antigo terminal rodoviário, cujo funcionamento foi até 02/08/1996, atualmente consiste no principal ponto de transporte coletivo que interliga todos os bairros da cidade incluindo Vilas Rurais e alguns Distritos. Nela também está situada a Secretaria Municipal de Educação, além de estruturas para abrigar o comércio informal. Até o ano de 2010 existia um conjunto de sanitários, desativado naquela época devido às ações vandálicas realizadas no seu espaço.

Apesar de estar bem localizada e abrigar intenso fluxo de pedestres e veículos, esta praça consiste em uma área de repulsão social, pois é um dos locais mais “temidos” de Paranavaí, devido ao péssimo estado de conservação em que se encontra associado à constante prática de atividades ilícitas em seu recinto. Seu território é dividido entre pedestres, comerciantes informais, pessoas desabrigadas, prostitutas, usuários de drogas, vândalos, e uma frota de ônibus responsável pelo deslocamento da população para diversas áreas da cidade.

Em seu entorno situam-se algumas lojas comerciais, bares e hotéis de quinta categoria. O sistema de iluminação é deficiente, uma vez que existe em apenas um lado da praça. Os bancos, em péssimo estado de conservação, são alvos constantes das ações vandálicas. Esta é a única praça que possui um ponto de táxi na cidade, porém, assim como a maioria dos equipamentos e infraestrutura deste logradouro, encontra-se em péssimas condições para uso (Figuras 8 e 10).



FIGURA 8 – Foto panorâmica da Praça Brasil
Rose Héli da Astolfo Freire – 03/02/2011.

LOCALIZAÇÃO: R. Ceará x R. Armando Castro Araújo x R. Sergipe x Osvaldo Brandão – Zona 1								
ÁREA: 9.115 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: -			FORMATO: Retangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	la - não	lb - sim	Lx - sim	St - não	TI - sim	Bb- não	Cc - sim	Mt – sim
Ec - não	Et - sim	Po– sim	Pt – sim	Qd - não	Ef - não	Ati - não	Pq - não	Br – não
Qq- não	Id – sim	Ei – sim	Ig – não	PI - não	Ct - não	Rp- não		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	31 <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna), 02 <i>Licania tomentosa</i> (Oiti), 05 <i>Tabebuia heptaphylla</i> (Ipê roxo), 01 <i>Thuja orientalis</i> (Tuia compacta).							
ARBÓREA FRUTÍFERA	03 <i>Hymenaea courbaril</i> (Jatobá), 01 <i>Mangifera indica</i> (Mangueira), 01 <i>Tamarindus indica</i> (Tamarindo), 01 <i>Carica papaya</i> (Mamoeiro).							
ARECACEAE	01 <i>Cocos nucifera</i> (Coqueiro-da-bahia), 04 <i>Dypsis lutescens</i> (Areca bambu).							
ARBUSTIVA	<i>Dracaena fragans</i> (Coqueiro-de-vênus), <i>Agave americana</i> (Pita),							
FORRAÇÃO	<i>Paspalum notatum</i> (Gramma-mato-grosso).							
TIPOLOGIA: Praça de passagem					ENTORNO: Comercial			
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por quatro vias.								
OBSERVAÇÃO: Não possui lei de criação, mas é conhecida pela tradição popular pelo nome de Praça Brasil.								
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Topônimo geográfico								

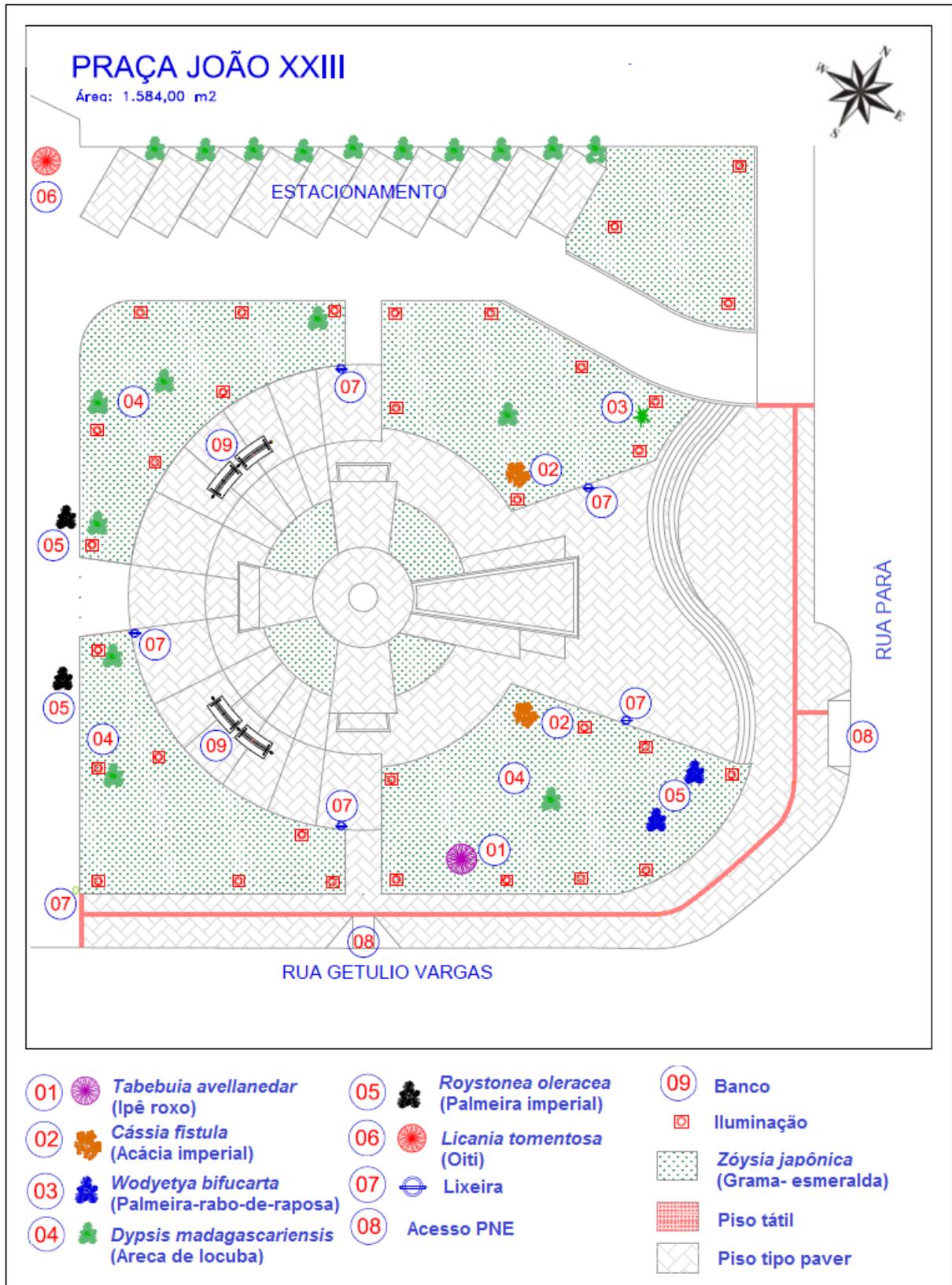


FIGURA 9 – Croqui da Praça Papa João Paulo XXIII
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

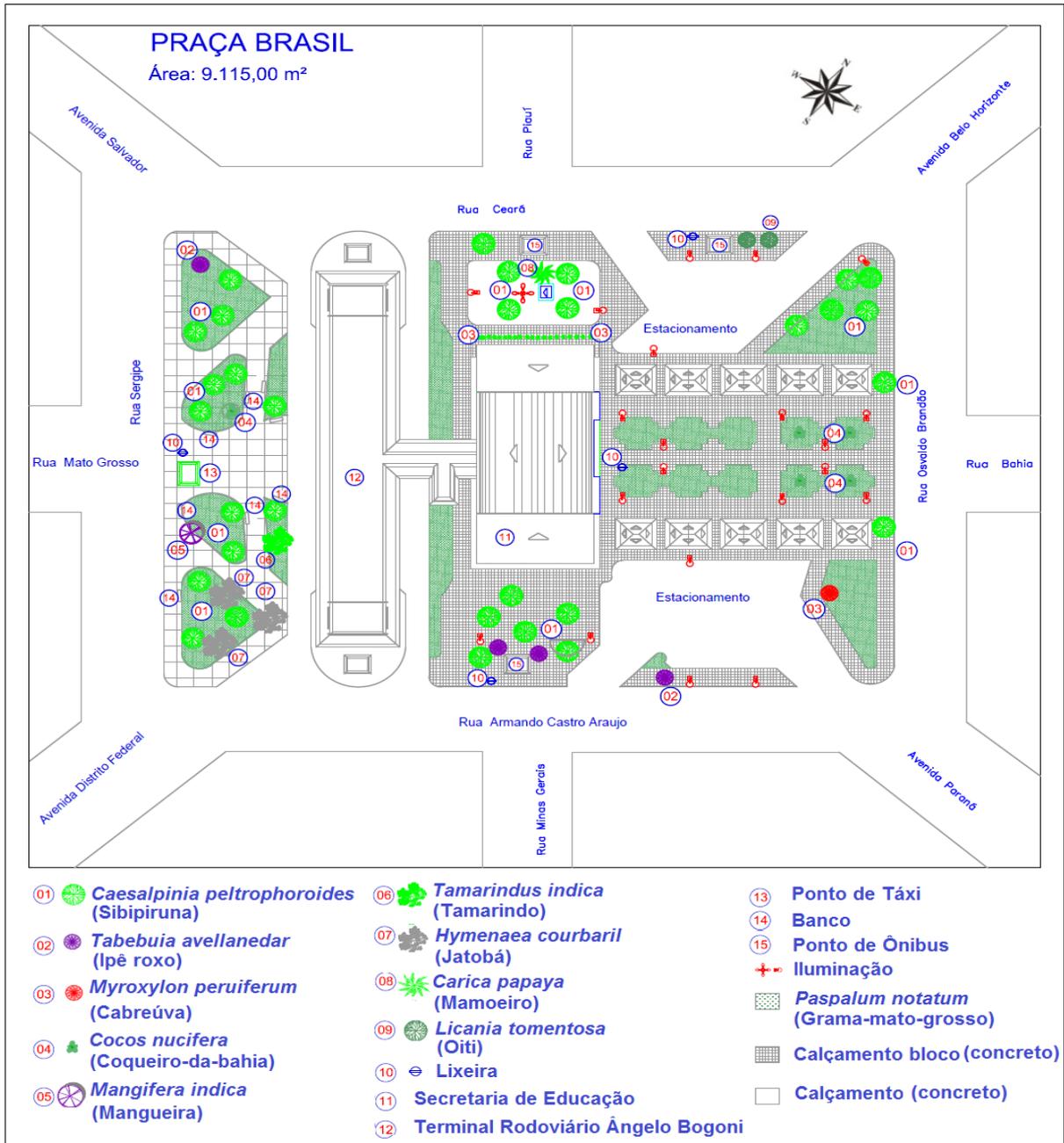


FIGURA 10 – Croqui da Praça Brasil
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

5.1.3 PRAÇA SINVAL REIS

Nº 03

O local que hoje recebe a praça foi anteriormente ocupado pelo Hospital do Estado Professor João Cândido Ferreira, fundado e dirigido pelo médico gaúcho Otávio Marques de Siqueira. Foi construída em 23 de novembro de 1964 na gestão do prefeito Antônio José Messias. De desenho simétrico, apresenta em seu centro um chafariz em formato de xícara, um dos poucos elementos escultóricos que podem

ser classificados como patrimônio histórico da cidade, pois, representa o ápice da cultura cafeeira na região. Por esse motivo é conhecida popularmente como “Praça da Xícara”. Contudo, apesar do papel importante que exerce na cidade, tal elemento encontra-se há alguns anos desativado. Seu piso é confeccionado em *petit pavé* nas cores branca e preto, cuja composição resulta em mosaicos geométricos (Figuras 11 e 12). Duas espécies arbóreas destacam-se no paisagismo: *Ficus elástica* (falsa-seringueira) e *Caesalpinia peltophoroides* (sibipiruna). Há também um exemplar de *Hinenaea stilbocarta* (jatobá) protegido pelo patrimônio histórico.



FIGURA 11 – Foto panorâmica da Praça Sinval Reis
Rose Héliida Astolfo Freire – 03/02/2011.

LOCALIZAÇÃO: R. Bahia x R. M. Cândido Rondon x R. Antônio Felipe x R. Sérgio V. Moraes – Zona 1								
ÁREA: 4.827 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: 341/1964			FORMATO: Retangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	Ia - sim	Ib - sim	Lx - sim	St - não	TI - sim	Bb - não	Cc - sim	Mt - sim
Ec - sim	Et - não	Po - não	Pt - não	Qd - não	Ef - não	Ati - sim	Pq - não	Br - não
Qq - não	Id - sim	Ei - não	Ig - não	Pl - não	Ct - não	Rp - sim		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	20 <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna), 07 <i>Ficus elastica</i> (Falsa-seringueira), 02 <i>Michelia champaca</i> (Magnólia), 01 <i>Spathodea campanulata</i> (Espatódia), 08 <i>Tabebuia heptaphylla</i> (Ipê roxo), 04 <i>Terminalia catappa</i> (Chapéu-de-sol).							
ARBÓREA FRUTÍFERA	01 <i>Eugenia uniflora</i> (Pitanga), 01 <i>Hymenaea courbaril</i> (Jatobá).							
ARECACEAE	07 <i>Archontophoenix cunninghamii</i> (Palmeira-australiana), 01 <i>Caryota mitis</i> (Palmeira rabo-de-peixe), 06 <i>Dyopsis lutescens</i> (Areca bambu), 04 <i>Dyopsis madagascariensis</i> (Areca de locuba), 03 <i>Phoenix robelinii</i> (Palmeira fênix).							
ARBUSTIVA	<i>Agave attenuata</i> (Agave-dragão), <i>Agave tequiliana</i> (Agave-azul), <i>Bambusa gracillis</i> (Bambu-de-jardim), <i>Beaucarnea recurvata</i> (Pata-de-elefante), <i>Camellia japônica</i> (Camélia), <i>Cordyline terminalis</i> (Cordiline), <i>Cycas revoluta</i> (Cica), <i>Dracaena</i>							

	<i>marginata</i> (Dracena-de-madagascar), <i>Dracaena reflexa</i> (Pleomele), <i>Duranta erecta</i> (Pingo-de-ouro), <i>Furcraea foetida</i> (Piteira), <i>Hibiscus rosa-sinensis</i> (Hibisco), <i>Pandanus veitchii</i> (Pandano veitchi), <i>Pittosporum tobira</i> (Pitospóro), <i>Plumbago auriculata</i> (Bela-emília).	
FORRAÇÃO	<i>Alpinia purpurata</i> (Alpinia), <i>Diets bicolor</i> (Moréia), <i>Ctenanthe burle-marxii</i> (Maranta-zebrada), <i>Monstera deliciosa</i> (Costela-de-adão), <i>Neomarica caerulea</i> (Falso-íris), <i>Philodendron hederaceum</i> (Filodendro), <i>Spathiphyllum cannifolium</i> (Lírio-da-paz), <i>Strelitzia juncea</i> (Ave-do-paraíso), <i>Syngonium angustatum</i> (Singônio), <i>Tradescantia pallida</i> (Trapoeiraba-roxa), <i>Zoysia japônica</i> (Gramasmeralda).	
TIPOLOGIA: Praça de Permanência	ENTORNO: Comercial	
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por quatro vias		
OBSERVAÇÃO: -		
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Antropotonímico		

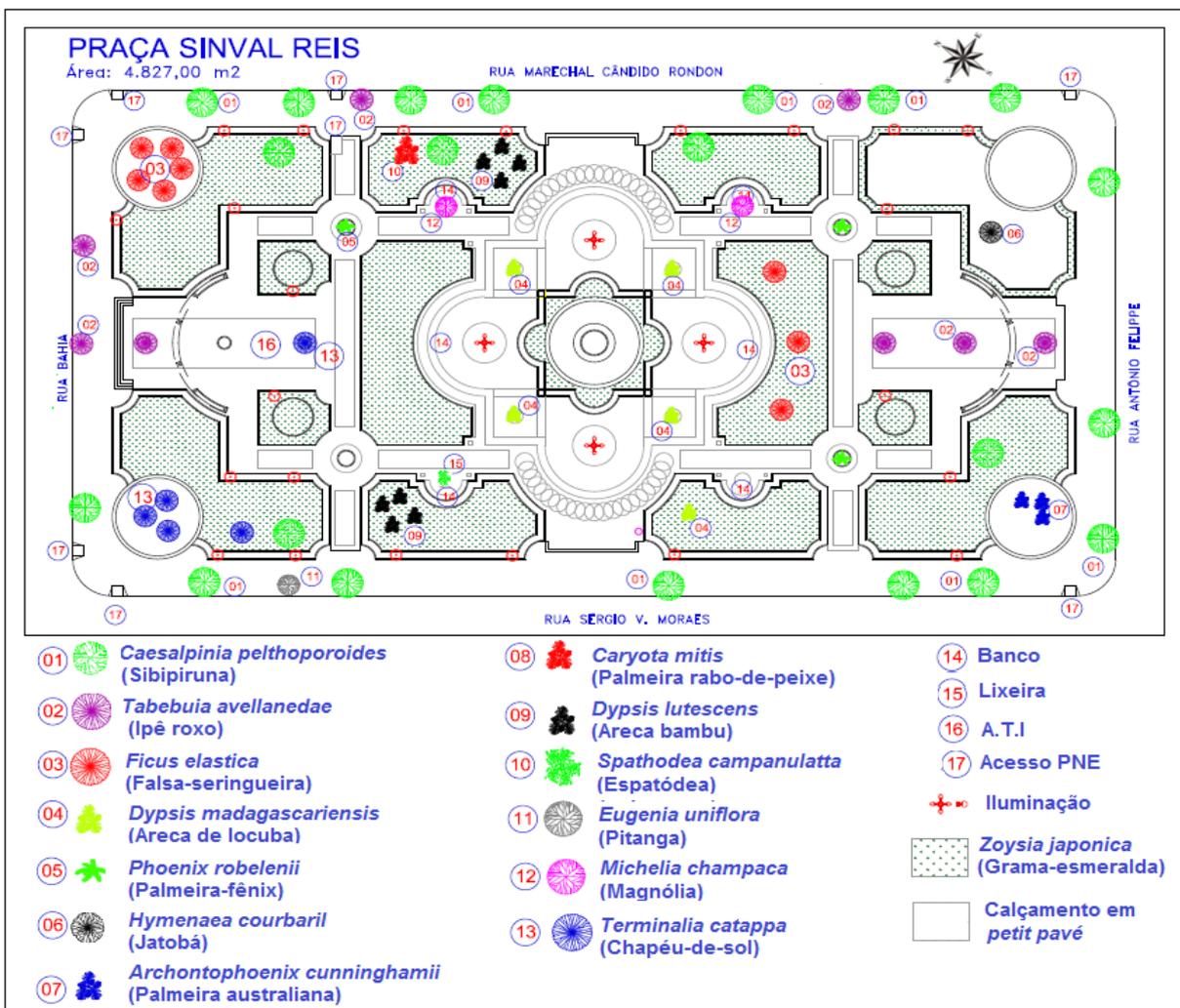


FIGURA 12 – Croqui da Praça Sinval Reis
Elaboração: Douglas Hemerson Valentim e Rose Hélida Astolfo Freire (2011).

5.1.4 PRAÇA RODRIGO AYRES

Nº 04

Esta praça abriga em seu recinto o prédio do Teatro municipal Dr. Altino Afonso Costa, com capacidade para 350 espectadores, e a Biblioteca Pública Municipal Júlia Wanderley. Neste local acontece a maior parte dos eventos da cidade como, por exemplo, Festival de Corais, Concurso Miss Paranaíba, Festival de Música e Poesia de Paranaíba (FEMUP), Festival Nacional de Dança de Paranaíba, entre outros. É a única praça urbanizada que não apresenta bancos, por isso não se observa a permanência das pessoas em sua área, transformando-se em um local, predominantemente, de passagem (Figuras 13 e 14).



FIGURA 13 – Foto panorâmica da Praça Rodrigo Ayres
Rose Héliida Astolfo Freire – 12/04/2011.

LOCALIZAÇÃO: R. Adib Aburab x R. Salgado Filho x R. Amapá x R. Guaporé – Zona 1								
ÁREA: 8.600 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: 1.982/97			FORMATO: Retangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - não	la - não	lb - sim	Lx - sim	St - não	Tl - sim	Bb - não	Cc - sim	Mt - não
Ec - não	Et - sim	Po - não	Pt - não	Qd - não	Ef - não	Ati - não	Pq - não	Br - não
Qq - não	ld - não	Ei - não	lg - não	Pl - não	Ct - não	Rp - sim		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	08 <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna), 01 <i>Caesalpinia ferrea</i> (Pau-ferro), 05 <i>Jacaranda mimosaeifolia</i> (Jacarandá), 06 <i>Licania tomentosa</i> (Oiti), 03 <i>Michelia champaca</i> (Magnólia), 35 <i>Tabebuia heptaphylla</i> (Ipê roxo), 01 <i>Thuja occidentalis</i> (Tuia americana).							
ARBÓREA FRUTÍFERA	01 <i>Artocarpus heterophyllus</i> (Jaqueira), 01 <i>Hymenaea courbaril</i> (Jatobá).							
ARECACEAE	04 <i>Phoenix canariensis</i> (Fênix-canariense), 15 <i>Syagurs romanzoffiana</i> (Coqueiro- jerivá).							
ARBUSTIVA	<i>Beaucarnea recurvata</i> (Pata-de-elefante), <i>Dracaena reflexa</i> (Pleomele), <i>Ixora coccínea</i> (Ixora), <i>Rhododendron simsii</i> (Azaléia).							

FORRAÇÃO	<i>Paspalum notatum</i> (Grama-mato-grosso).	
TIPOLOGIA: Praça de passagem	ENTORNO: Misto	
INSERÇÃO NA MALHA URBANA – Conformada por quatro vias		
OBSERVAÇÃO: -		
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Antropotonímico		

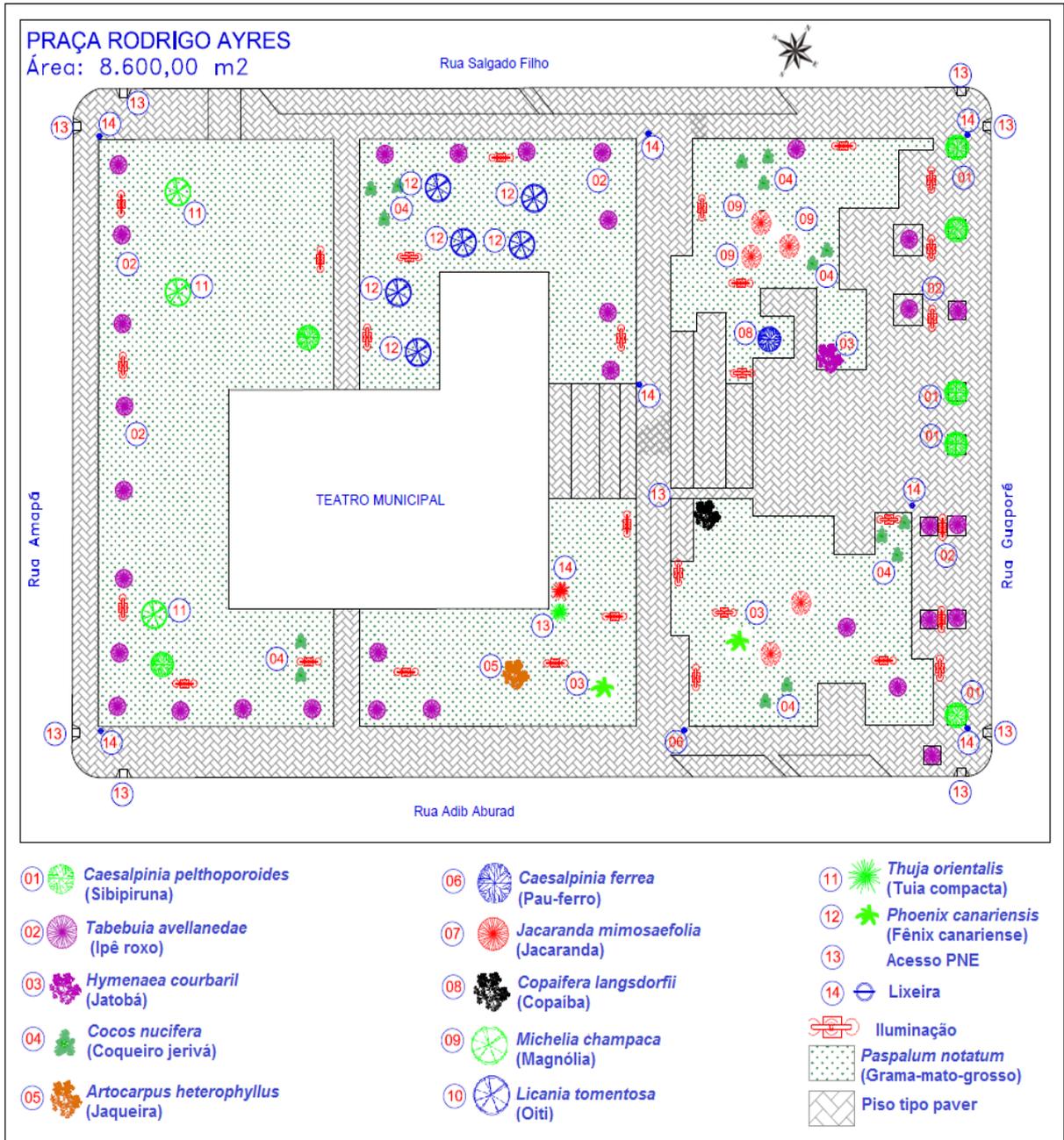


FIGURA 14 – Croqui da Praça Rodrigo Ayres
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

5.1.5 PRAÇA ROTARY

Nº 05

Uma rotatória erroneamente classificada como praça. Localizada em uma das principais avenidas da cidade de intenso fluxo de veículos, não apresenta possibilidades de acesso ao seu espaço, uma vez que, além do movimento contínuo de automóveis, não há uma única abertura sendo totalmente cercada por *Duranta erecta* (pingo-de-ouro). Embora a lei Nº 370 de 21 de junho de 1965, lhe denomine como “Praça Rotary”, existe outro logradouro (praça nº 09) que abriga em seu espaço identificação e monumento com o mesmo topônimo (Figuras 15 e 16).



FIGURA 15 – Foto panorâmica da Praça Rotary
Rose Hélida Astolfo Freire – 04/05/2011.

LOCALIZAÇÃO: R. Luiz Spigolon x Av. Paraná x Av. Parigot de Souza x Av. Rio Grande do Norte – Zona 1 e 2								
ÁREA: 820 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: 370/65			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - não	la - não	lb - sim	Lx - não	St - não	TI - não	Bb - não	Cc - não	Mt - não
Ec - não	Et - não	Po - não	Pt - não	Qd - não	Ef - não	Ati - não	Pq - não	Br - não
Qq - não	ld - não	Ei - não	Ig - não	PI - não	Ct - não	Rp - não		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	<i>Dalbergia brasiliensis</i> (Jacarandá-flor-amarela).							
ARECACEAE	<i>Dypsis madagascariensis</i> (Areca de locuba).							
ARBUSTIVA	<i>Agave attenuata</i> (Agave-dragão), <i>Duranta erecta</i> (Pingo-de-ouro).							
FORRAÇÃO	<i>Iresine herbstii</i> (Iresine), <i>Liriope muscari</i> (Barba-de-serpente), <i>Paspalum notatum</i> (Gramma-mato-grosso).							
TIPOLOGIA: Praça de passagem					ENTORNO: Comercial			
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por uma única via								
OBSERVAÇÃO: -								
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Histo-sociotopônimo								

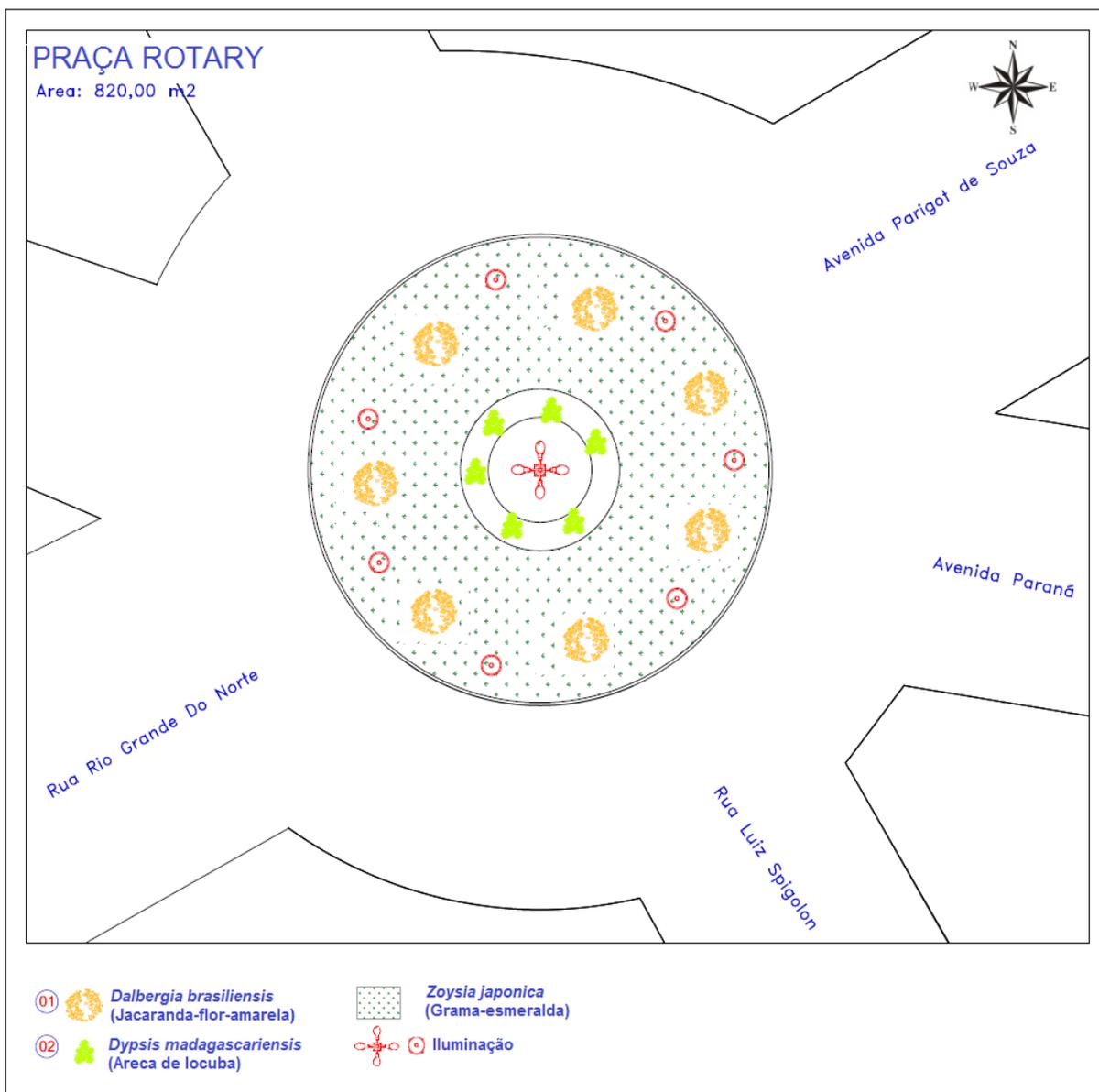


FIGURA 16 – Croqui da Praça Rotary
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

5.1.6 PRAÇA DOS PIONEIROS

Nº 06

Com seus 23 mil m² é a maior praça de Paranavaí e a mais frequentada pela população não só do entorno, mas também de vários bairros da cidade. É um importante ponto de encontro, resgatando a essência do espaço público como instrumento que aglutina a população, o que ocorre principalmente nas tardes domingueiras, onde o fluxo de transeuntes é maior.

Foi construída no terceiro mandato do prefeito José Vaz de Carvalho, entre os anos de 1977 a 1983, onde era o antigo Estádio Natal Francisco, nome do pioneiro que doou o terreno. José Vaz de Carvalho foi o primeiro prefeito da cidade, e recebeu como homenagem um busto inserido na praça. O topônimo do logradouro é uma homenagem àqueles que desbravaram a região. *“Aos nordestinos pela crença e esperança em Deus, aos paulistas e mineiros pela experiência no comércio e no café, aos catarinenses e gaúchos pela determinação e pelas suas inseparáveis tradições, aos imigrantes asiáticos e europeus pelo seu exemplo de coragem. (...) Sem o trabalho e o suor de vocês este “canto” entre o Paranapanema e o Ivaí, não seria como foi e como é.”* (Placa de homenagens aos pioneiros localizada na praça).

É a praça que apresenta a maior diversidade de estruturas para o lazer da população. Possui quadra poliesportiva, quadra de areia, parque infantil bem estruturado, ATIs, um espaço improvisado para os skatistas (antiga quadra esportiva) e caminhos largos confeccionados em *petit pavé*, muito utilizado pela população para a prática de caminhadas. Existe também na praça uma lanchonete, cuja entrada só é permitida mediante o pagamento de uma taxa. É nesse logradouro que ocorre alguns importantes eventos da cidade, como por exemplo, a EXPOFLOR, uma feira de flores realizada anualmente sob o patrocínio do Lions Club de Paranaíba e a já tradicional Feira da Lua, uma feira diferenciada, realizada semanalmente, oferecendo além de hortifruti, uma área gastronômica diversificada.

Apesar de toda a sua importância para a cidade, a referida praça apresenta sérios problemas em relação a sua infraestrutura. Quase 20% dos seus bancos encontram-se completamente destruídos. A maior parte das caixas de energias tem suas fiações expostas. No intuito de impedir a entrada de veículos na praça, foram inseridos obstáculos em madeira em várias partes, o que dificulta o acesso para portadores de necessidades especiais, como cadeirantes e deficientes visuais.

Recentemente foi realizada uma reforma no parque infantil, que vinha, há muito tempo, expondo os usuários a riscos devido a falta de manutenção de seus equipamentos (Figuras 17 e 18).



FIGURA 17 – Foto panorâmica da Praça dos Pioneiros
Rose Héliida Astolfo Freire – 07/03/2011.

LOCALIZAÇÃO: R. Antônio Felipe x R. Manoel Ribas x R. Luiz Spigolon x R. Edson Martins – Zona 2								
ÁREA: 23.000 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: -			FORMATO: Retangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	la - sim	lb - sim	Lx - sim	St - sim	Tl - sim	Bb - não	Cc - sim	Mt - sim
Ec - não	Et - sim	Po - não	Pt - não	Qd - sim	Ef - não	Ati - sim	Pq - sim	Br - não
Qq - sim	ld - sim	Ei - não	lg - não	Pl - não	Ct - não	Rp - sim		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	01 <i>Araucaria angustifolia</i> (Pinheiro-do-paraná), 06 <i>Araucaria columnaris</i> (Araucária colunar), 71 <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna), 28 <i>Cássia fistula</i> (Acácia imperial), 63 <i>Jacaranda mimosaeifolia</i> (Jacarandá), 01 <i>Licania tomentosa</i> (Oiti), 54 <i>Tabebuia heptaphylla</i> (Ipê roxo).							
ARBÓREA FRUTÍFERA	01 <i>Artocarpus heterophyllus</i> (Jaqueira), 01 <i>Citrus limon</i> (Limoieiro), 01 <i>Mangifera indica</i> (Mangueira), 02 <i>Psidium guajava</i> (Goiabeira).							
ARECACEAE	05 <i>Dyopsis lutescens</i> (Areca bambu), 01 <i>Livistona chinensis</i> (Palmeira-leque), 05 <i>Phoenix canariensis</i> , 25 <i>Roystonea oleracea</i> (Palmeira imperial).							
ARBUSTIVA	<i>Acalypha wilkesiana</i> (Crista-de-peru), <i>Callistemons sp</i> (Escova-de-garrafa), <i>Camellia japônica</i> (Camélia), <i>Codianum variegatum</i> (cróton), <i>Cycas revoluta</i> (Cica), <i>Dracaena fragans</i> (Coqueiro-de-vênus), <i>Heliconia bihai</i> (Banana-do-mato), <i>Rhododendron simsii</i> (Azaléia), <i>Sansevieria trifasciata variegatum</i> (Sanseviéria), <i>Yucca guatemalensis</i> (luca-elefante).							
FORRAÇÃO	<i>Dendrobium nobile</i> (Olho-de-boneca), <i>Dietes bicolor</i> (Moréia), <i>Monstera deliciosa</i> (Costela-de-adão), <i>Paspalum notatum</i> (Gramma-mato-grosso).							
TIPOLOGIA: Praça de permanência					ENTORNO: Misto			
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por quatro vias								
OBSERVAÇÃO: Não possui lei de criação, mas é conhecida pela tradição popular pelo nome de Praça dos Pioneiros.								
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Histo-sociotopônimo								

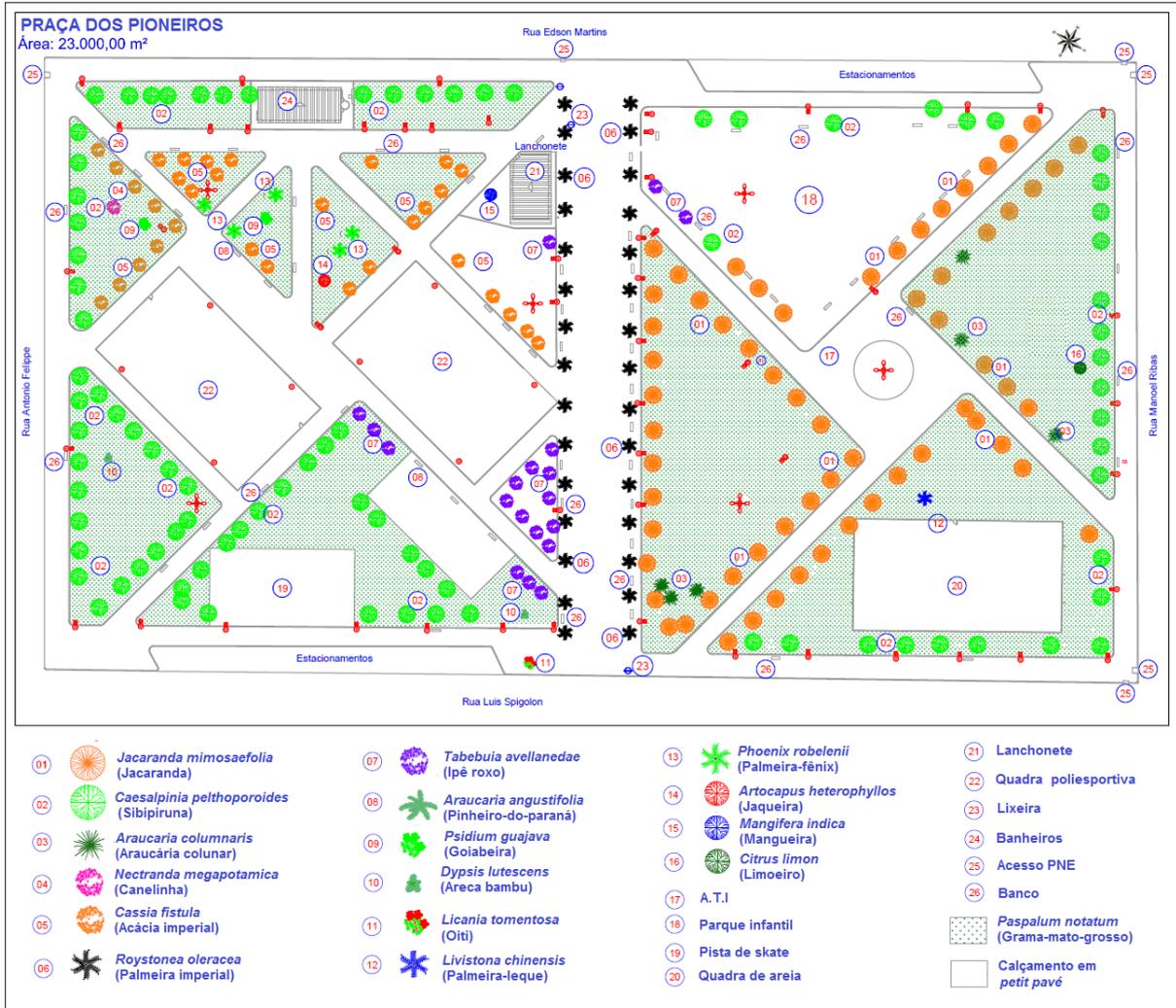


FIGURA 18 – Croqui da Praça dos Pioneiros
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

5.1.7 PRAÇA EDITH EBINER ECKERT

Nº 07

Pequena praça de formato circular, situada em zona residencial, apresenta em seus equipamentos diversos sinais de vandalismo. Possui uma cancha de areia com um escorregador, impróprio para uso por apresentar em sua estrutura materiais perfurantes. A identificação do logradouro foi retirada e em seu lugar pichou-se um símbolo, provavelmente pertencente à algum grupo que frequenta o local. A espécie arbórea predominante é *Jacaranda mimosaeifolia* (jacarandá) com seis exemplares (Figuras 19 e 20).



FIGURA 19 – Foto panorâmica da Praça Edith Ebner Eckert
Rose Héli da Astolfo Freire – 10/03/2011.

LOCALIZAÇÃO: R. Edson Martins x R. Ind. Antonio Fachin – Zona 2								
ÁREA: 1.662 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: 2.107/99			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	la – sim	lb – não	Lx - não	St - não	Tl - não	Bb - não	Cc - sim	Mt– não
Ec - não	Et – não	Po– não	Pt - não	Qd - não	Ef - não	Ati– não	Pq - não	Br – não
Qq– não	ld – não	Ei – não	lg – não	Pl – não	Ct – não	Rp– não		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	06 <i>Jacaranda mimosaeifolia</i> (Jacarandá).							
ARECACEAE	01 <i>Livistona chinensis</i> (Palmeira-leque), 02 <i>Phoenix robelenii</i> (Palmeira fênix).							
ARBUSTIVA	<i>Bougainvillea spectabilis</i> (Primavera), <i>Duranta erecta</i> (Pingo-de-ouro), <i>Furcraea foetida</i> (Piteira).							
FORRAÇÃO	<i>Paspalum notatum</i> (Gramma-mato-grosso), <i>Tradescantia pallida</i> (Trapoeiraba-roxa), <i>Zoysia japônica</i> (Gramma-esmeralda).							
TIPOLOGIA: Praça de passagem					ENTORNO: Residencial			
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por uma única via								
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Antropotônico								

5.1.8 PRAÇA IDA RAVIZONI DAL-PRÁ

Nº 08

Localizada em um bairro nobre da cidade, tal praça encontra-se totalmente desprovida de qualquer infraestrutura, onde viceja o mato (Figuras 21 e 22).



FIGURA 21 – Foto panorâmica da Praça Ida Ravizoni Dal-Prá
Rose Héli da Astolfo Freire – 10/03/2011.

LOCALIZAÇÃO: R. Antonio Vendramin x R. Prudentópolis – Zona 2		
ÁREA: 4.963 m ²	LEI DE CRIAÇÃO: 2.105/99	FORMATO: Losango
VEGETAÇÃO		
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Gramma-mato-grosso).	
ENTORNO: Residencial	INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por quatro vias	

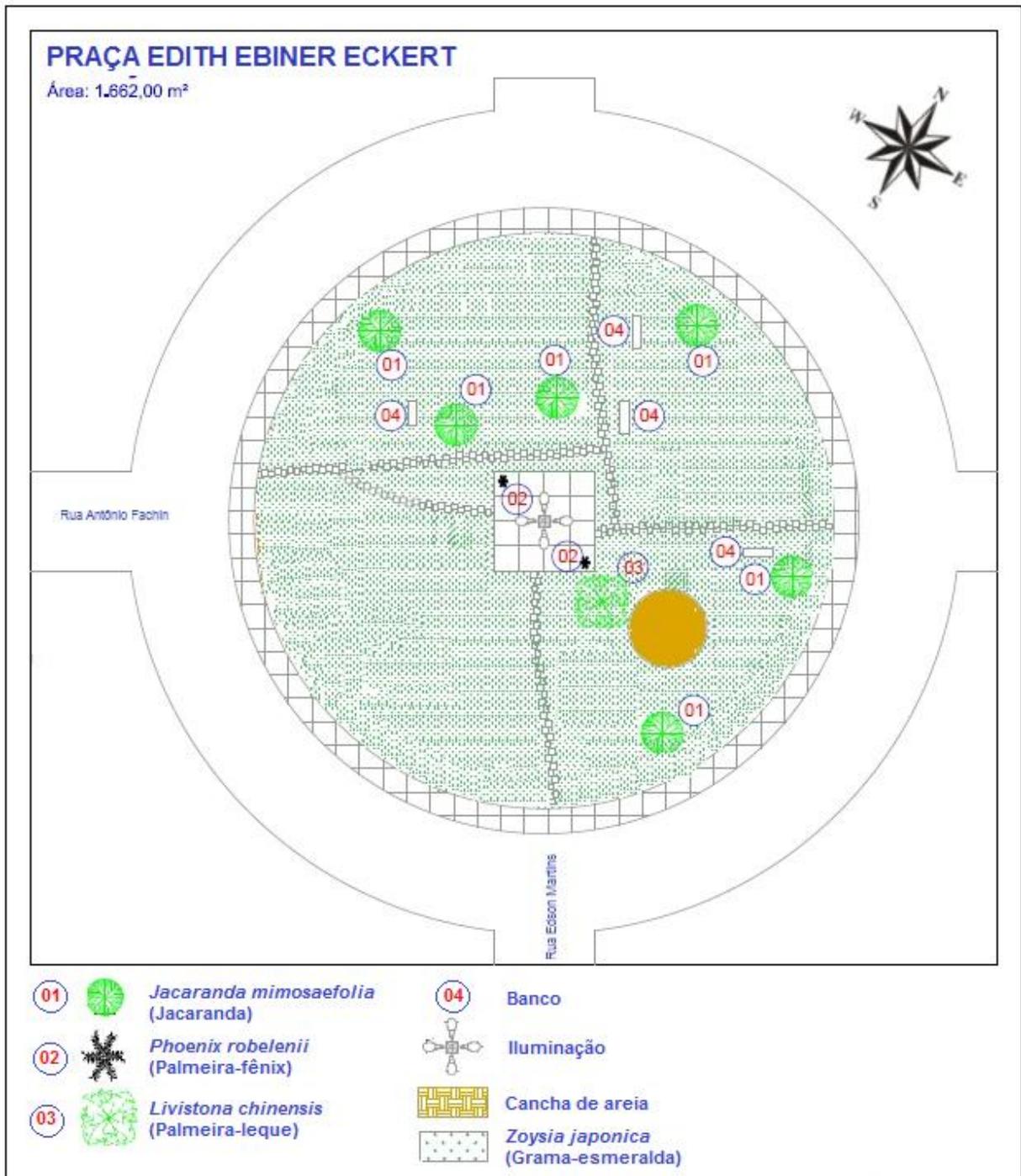


FIGURA 20 – Croqui da Praça Edith Ebner Eckert
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

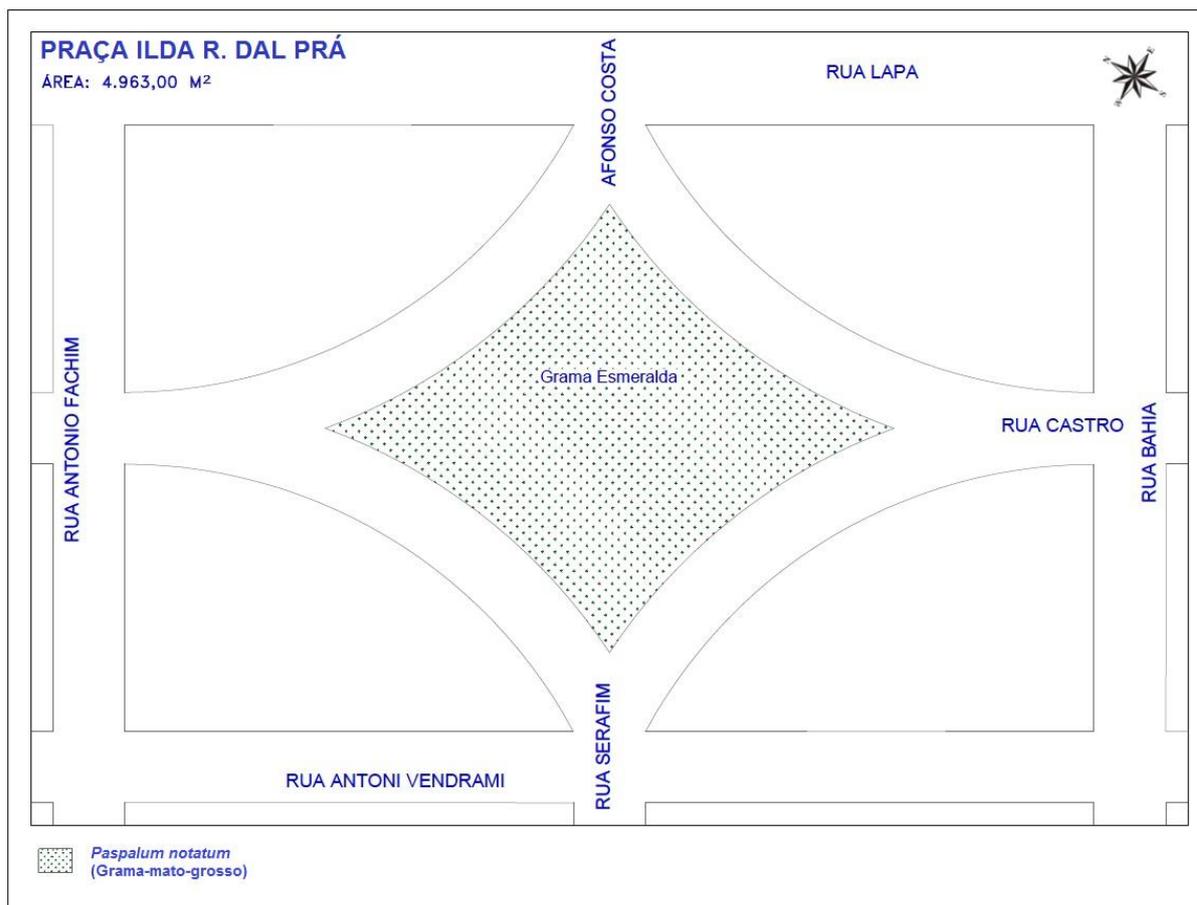


FIGURA 22 – Croqui da Praça Ida Ravizoni Dal-Prá
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

5.1.9 PRAÇA LUCIANO EUGÊNIO VITURE

Nº 09

Semelhante a praça precedente, funciona como rótula para auxiliar no fluxo de automóveis, embora o movimento não seja intenso pelo fato de situar-se em bairro residencial. A ausência de árvores permite que a radiação solar tenha uma incidência direta no local, o que torna o ambiente, em dias quentes, um tanto desconfortável. Possui uma *Schinus molle* (aroeira salsa), cujo formato tortuoso do tronco concedeu-lhe uma característica interessante e peculiar.

Embora exista na praça um obelisco estilizando o emblema do Rotary Internacional e identificação que lhe confere o topônimo de “Praça Rotary”, como também é conhecida popularmente, a Lei Nº 1519/92, denomina o logradouro em tela como “Praça Luciano Eugênio Viture”. Legalmente a “Praça Rotary” é uma rotatória

localizada no centro da cidade, erroneamente classificada como praça (Figuras 23 e 24).



FIGURA 23 – Foto panorâmica da Praça Luciano Eugênio Vitore Rose Hélida Astolfo Freire – 10/03/2011.

LOCALIZAÇÃO: R. Antônio Felipe x R. Castro – Zona 2								
ÁREA: 1.660 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: 1.519/92			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	la – sim	lb – não	Lx - sim	St - não	Tl - não	Bb - não	Cc - sim	Mt – sim
Ec - não	Et – não	Po– não	Pt - não	Qd- não	Ef - não	Ati– não	Pq - não	Br – não
Qq–não	ld – sim	Ei – não	Ig – não	Pl – não	Ct – não	Rp– não		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	01 <i>Schinus molle</i> (Aroeira-salsa), 01 <i>Senna multijuga</i> (Aleluia).							
ARBÓREA FRUTÍFERAS	01 <i>Myrciaria cauliflora</i> (Jabuticabeira), 03 <i>Punica granatum</i> (Romãzeira).							
ARECACEAE	12 <i>Dypsis madagascariensis</i> (Areca de locuba), 05 <i>Phoenix robelenii</i> (Palmeira fênix), 09 <i>Syagurs romanzoffiana</i> (Coqueiro jervá).							
ARBUSTIVA	<i>Cycas revoluta</i> (Cica), <i>Duranta erecta</i> (Pingo-de-ouro)							
FORRAÇÃO	<i>Liriope muscari</i> (Barba-de-serpente), <i>Zoysia japônica</i> (Gramma-esmeralda).							
TIPOLOGIA: Praça de passagem					ENTORNO: Residencial			
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por uma única via								
OBSERVAÇÃO: -								
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Antropotonímico								

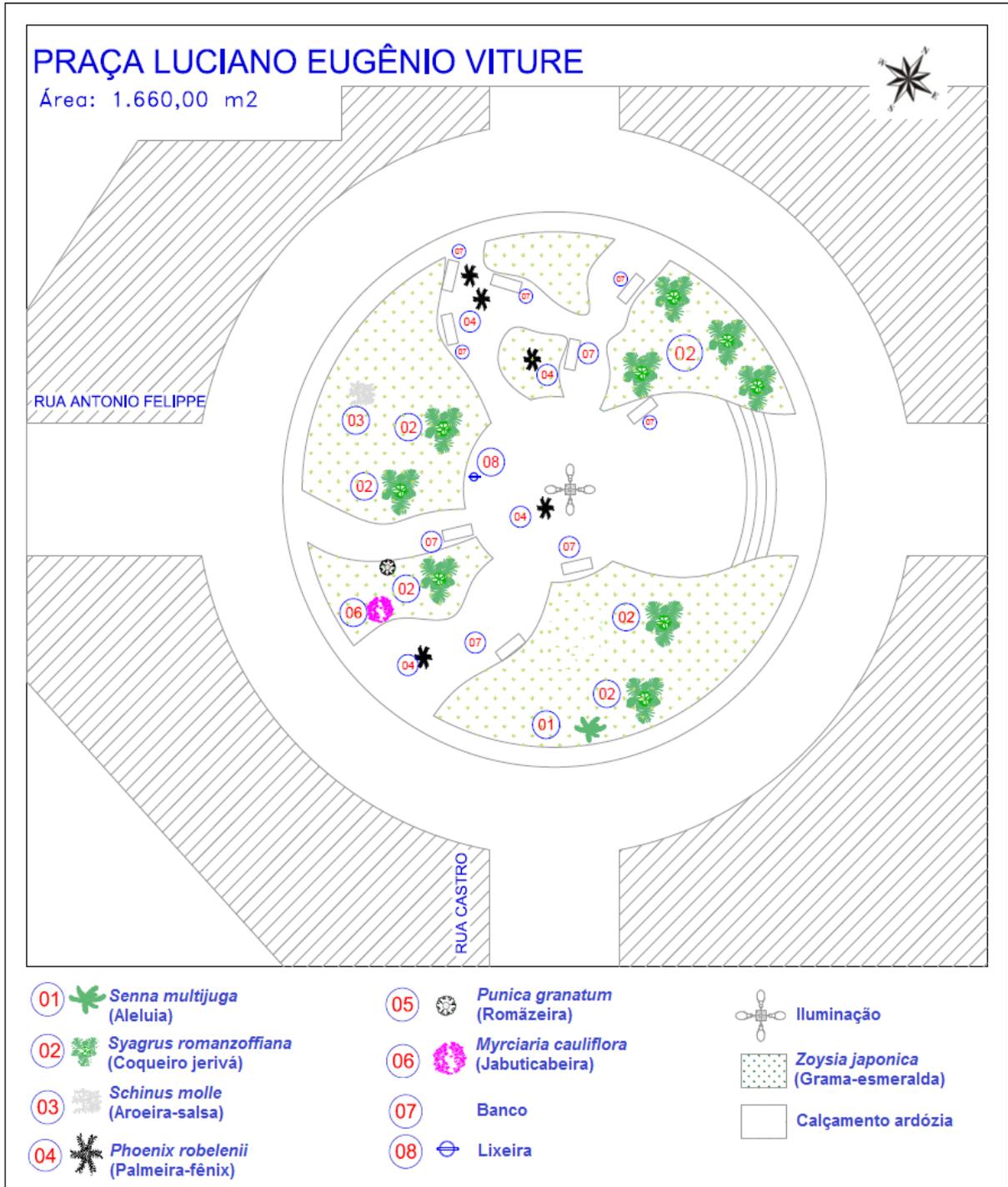


FIGURA 24 – Croqui da Praça Luciano Eugênio Viture
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

5.1.10 PRAÇA RECANTO JAPONÊS

Nº 10

De formato circular e localizada em um bairro residencial, a praça em questão é homenagem à imigração japonesa no Brasil. Inaugurada em 23 de setembro de

1988, foi uma das praças mais belas da cidade, com uma diversidade de vegetação significativa, predominância de espécies japonesas, um espelho d'água com carpas coloridas, lanternas de pedra e um coreto. Os caminhos internos em pedra e os bancos em madeira conferiam rusticidade peculiar ao local (Figura 25 - A).

Atualmente a falta de manutenção obscureceu a beleza da praça. Desativado, o espelho d'água tornou-se um foco para agente causadores de doenças, os bancos foram danificados pelas intempéries, o coreto tornou-se vítima do vandalismo, as lanternas já nem existem no local e o caminho foi dominado pelo mato rasteiro (Figuras 25 – B, 26 e 28).



A



B

FIGURA 25 – Praça Recanto Japonês, situação antiga e atual
Praça Recanto Japonês-Paranavaí/PR – janeiro de 1989. Panoramio. Autor: Luzia Cruz Frata.
Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/8034525>>. Acesso: 21/07/11; e Rose Héliida Astolfo Freire – 02/05/2011.



FIGURA 26 – Foto panorâmica da Praça Recanto Japonês
Rose Héliida Astolfo Freire – 10/03/2011.

LOCALIZAÇÃO: Rua Antônio Felipe x Rua Rio Negro – Zona 2								
ÁREA: 1.735 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: 1.264/88			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	Ia – sim	Ib – sim	Lx - sim	St - não	TI - sim	Bb - não	Cc - sim	Mt - não
Ec - sim	Et – não	Po– não	Pt - não	Qd- não	Ef - não	Ati– não	Pq - não	Br - não
Qq–não	Id – sim	Ei – não	Ig – não	PI – não	Ct – sim	Rp– não		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	09 <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna), 12 <i>Chamaecyparis obtusa</i> (Cipreste), 03 <i>Chamaecyparis pisifera</i> (Cipreste-azul), 02 <i>Cupressus sempervirens</i> (Cipreste italiano), 01 <i>Grevillea robusta</i> (Grevilha), 02 <i>Licania tomentosa</i> (Oiti), 01 <i>Tabebuia heptaphylla</i> (Ipê roxo), 02 <i>Thuja orientalis</i> (Tuia compacta).							
ARBÓREA FURTÍFERA	02 <i>Eugenia uniflora</i> (Pitanga).							
ARECACEAE	<i>Rhapis excelsa</i> (Palmeira-ráfia).							
ARBUSTIVA	<i>Agave attenuata</i> (Agave-dragão), <i>Buxus sempervirens</i> (Buxinho), <i>Camellia japônica</i> (Camélia), <i>Dracaena reflexa</i> (Pleomele), <i>Rhododendron simsii</i> (Azaléia), <i>Pittosporum tobira</i> (Pitospóro).							
FORRAÇÃO	<i>Neomarica caerulea</i> (Falso-íris), <i>Paspalum notatum</i> (Gramma-mato-grosso).							
TIPOLOGIA: Praça de passagem					ENTORNO: Residencial			
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por uma única via								
OBSERVAÇÃO:-								
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Topônimos geográficos								

5.1.11 PRAÇA FREI ESTANISLAU JOSÉ DE SOUZA

Nº 11

A praça em questão abriga em seu espaço a igreja matriz da cidade, fundada em 25/01/1964. Apesar da lei nº 1.506/01 a denominar de “Praça Frei Estanislau José de Souza”, é conhecida popularmente e existe em seu recinto identificação que lhe confere o topônimo de “Praça Maria Mãe da Igreja”. De desenho simétrico, apresenta iluminação baixa e bancos distribuídos, predominantemente, sob a sombra de *Tabebuia avellanedae* (ipês-roxo), única espécie vegetal arbórea presente na praça. Recentemente retirou-se do local uma ATI que era frequentemente utilizada pela população local, e foi deslocada para outra praça de localização próxima. A população reprovou a ação, uma vez que o novo local da ATI

consiste em uma área de repulsão social, pela falta de segurança e manutenção. No entanto, o equipamento permanece no novo endereço, porém, praticamente sem uso (Figuras 27 e 29).



FIGURA 27 – Foto panorâmica da Praça Frei Estanislau José de Souza
Rose Héliida Astolfo Freire – 12/04/2011.

LOCALIZAÇÃO: R. Luiz Duri Gani x R. Nelson Hungria x R. XV de novembro x R. Jonh Kennedy – Zona 2								
ÁREA: 5.910 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: 1.506/91			FORMATO: Retangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	la – não	lb - sim	Lx - não	St - não	Tl – sim	Bb - não	Cc - sim	Mt - não
Ec - não	Et – não	Po – sim	Pt - não	Qd - não	Ef – não	Ati– não	Pq - não	Br - não
Qq - não	ld – sim	Ei – não	lg – sim	Pl – não	Ct – não	Rp– sim		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	32 <i>Tabebuia heptaphylla</i> (Ipê roxo), 01 <i>Thuja orientalis</i> (Tuia compacta).							
ARBÓREA FRUTÍFERA	01 <i>Psidium guajava</i> (Goiabeira).							
ARBUSTIVA	<i>Bougainvillea spectabilis</i> (Primavera), <i>Duranta erecta</i> (Pingo-de-ouro).							
FORRAÇÃO	<i>Impatiens walleriana</i> (Maria-sem-vergonha), <i>Paspalum notatum</i> (Gramamato-grosso), <i>Syngonium angustatum</i> (Singônio), <i>Tradescantia pallida</i> (Trapoeirabarroxa).							
TIPOLOGIA: Praça religiosa					ENTORNO – Residencial			
INSERÇÃO NA MALHA URBANA – Conformada por quatro vias								
OBSERVAÇÃO: -								
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Hiero-hagiotopônimo								

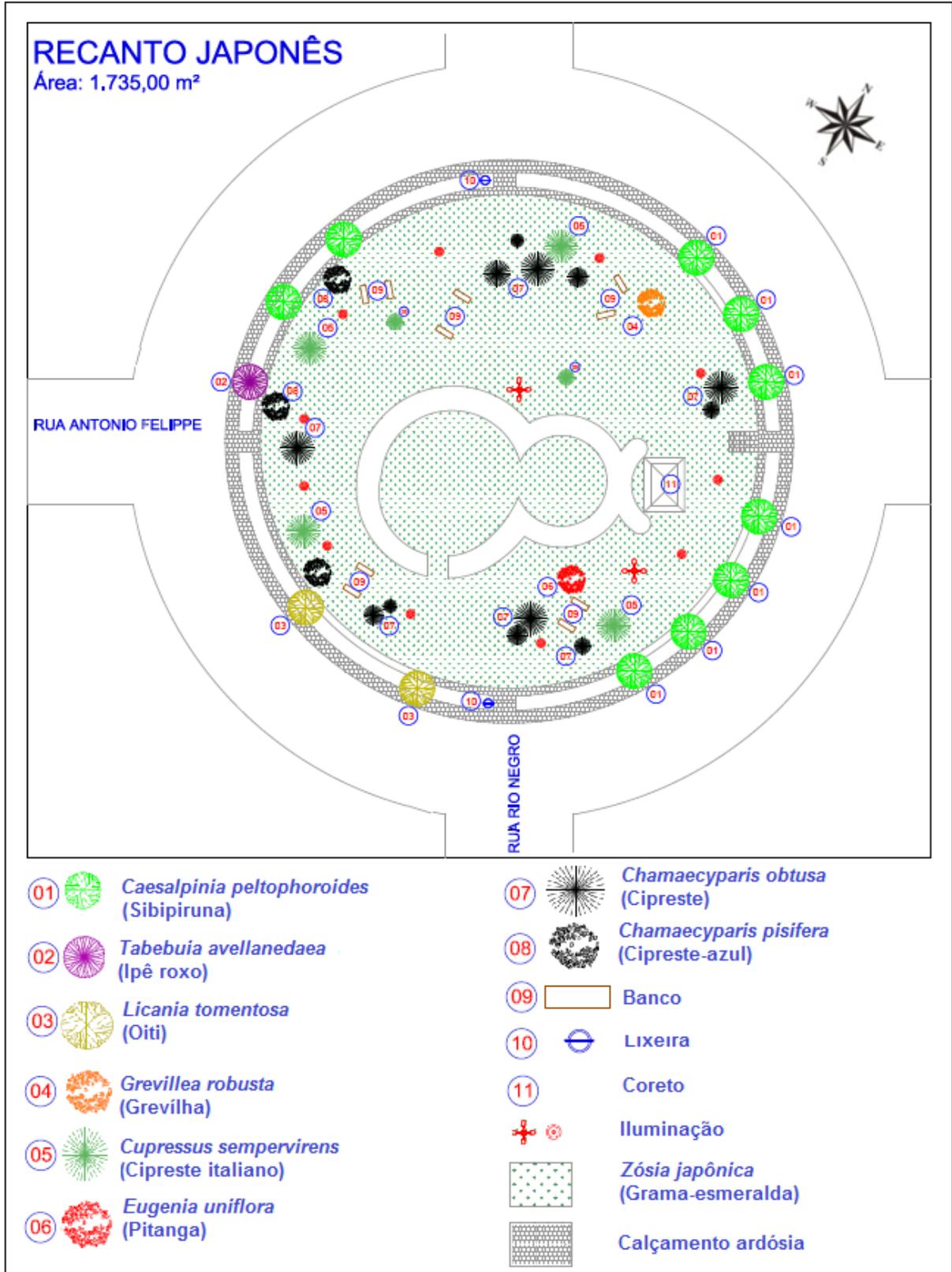


FIGURA 28 – Croqui da Praça Recanto Japonês
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

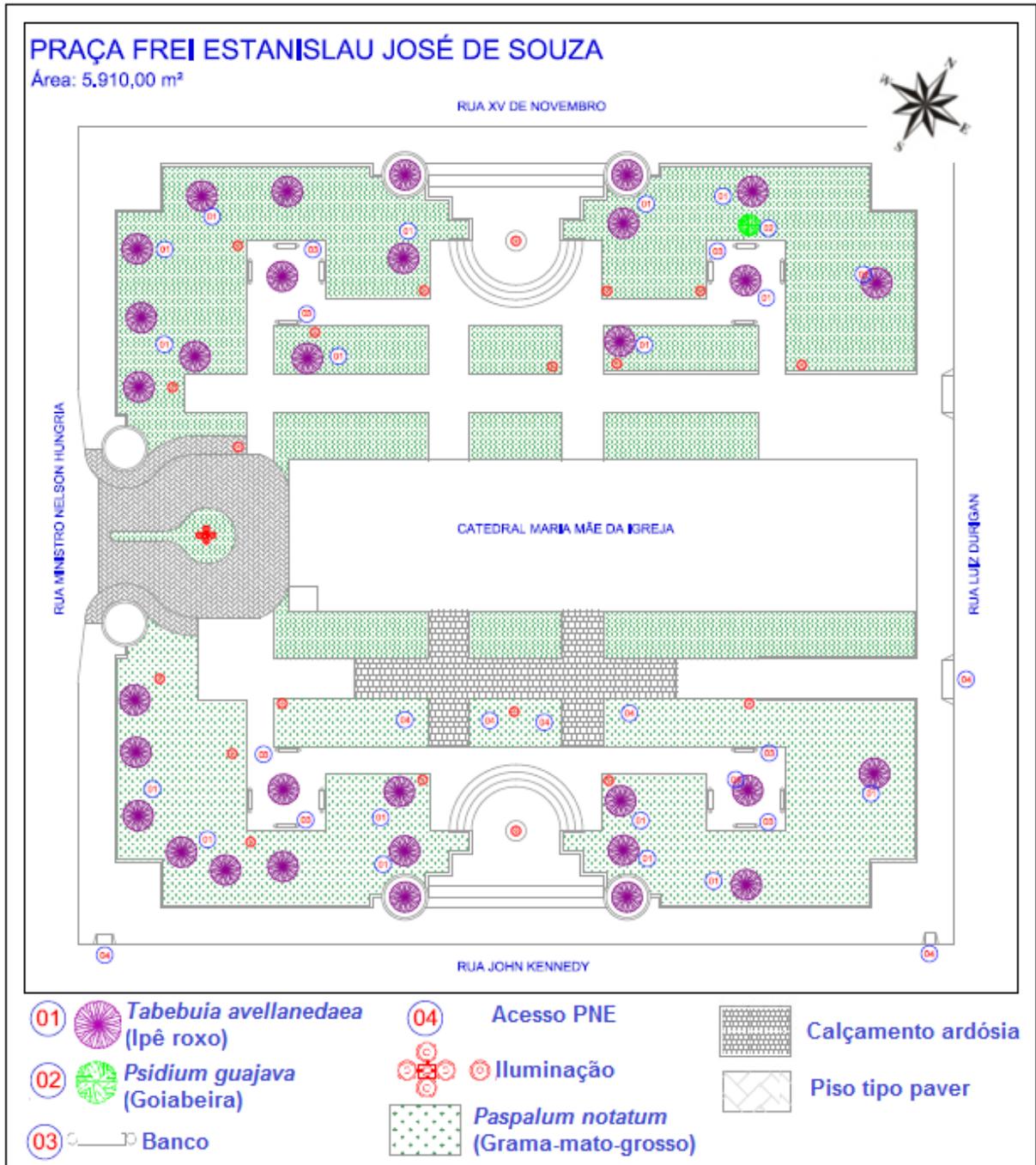


FIGURA 29 – Croqui da Praça Frei Estanislau José de Souza
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

5.1.12 PRAÇA OSCAR GARBO

Nº 12

Praça de conformação triangular, situada em zona residencial, apresenta caminhos calçados somente em sua parte externa, não tendo ligação com o seu centro, desprovido de qualquer tipo de revestimento. Até o início deste ano havia em seu espaço um sanitário em condições impróprias para uso, devido às péssimas

condições que se encontrava, além de um barracão (há muito tempo desativado) onde os moradores do local, antigamente, jogavam partidas de bocha. O barracão foi demolido e em seu lugar inseriu-se uma ATI retirada da praça precedente para contentamento de alguns e lamento de outros. O sanitário também foi retirado do local, porém, nada foi inserido em seu lugar. A condição geral do logradouro é precária. A ausência de segurança e de manutenção são fatores que o torna uma área de repulsão social. Apenas um grupo de homens idosos há tempos freqüenta fielmente a praça para jogar partidas de baralho, o que a tornou conhecida popularmente como “Praça do Saco Murcho”. A espécie arbórea predominante é a sibipiruna (Figuras 30 e 31).



FIGURA 30 – Foto panorâmica da Praça Oscar Garbo
Rose Héliida Astolfo Freire – 12/04/2011.

LOCALIZAÇÃO: R. Jonh Kennedy x R. Guerino Domim x R. Jose Lucas Sobrinho – Zona 2								
ÁREA: 786 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: 2.404/03			FORMATO: Triangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	la – não	lb - sim	Lx - sim	St - não	TI – sim	Bb - não	Cc - sim	Mt - não
Ec - não	Et – não	Po - não	Pt - não	Qd - não	Ef – não	Ati – sim	Pq - não	Br - não
Qq - não	ld – não	Ei – não	lg – não	PI – não	Ct – não	Rp– sim		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	53 <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna).							
FORRAÇÃO	<i>Spathiphyllum cannifolium</i> (Lírio-da-paz), <i>Syngonium angustatum</i> (Singônio).							
TIPOLOGIA: Praça de permanência					ENTORNO: Residencial			
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por três vias								
OBSERVAÇÃO: ex Praça do Jardim Iguaçú								
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Antropotonímico								

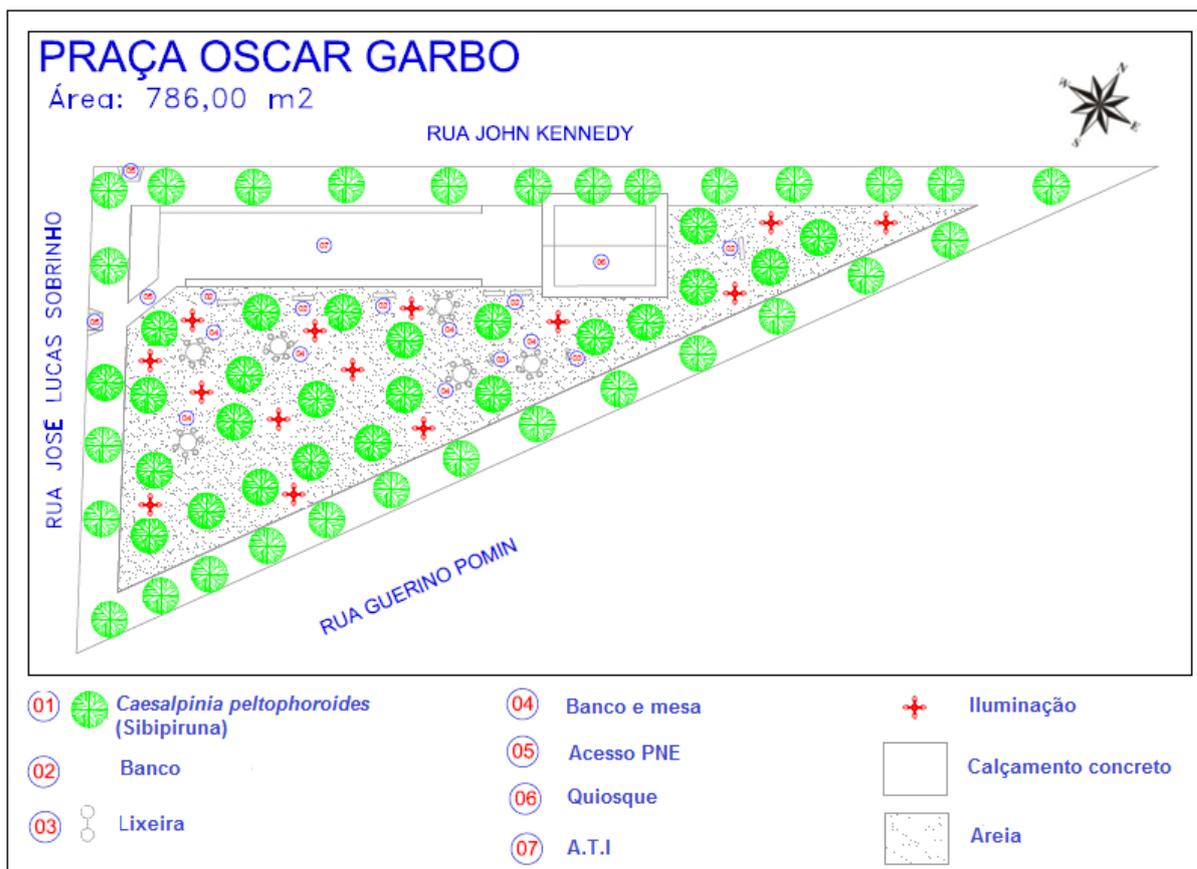


FIGURA 31 – Croqui da Praça Oscar Garbo
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

5.1.13 PRAÇA ANTONIO JOSÉ KIRCHNER

Nº 13

Localizada em uma das vias principais da cidade (Av. Tancredo Neves), em uma zona residencial, a praça em tela desempenha importante papel na melhoria do fluxo do trânsito, tendo em vista sua conformação geométrica – circular. Por apresentar desnível, foi necessária a inserção de escadarias em seu espaço.

Recentemente passou por um processo de revitalização, recebendo serviços de poda, limpeza, pintura, plantio de mudas, o que melhorou, seu antigo aspecto (Figura 32 A – B). Contudo, não foi resolvido o principal problema da praça: a falta de acessibilidade, uma vez que não possui rampas de acesso e as escadarias existentes no local dificultam a entrada ao seu espaço tanto de cadeirantes como de pessoas com mobilidade reduzida (Figuras 33 e 34).



A

B

FIGURA 32 – Praça Antonio José Kirchner, situação antiga (2010) e atual
Rose Héliida Astolfo Freire – 02/05/2011; e Secretaria Municipal de Meio Ambiente.



FIGURA 33 – Foto panorâmica da Praça Antonio José Kirchner
Rose Héliida Astolfo Freire – 15/06/2011.

LOCALIZAÇÃO: Av. Pres. Tancredo Neves x Av. Pres. Juscelino Kubitschek de Oliveira x R. Herculano Rubim Toledo x R. Mato Grosso - Zona 3								
ÁREA: 804 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: 1.271/88			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn – sim	la – sim	lb - não	Lx - sim	St - não	Tl – sim	Bb - não	Cc - sim	Mt - não
Ec – não	Et – não	Po - não	Pt - não	Qd - não	Ef – não	Ati– não	Pq - não	Br - não
Qq – não	ld – sim	Ei – não	lg – não	Pl – não	Ct – não	Rp– não		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	06 <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna), 02 <i>Tabebuia heptaphylla</i> (Ipê roxo), <i>Tabebuia roseo-alba</i> (Ipê branco).							
ARECACEAE	01 <i>Livistona chinensis</i> (Palmeira-leque), 26 <i>Phoenix robelenii</i> (Palmeira fênix).							
ARBUSTIVA	<i>Furcraea foetida</i> (Piteira).							
FORRAÇÃO	<i>Canna paniculata</i> (Cana-da-índia), <i>Dendrobium nobile</i> (Olho-de-boneca), <i>Dietes bicolor</i> (Moreia), <i>Hemerocallis flava</i> (Lírio), <i>Liriope muscari</i> (Barba-de-serpente),							

	<i>Tradescantia pallida</i> (Trapoeiraba-roxa), <i>Tradescantia zebrina</i> (Lambari), <i>Dianella ensifolia</i> (Dianela).	
TIPOLOGIA: Praça de passagem	ENTORNO: Residencial	
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por uma única via		
OBSERVAÇÃO: -		
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Antropônimo		

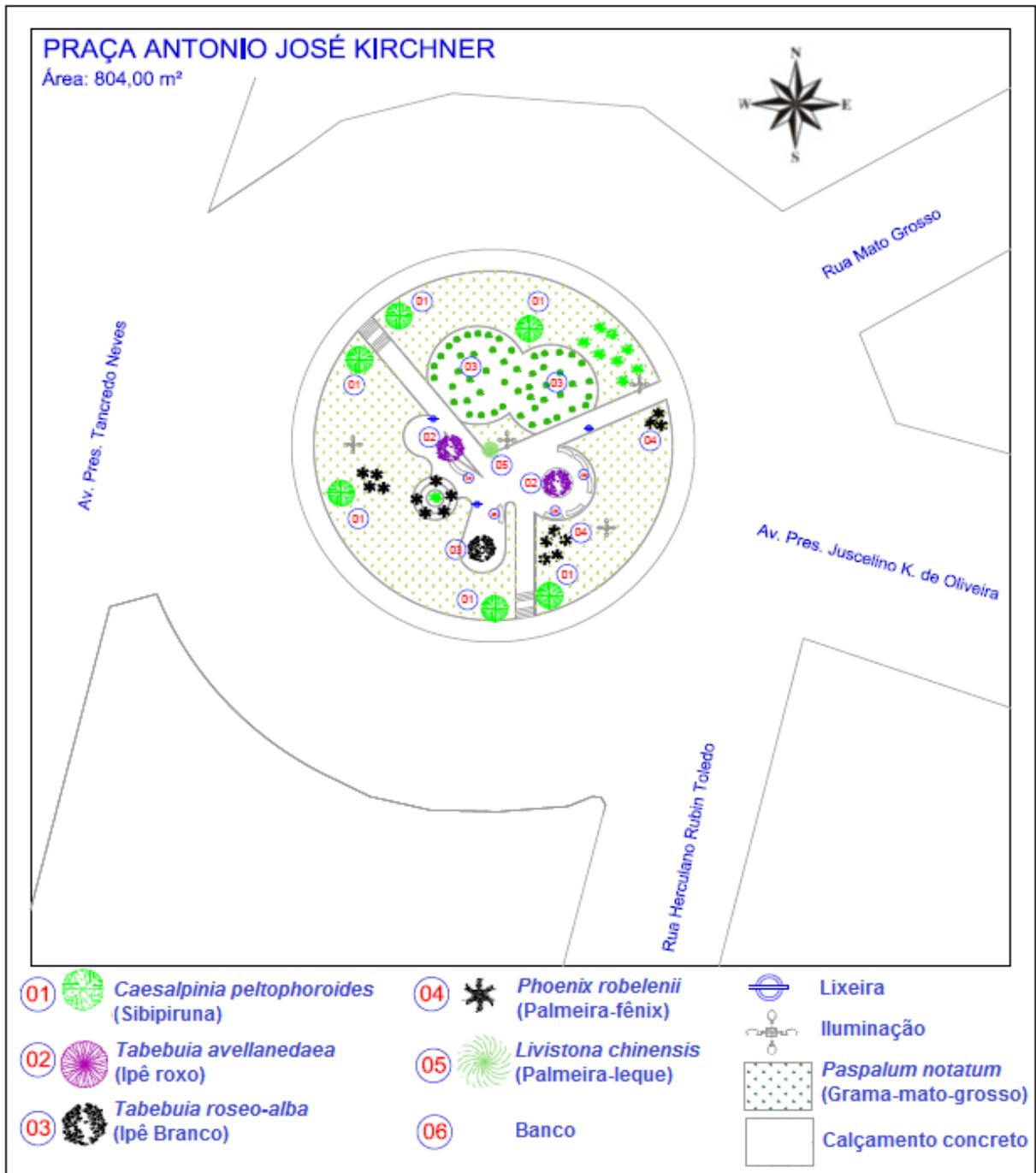


FIGURA 34 – Croqui da Praça Antonio José Kirchner
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

5.1.14 PRAÇA PANORAMA

Nº 14

Localizada em uma zona residencial periférica da cidade, a praça em questão é de formato triangular, com bancos de concreto danificados, um telefone público sem funcionamento e caminhos confeccionados com paralelepípedos que também necessitam de manutenção. Destaca-se ainda a existência de um equipamento infantil semi-destruído e espaços gramados utilizados pelas crianças para suas brincadeiras e jogo de bola. Na data de nossa visita, alguns moradores solicitaram a inserção de uma ATI, há muito tempo prometida. Encaminhamos então a petição para a equipe técnica responsável (Figuras 35 e 36).



FIGURA 35 – Foto panorâmica da Praça Panorama
Rose Hélida Astolfo Freire – 02/05/2011.

LOCALIZAÇÃO: R. Takeshi Mitsuyasu x R. Ebanó Pereira x R. Trophino Alves Budal – Zona 5								
ÁREA: 1.574 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: 1.607/93			FORMATO: Triangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn – sim	Ia – sim	Ib - não	Lx - não	St - não	Tl – sim	Bb - não	Cc - sim	Mt - não
Ec – não	Et – não	Po - não	Pt - não	Qd - não	Ef – não	Ati– não	Pq - não	Br - não
Qq - não	Id – não	Ei – não	Ig – não	Pl – não	Ct – não	Rp– sim		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	05 <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna), 01 <i>Spathodea campanulata</i> (Espatódea), 10 <i>Tabebuia chrysotricha</i> (Ipê amarelo).							
ARECACEAE	05 <i>Phoenix robelenii</i> (Palmeira fênix), 01 <i>Roystonea oleracea</i> (Palmeira Imperial).							
ARBUSTIVA	<i>Agave tequiliana</i> (Agave azul), <i>Dracaena marginata</i> (Dracena-de-madagascar), <i>Hibiscus rosa-sinensis</i> (Hibisco).							
FORRAÇÃO	<i>Dianella ensifolia</i> (Dianela), <i>Paspalum notatum</i> (Gramma-mato-grosso).							
TIPOLOGIA: Praça de permanência					ENTORNO: Misto			

INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por três vias

OBSERVAÇÃO:-

CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Topônimos geográficos

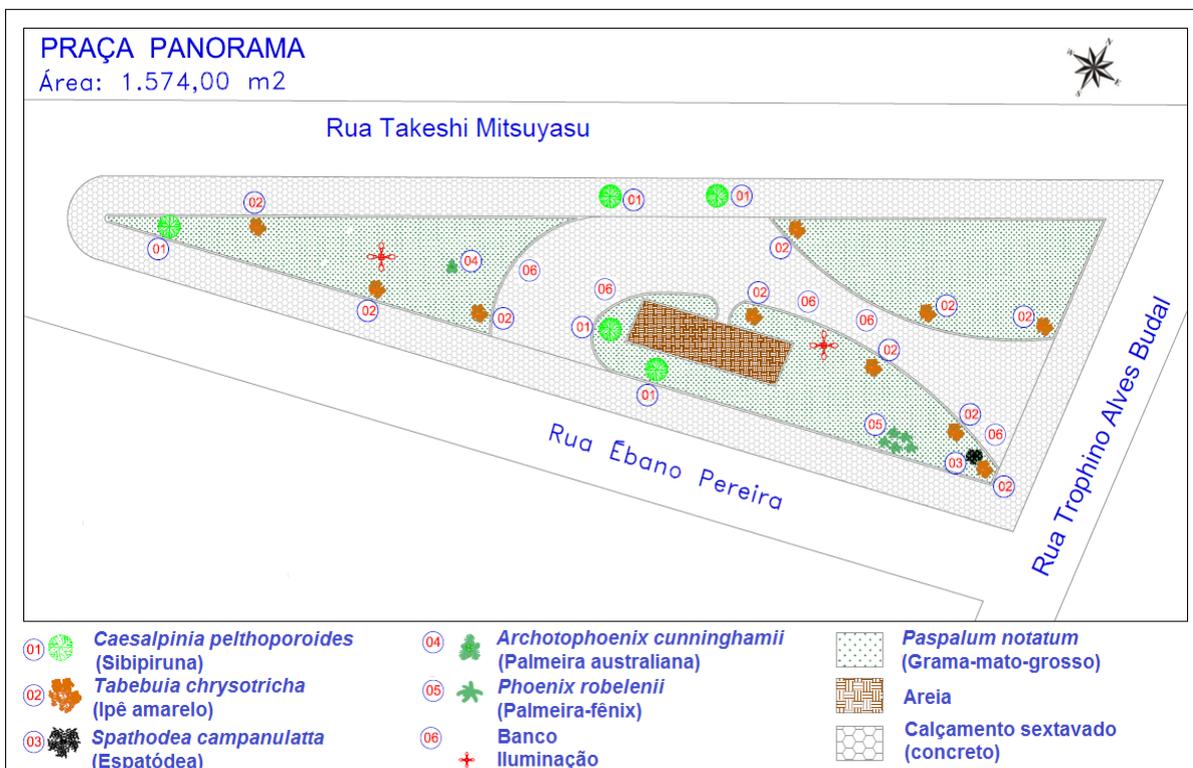


FIGURA 36 – Croqui da Praça Panorama
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

5.1.15 PRAÇA DOM BENJAMIM DE SOUZA GOMES

Nº 15

Este é um exemplo de praça que assume função de jardim. Classificou-se o logradouro em tela como praça de e da igreja, uma vez que tem em sua área um templo religioso, e três dos seus quatro lados cercados por grades, restando uma única parte aberta, voltada para o templo, o que torna o acesso ao local controlado e restrito, por esse motivo não realizou-se o croqui desta praça. Segundo informações de alguns moradores do entorno, a área foi cercada há cerca de dois anos e atualmente serve de estacionamento para os veículos dos frequentadores do templo religioso. Os bancos que ali haviam foram retirados. Existe no local apenas iluminação baixa, caminhos danificados e alguns ipês (Figura 37).



FIGURA 37 – Foto panorâmica da Praça Dom Benjamim de Souza Gomes
Rose Héliida Astolfo Freire – 02/04/2011.

LOCALIZAÇÃO: R. Takeshi Mitsuyasu x Martins S. do Nascimento x R. João Salvador x Vitor Lopes – Zona 4								
ÁREA: -			LEI DE CRIAÇÃO: 2.188/2000			FORMATO: Retangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - não	la - não	lb - sim	Lx - não	St - não	Tl - não	Bb - não	Cc - sim	Mt - não
Ec - não	Et - não	Po - não	Pt - não	Qd - não	Ef - não	Ati - não	Pq - não	Br - não
Qq - não	ld - não	Ei - não	lg - sim	Pl - não	Ct - não	Rp - não		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	09 <i>Tabebuia heptaphylla</i> (Ipê Roxo).							
ARECACEAE	03 <i>Phoenix robelenii</i> (Palmeira fênix).							
ARBUSTIVA	<i>Duranta erecta</i> (Pingo-de-ouro).							
FORRAÇÃO	<i>Paspalum notatum</i> (Gramma-mato-grosso).							
TIPOLOGIA: Praça religiosa					ENTORNO: Residencial			
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por duas vias, com edificação em sua parte posterior.								
OBSERVAÇÃO: Praça cercada há cerca de dois anos.								
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Antropotônico								

5.1.16 PRAÇA FLÁVIO FERREIRA GIOVINE

Nº 16

Localizada em uma área de intenso fluxo de veículos, esta praça é dividida em quatro partes por duas vias de mão dupla. Em sua parte posterior encontram-se algumas edificações como casas, bares e lojas comerciais cuja saída está voltada para a praça, tornando obrigatória a passagem de moradores e consumidores por seu espaço, para ter acesso a estas edificações.

A parte mais utilizada pela população apresenta uma ATI e uma barraca de sorvete. Em sentido horário, tem-se na próxima secção a identificação do logradouro danificada pelas intempéries. Na parte procedente há um ponto de ônibus em péssimas condições e, na área sequente, um telefone público. Em todas as partes da praça existem bancos, iluminação baixa, rampas de acesso e caminhos confeccionados com paralelepípedos, que necessitam de manutenção (Figuras 38 e 39).



FIGURA 38 – Foto panorâmica da Praça Flávio Ferreira Giovine
Rose Héli da Astolfo Freire – 02/04/2011.

LOCALIZAÇÃO: R. Sineval Fortes x R. Luiz Zards x R. Antonio Jose da Silva – Zona 4								
ÁREA: 1.220 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: 1.004/82			FORMATO: 4 partes		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	la – não	lb - sim	Lx - sim	St - não	Tl – sim	Bb - não	Cc - sim	Mt - não
Ec - não	Et – não	Po – sim	Pt - não	Qd - não	Ef – não	Ati – sim	Pq - não	Br - não
Qq –sim	ld – sim	Ei – não	lg – sim	Pl – não	Ct – não	Rp– sim		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	17 <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna), 01 <i>Ficus benjamina</i> (Ficus), 01 <i>Nectranda megapotamica</i> (Canelinha), 02 <i>Tabebuia heptaphylla</i> (Ipê roxo).							
ARECACEAE	03 <i>Syagurs romanzoffiana</i> (Coqueiro jerivá).							
ARBUSTIVA	<i>Codianum variegatum</i> (Cróton), <i>Duranta erecta</i> (Pingo-de-ouro), <i>Hibiscus rosa-sinensis</i> (Hibisco), <i>Podocarpus macrophyllus</i> (Pinheiro-de-buda),							
FORRAÇÃO	<i>Crinum procerum</i> (Crino-branco), <i>Petiveria alliacea</i> (Guiné), <i>Sansevieria trifasciata variegatum</i> (Sanseviéria), <i>Syngonium angustatum</i> (Singônio)							
TIPOLOGIA: Praça de passagem					ENTORNO: Misto			
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por duas vias, seccionada em quatro partes								
OBSERVAÇÃO: -								
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Antropotonímico								

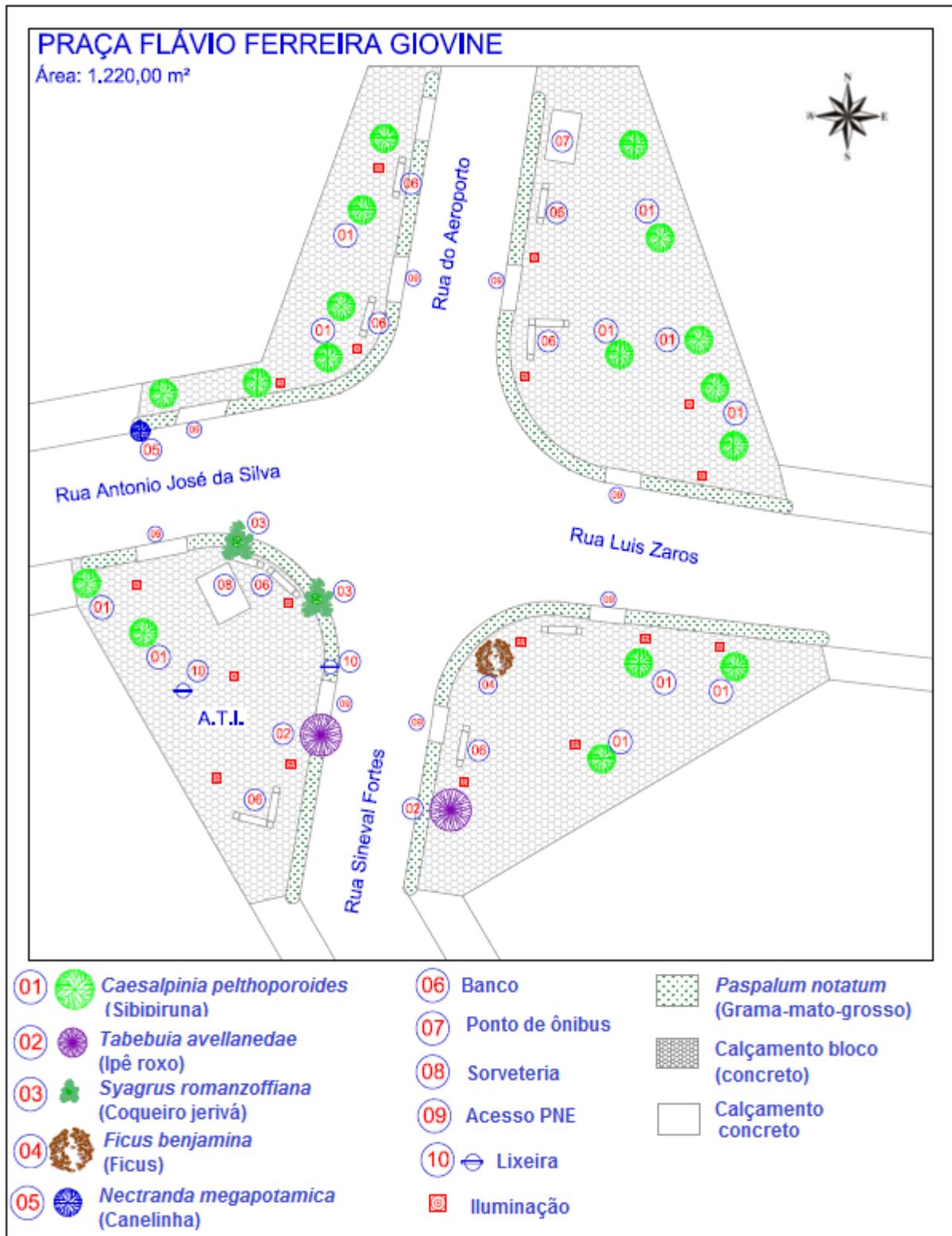


FIGURA 39 – Croqui da Praça Flávio Ferreira Giovine
 Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

5.1.17 PRAÇA MORADIAS SANTOS DUMONT

Nº 17

Inaugurada em meados de 2010, é a praça mais nova da cidade. Classificada como área de permanência, encontra-se localizada em uma zona residencial periférica. Não possui área sombreada, o que torna seu ambiente em dias quentes desconfortável. Os mobiliários que nela existem, como bancos, lixeiras, parque infantil e ATI são todos feitos de ferro. Apesar de ter piso tátil e uma rampa de acesso, a ausência de um planejamento no mínimo adequado torna este logradouro um tanto inacessível visto que existe no local uma quadra de futebol, cuja única entrada está voltada para o interior da praça, uma vez que as demais laterais da quadra encontram-se cercadas por edificações.

No entanto, quando a praça foi construída, essa entrada foi obstruída por ATI e barreiras baixas de concreto. Assim, para ter acesso à quadra o usuário tem que desviar-se desses obstáculos e ainda se arriscar a descer uma parte do terreno inclinada e coberta por mato, pois também não há caminho que ligue as duas partes. Além disso, o fundo da quadra, onde está localizada a área do gol, não possui tela de proteção e encontra-se voltado justamente para o espaço da ATI, determinando a seguinte situação: se houver jogo de bola, não se utiliza a ATI e vice-versa.

Outro problema observado diz respeito ao parque infantil. Situa-se em seu centro, na área de transição de um brinquedo à outro, um poste tipo republicano, cujos parafusos para fixação possuem a parte superior exposta, e a base de concreto encontra-se acima do nível do solo, o que coloca os usuários constantemente expostos à acidentes.

Sabe-se que em todas as praças há problemas, mas o fato desta ter sido recentemente implantada exige, no mínimo, bom senso e noção básica daquilo que é necessário para melhor atender seus objetivos (Figuras 40 e 42).



FIGURA 40 – Foto panorâmica da Praça Moradas Santos Dumont
Rose Hélida Astolfo Freire – 02/04/2011.

LOCALIZAÇÃO: R. Moisés Roque x R. Riciere Volpato - Zona 4								
ÁREA: 431 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: -			FORMATO: Em "L"		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	la - não	lb - sim	Lx - sim	St - não	Tl - não	Bb - não	Cc - sim	Mt - não
Ec - não	Et - não	Po - não	Pt - não	Qd - não	Ef - não	Ati - sim	Pq - não	Br - não
Qq - não	ld - sim	Ei - não	lg - não	Pl - não	Ct - não	Rp - sim		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	01 <i>Ficus benjamina variegata</i> (Ficus variegata), <i>Tabebuia heptaphylla</i> (Ipê Roxo).							
ARECACEAE	05 <i>Dypsis madagascariensis</i> (Areca de locuba).							
ARBUSTIVA	<i>Agave attenuata</i> (Agave-dragão), <i>Calliandra tweedii</i> (Esponjinha), <i>Callistemons sp</i> (Escova-de-garrafa), <i>Cycas revoluta</i> (Cica), <i>Dracaena fragans</i> (Coqueiro-de-vênus), <i>Eugenia sprengelli</i> (Murta), <i>Hibiscus rosa-sinensis</i> (Hibisco), <i>Hibiscus syriacus</i> (Hibisco-da-síria), <i>Ligustrum sinense variegatum</i> (Ligustrinho).							
FORRAÇÃO	<i>Zoysia japônica</i> (Gramma-esmeralda).							
TIPOLOGIA: Praça de permanência					ENTORNO: Residencial			
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por duas vias com edificação em sua parte posterior								
OBSERVAÇÃO: Não existe lei de criação, apenas identificação que lhe confere o referido topônimo.								
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Antropotônico								

5.1.18 PRAÇA PIONEIRO ANTÔNIO GALINDO

Nº 18

O topônimo da praça em tela é uma homenagem àquele que ajudou na criação do que hoje é o Jardim Morumbi, um dos bairros mais antigos de Paranavaí, situado em

uma área adjacente da malha urbana da cidade e onde a praça em questão encontra-se localizada.

Semelhante a “Praça Flávio Ferreira Giovine” (nº 16), tem seu espaço seccionado em quatro partes pelas duas vias principais do bairro, além de ter em sua parte posterior edificações cujas saídas são voltada para a praça, tornando indispensável, para ter acesso à estas edificações, a passagem pelo centro do logradouro. Apresenta em uma das partes ATI e uma garapeira. Em outra secção tem-se a identificação do logradouro, danificada pelo vandalismo e um ponto de ônibus em precárias condições. Há também na praça uma área bem sombreada onde se instalou mesas circulares com bancos de concreto utilizado pelos moradores para jogar partidas de baralho. Em todas as partes da praça existem bancos circulares feitos em concreto que se encaixam ao redor das árvores, iluminação baixa e caminhos confeccionados com paralelepípedos, que necessitam de manutenção. Apenas duas secções apresentam rampas de acesso (Figuras 41 e 43).



FIGURA 41 – Foto panorâmica da Praça Pioneiro Antônio Galindo
Rose Héli da Astolfo Freire – 15/06/2011.

LOCALIZAÇÃO: Av. Mauá x Av. Domingo Sanches - Zona 5								
ÁREA: 1.656 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: 3.014/2007			FORMATO: 4 partes		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	Ia - sim	Ib - sim	Lx - sim	St - não	TI - não	Bb - não	Cc - sim	Mt - não
Ec - não	Et - não	Po - sim	Pt - não	Qd - não	Ef - não	Ati - sim	Pq - não	Br - não
Qq - sim	Id - sim	Ei - não	Ig - não	PI - não	Ct - não	Rp - sim		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	01 <i>Ficus benjamina</i> (Ficus), 06 <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna), 04 <i>Lagerstroemia indica</i> (Reseda), 01 <i>Ligustrum lucidum</i> (Alfeneiro), 01 <i>Tabebuia chrysotricha</i> (Ipê amarelo), <i>Tabebuia heptaphylla</i> (Ipê roxo).							
ARBÓREA	01 <i>Citrus limon</i> (Limoeiro).							

FRUTÍFERA	
ARBUSTIVA	<i>Dracaena fragrans</i> (Coqueiro-de-vênus), <i>Furcraea foetida</i> (Piteira),
FORRAÇÃO	<i>Canna paniculata</i> (Cana-da-índia), <i>Paspalum notatum</i> (Gramma-mato-grosso), <i>Tradescantia pallida</i> (Trapoeiraba-roxa).
TIPOLOGIA: Praça de passagem	ENTORNO: Misto
OBSERVAÇÃO: -	
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Antropotônico	

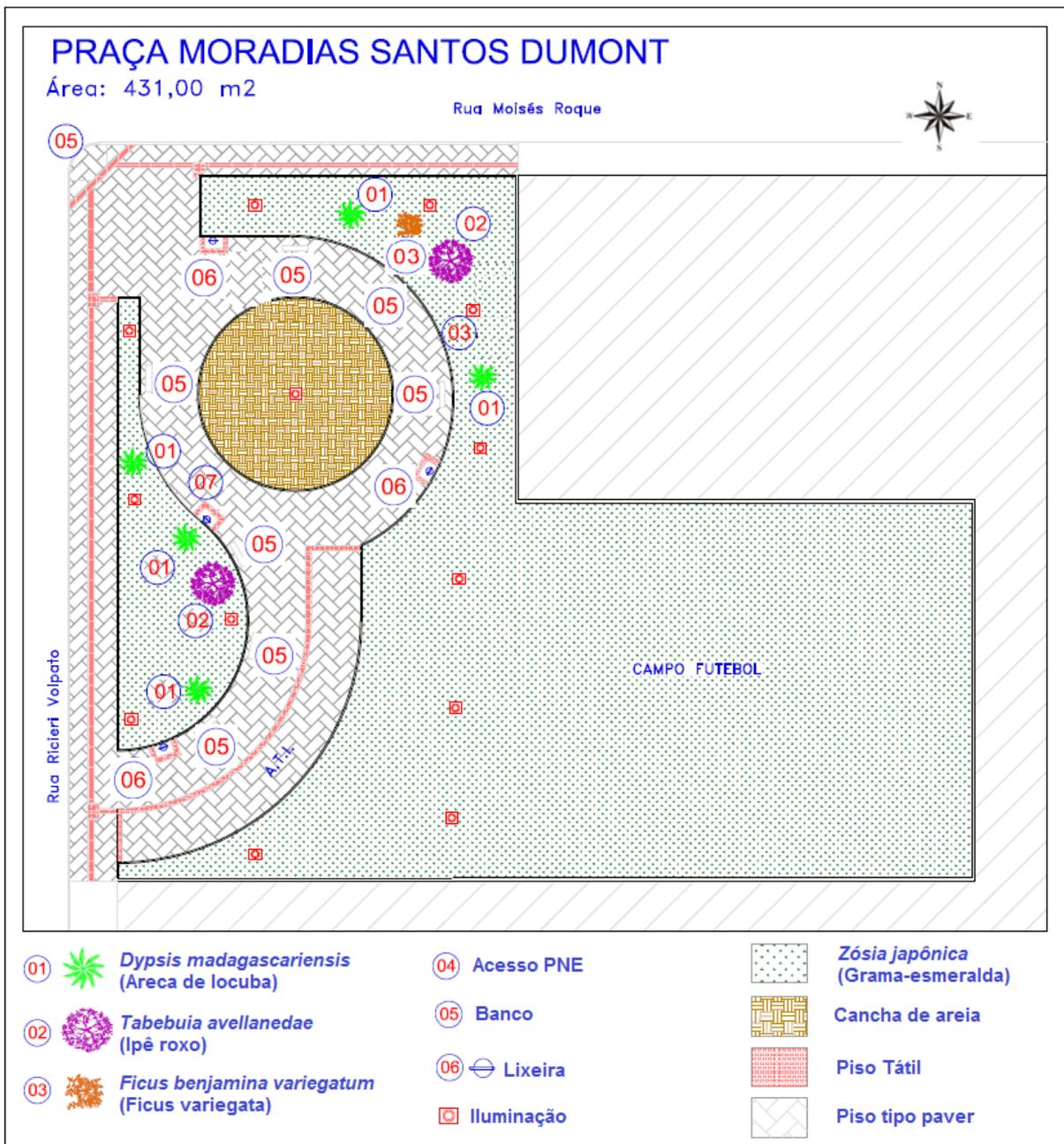


FIGURA 42 – Croqui da Praça Moradias Santos Dumont
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

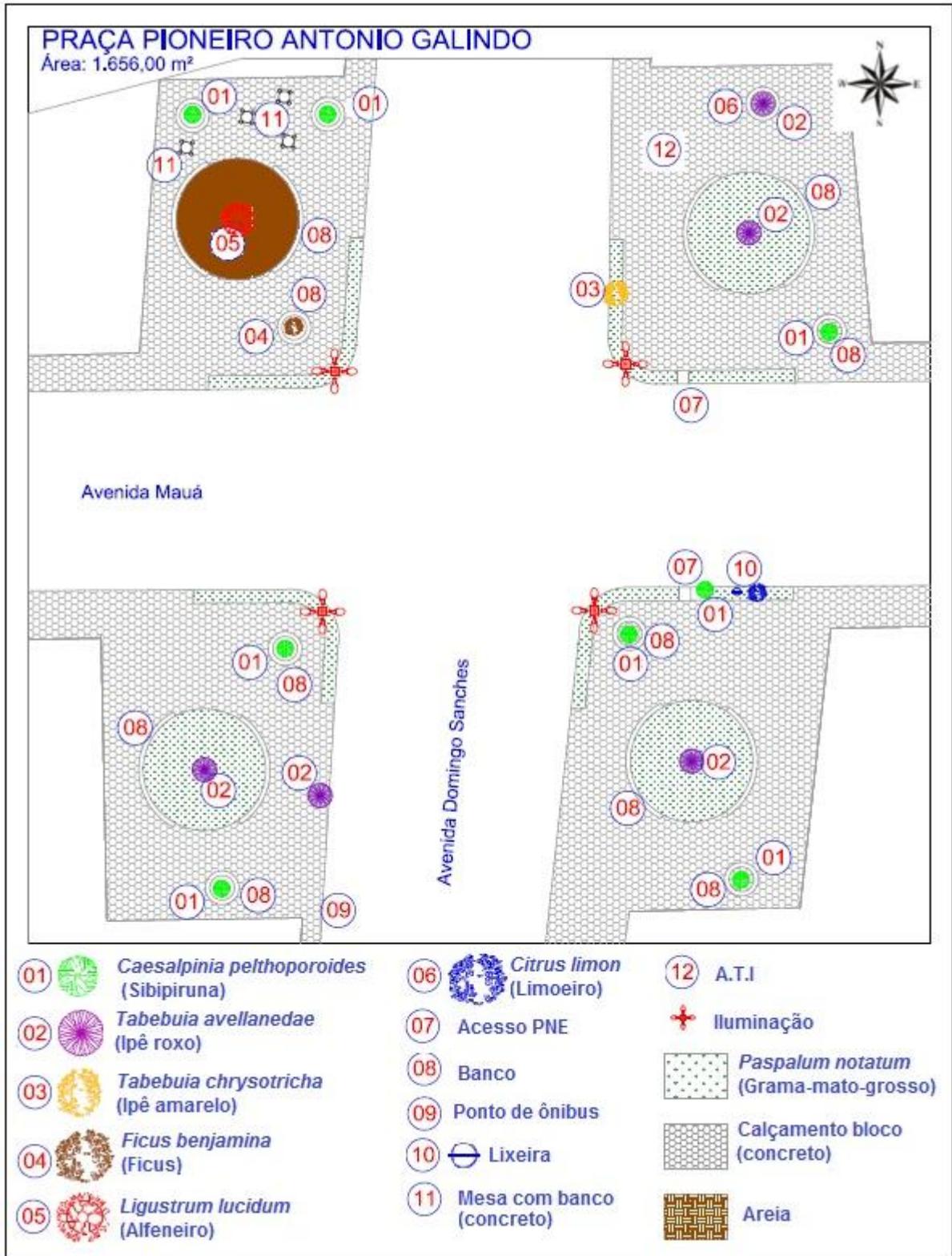


FIGURA 43 – Croqui da Praça Pioneiro Antonio Galindo
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

5.1.19 PRAÇA DOS EXPEDICIONÁRIOS

Nº 19

De formato circular, a praça em questão funciona como auxiliadora de fluxo de veículos da principal via da cidade – Av. Dep. Heitor de Alencar Furtado. É uma das duas praças que apresentam em seu espaço um conjunto de sanitários, porém sem utilização pelo fato de permanecer sempre fechado. O piso confeccionado em *petit pavé* nas cores branco, preto e vermelho, formando mosaicos, conduz ao centro vazio da praça onde há um poste do tipo republicano de cinco globos e estruturas remanescentes de uma árvore natalina (Figuras 44 e 45).



FIGURA 44 – Foto panorâmica da Praça dos Expedicionários
Rose Hélida Astolfo Freire – 15/06/2011.

LOCALIZAÇÃO: Av. Dep. Heitor de Alencar Furtado x Av. Euclides da Cunha x R. Emilio de Menezes x R. Bento Gonçalves - Zona 6								
ÁREA: 9.400 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: -			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	la - não	lb - sim	Lx - sim	St - sim	Tl - sim	Bb - não	Cc - sim	Mt - não
Ec - não	Et - não	Po - não	Pt - não	Qd - não	Ef - não	Ati - não	Pq - não	Br - não
Qq - não	ld - sim	Ei - não	lg - não	Pl - não	Ct - não	Rp - sim		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	57 <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna).							
ARBÓREA FRUTÍFERA	07 <i>Syzygium cumini</i> (Jambolão).							
ARECACEAE	29 <i>Cocos nucifera</i> (Coqueiro-da-bahia).							
ARBUSTIVA	<i>Agave americana</i> (Pita), <i>Agave tequiliana</i> (Agave azul), <i>Furcraea foetida</i> (Piteira), <i>Plumbago auriculata</i> (Bela-emília).							
FORRAÇÃO	<i>Paspalum notatum</i> (Gramma-mato-grosso).							
TIPOLOGIA: Praça de passagem					ENTORNO: Comercial			
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por uma única via								

OBSERVAÇÃO: Não possui lei de criação, mas é conhecida pela tradição popular pelo nome de Praça dos Expedicionários.

CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Histo-sociotoponímico

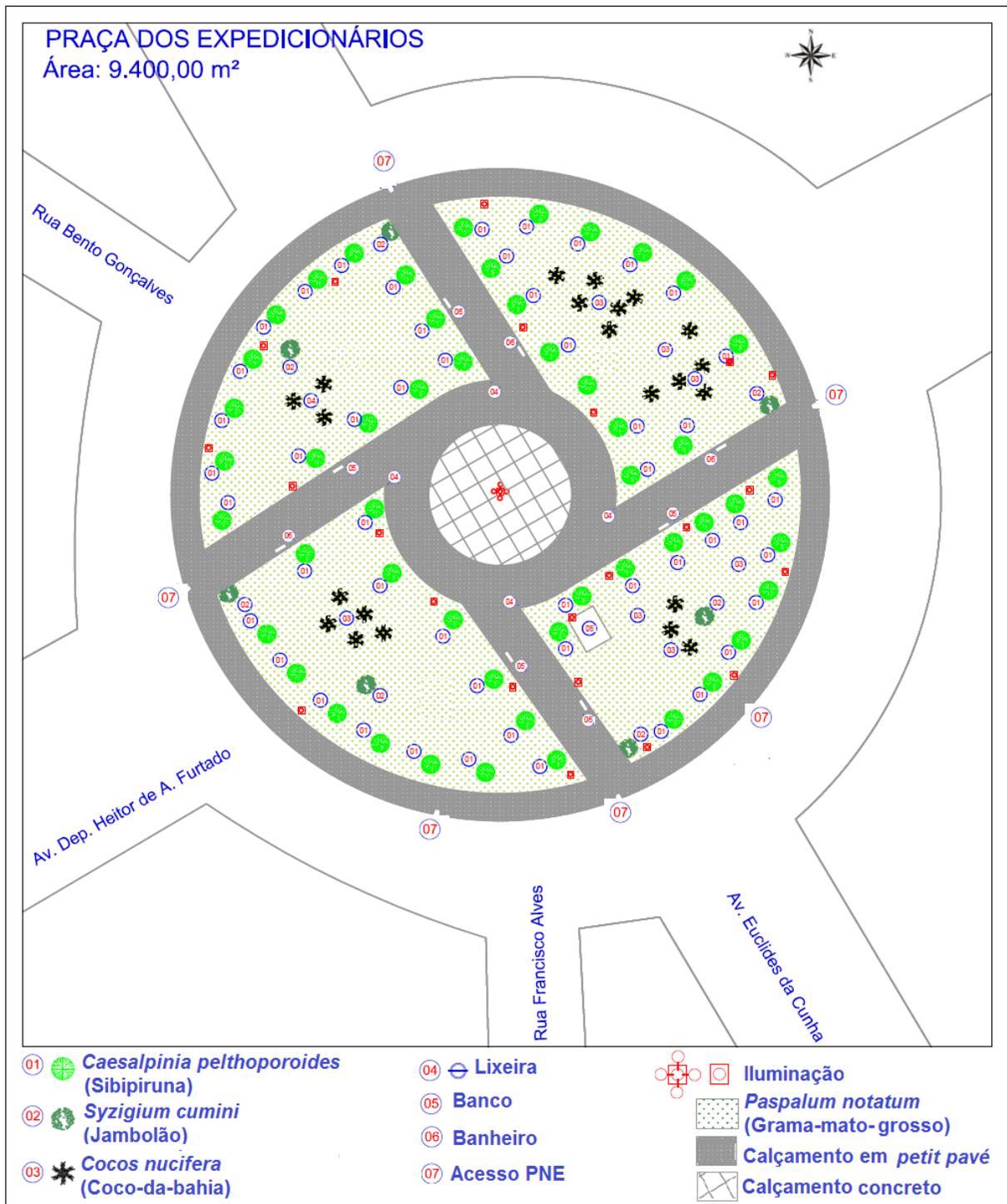


FIGURA 45 – Croqui da Praça dos Expedicionários
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

5.1.20 PRAÇA MARIO CORREA DE OLIVEIRA

Nº 20

A praça em tela situa-se em um bairro residencial de intenso movimento devido a sua proximidade com a principal avenida da cidade (Dep. Heitor de Alencar Furtado). De formato triangular é classificada como praça de permanência. Apresenta em seu espaço ATI, telefone público, sem funcionamento e parque infantil que, embora necessite de manutenção, é muito utilizado pelos moradores locais. Destaca-se seu piso em *petit pavé* nas cores branca e preto, cuja composição resulta em mosaicos geométricos. Os bancos recuados do passeio encontram-se dispostos, geralmente, sob a sombra das sibipirunas, única espécie arbórea presente na praça (Figuras 46 e 47).



FIGURA 46 – Foto panorâmica da Praça Mario Corrêa de Oliveira
Rose Héliida Astolfo Freire – 17/06/2011.

LOCALIZAÇÃO: R. Oscarlino Carvalho Duarte x R. Barão de Guarapuava - Zona 6								
ÁREA: 690 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: 918/1980			FORMATO: Triangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	la – sim	lb - não	Lx - sim	St - não	TI – sim	Bb - não	Cc - sim	Mt - não
Ec - não	Et – não	Po - não	Pt - não	Qd - não	Ef – não	Ati – sim	Pq - sim	Br - não
Qq - não	ld – sim	Ei – não	lg – não	PI – não	Ct – não	Rp– sim		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	13 <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna).							
FORRAÇÃO	<i>Paspalum notatum</i> (Gramma-mato-grosso).							
TIPOLOGIA: Praça de permanência					ENTORNO: Misto			
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por três vias								
OBSERVAÇÃO: -								
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Antropotonímico								

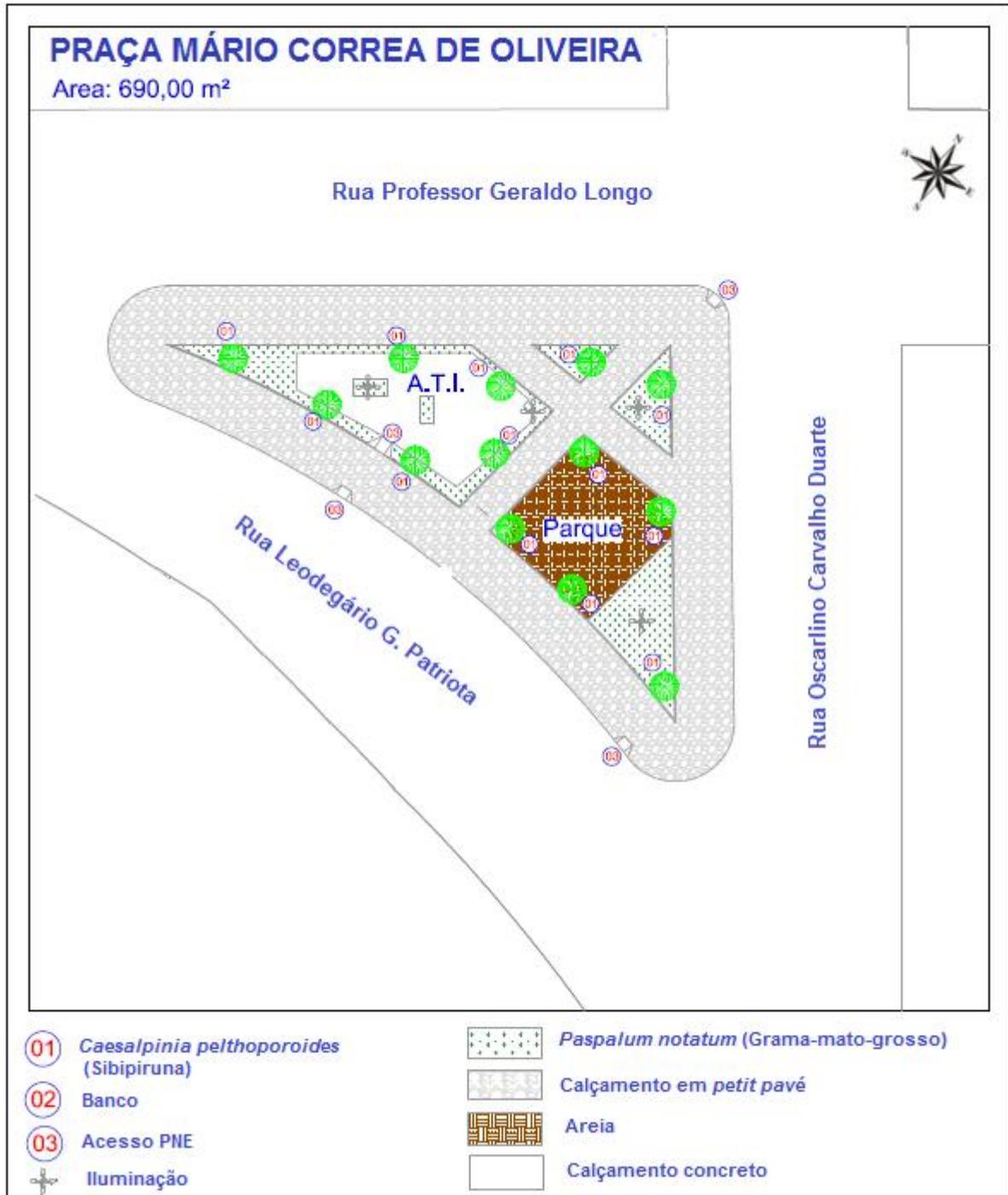


FIGURA 47 – Croqui da Praça Mario Correa de Oliveira
 Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

5.1.21 PRAÇA SÃO JOSÉ OPERÁRIO

Nº 21

Logradouro popularmente conhecido como “Praça São José Operário”, abarca em seu recinto a igreja homônima e, em anexo, o salão Paroquial Frei Estanislau. Localizada em um bairro periférico da cidade, seu principal uso é voltado para o

lazer passivo uma vez que consiste em uma área bem sombreada arborizada, com alguns bancos, que necessitam de manutenção (Figuras 48 e 49).



FIGURA 48 – Foto panorâmica da Praça São José Operário
Rose Héliida Astolfo Freire – 04/05/2011.

LOCALIZAÇÃO: Rua F x Av. Martin Luther king – Zona 6								
ÁREA: 2.786 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: -			FORMATO: Retangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	la – sim	lb - sim	Lx - não	St - não	Tl – não	Bb - não	Cc - sim	Mt - não
Ec - não	Et – não	Po - sim	Pt - não	Qd - não	Ef – não	Ati– não	Pq - não	Br - não
Qq - não	ld – não	Ei – não	lg – sim	Pl – não	Ct – não	Rp– não		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	31 <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna), 02 <i>Michelia champaca</i> (Magnólia), 03 <i>Thuja orientalis</i> (Tuia compacta), 01 <i>Tabebuia heptaphylla</i> (Ipê roxo).							
ARECACEAE	04 <i>Phoenix robelenii</i> (Palmeira fênix).							
ARBUSTIVA	<i>Codianum variegatum</i> (Cróton), <i>Duranta erecta</i> (Pingo-de-ouro),							
FORRAÇÃO	<i>Canna paniculata</i> (Cana-da-índia), <i>Impatiens walleriana</i> (Maria-sem-vergonha), <i>Liriope muscari</i> (Barba-de-serpente), <i>Paspalum notatum</i> (Gramma-mato-grosso), <i>Tradescantia pallida</i> (Trapoeiraba-roxa).							
TIPOLOGIA: Religiosa					ENTORNO: Misto			
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por duas vias com edificação em sua parte posterior								
OBSERVAÇÃO: Não possui lei de criação, mas é conhecida pela tradição popular pelo nome de Praça São José Operário.								
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Hiero-hagiotopônimo								

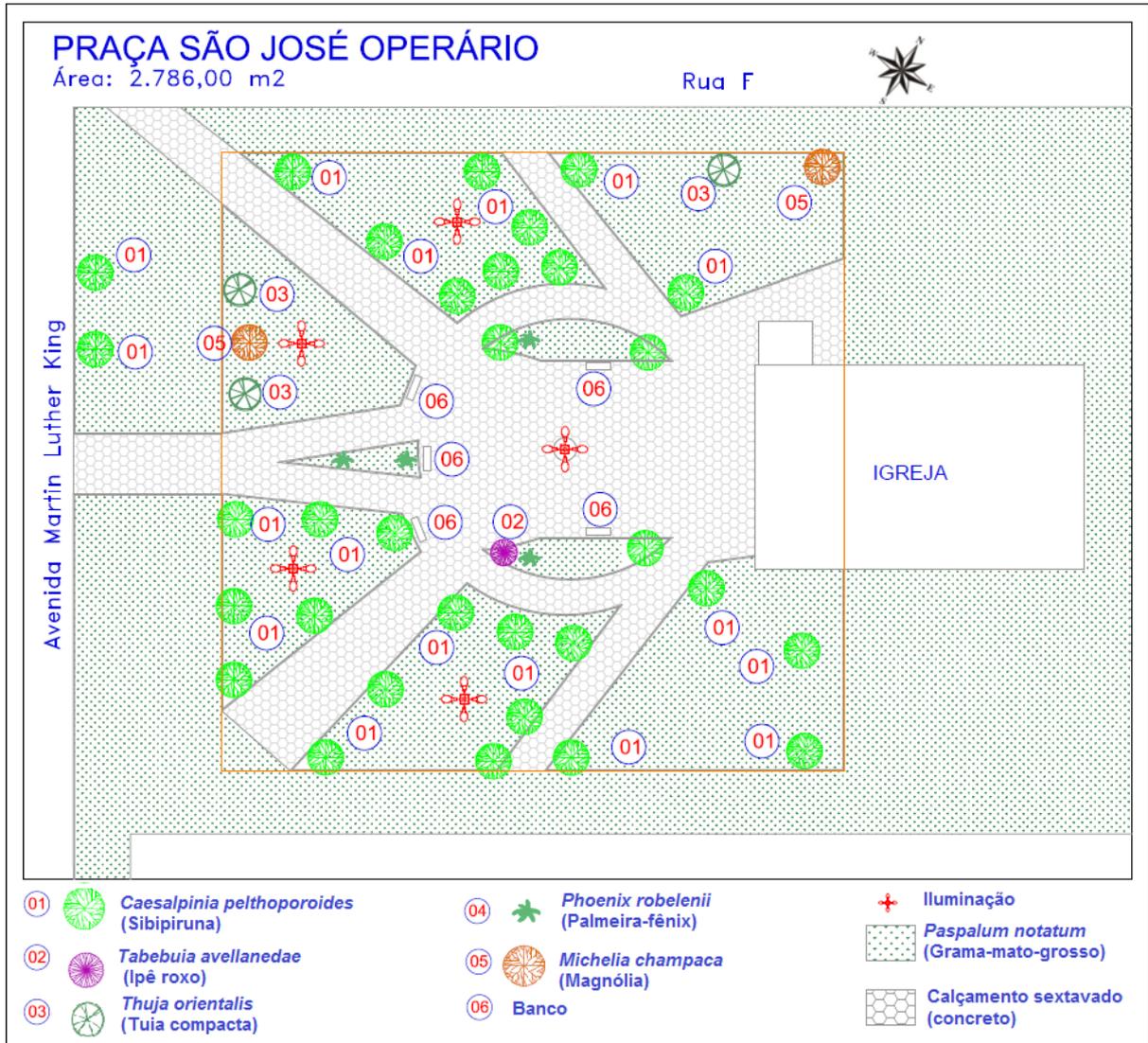


FIGURA 49 – Croqui da Praça São José Operário
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

5.1.22 PRAÇA SEM DENOMINAÇÃO

Nº 22

Uma praça praticamente desprovida de equipamentos e/ou estrutura, exceto a existência de quatro bancos em péssimas condições e de um superposte em sua parte central. O piso se faz presente somente na parte externa da praça, sem acesso algum ao seu interior, onde encontra-se apenas vegetação rasteira, cuja manutenção periódica, não permite seu crescimento exagerado. Na data da pesquisa havia sido plantado pelos moradores do entorno dois exemplares de *Cereus peruvianus* e *Euphorbia ingens* (cactos) e *Hovenia dulcis* (Uva Japonesa) (Figuras 50 e 51).



FIGURA 50 – Foto panorâmica da Praça sem denominação Rose Héliida Astolfo Freire – 04/05/2011.

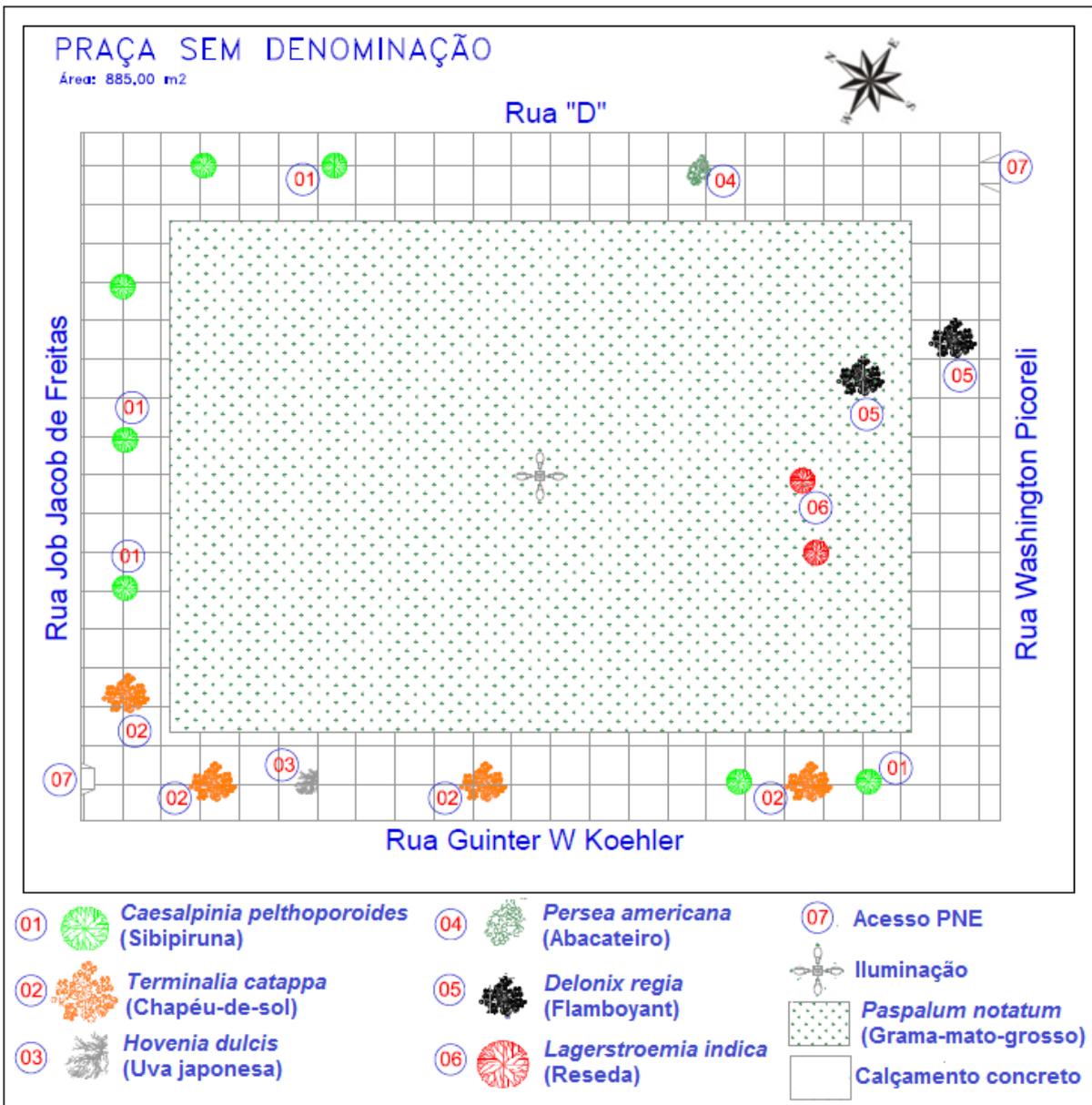


FIGURA 51 – Croqui de praça sem denominação
 Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

LOCALIZAÇÃO: R. Washington Picoreli x Job Jacob de Freitas x Rua D x R. Guinter Wolfgang koehler - Zona 7								
ÁREA: 885 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: -			FORMATO: Retangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	la – sim	lb - não	Lx - não	St - não	Tl – não	Bb - não	Cc - sim	Mt– não
Ec - não	Et – não	Po - não	Pt - não	Qd - não	Ef – não	Ati– não	Pq - não	Br – não
Qq - não	ld – não	Ei – não	lg – não	Pl – não	Ct – não	Rp– sim		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	07 <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna), 02 <i>Delonix regia</i> (Flamboyant), 01 <i>Hovenia dulcis</i> (Uva japonesa), 02 <i>Lagerstroemia indica</i> (Resedá), 04 <i>Terminalia catappa</i> (Chapéu-de-sol).							
ARBÓREA FRUTÍFERA	01 <i>Persea americana</i> (Abacateiro).							
ARBUSTIVA	<i>Cereus peruvianus</i> (Cacto-parafuso), <i>Euphorbia ingens</i> (Cacto-candelabro),							
FORRAÇÃO	<i>Paspalum notatum</i> (Gramamato-grosso).							
TIPOLOGIA: Praça de permanência					ENTORNO: Misto			
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por quatro vias								
OBSERVAÇÃO: Não possui lei de criação.								

5.1.23 PRAÇA THAISA ROMERO DIAS LIMA

Nº 23

Praça de pequeno porte do conjunto habitacional Tânia Mara, é separada da praça precedente apenas por uma quadra. Possui em seu espaço ATI e uma biblioteca municipal e é utilizada, maiormente, pelos moradores locais que acabam apropriando-se do espaço para o plantio de espécies vegetais sem qualquer orientação. Apesar das orientações fornecidas pela equipe técnica responsável pela arborização da cidade, a população insiste neste hábito (Figuras 52 e 55).



FIGURA 52 – Foto panorâmica da Praça Thaisa Romero Dias Lima
Rose Héliida Astolfo Freire – 04/05/2011.

LOCALIZAÇÃO: R. Washington Picoreli x Job Jacob de Freitas x R. B x R. C – Zona 7								
ÁREA: 1.427 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: 3.012/2007			FORMATO: Retangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	la – sim	lb - sim	Lx - sim	St - não	Tl – não	Bb - não	Cc – sim	Mt– não
Ec - não	Et – não	Po - não	Pt - não	Qd - não	Ef – não	Ati– não	Pq– não	Br – não
Qq - não	ld – sim	Ei – sim	lg – não	Pl – não	Ct – não	Rp– sim		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	12 <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna), <i>Tabebuia heptaphylla</i> (Ipê roxo).							
ARECACEAE	01 <i>Phoenix robelenii</i> (Palmeira fênix).							
ARBUSTIVA	<i>Nerium oleander</i> (Espirradeira).							
FORRAÇÃO	<i>Paspalum notatum</i> (Gramma-mato-grosso).							
TIPOLOGIA: Praça de permanência					ENTORNO: Residencial			
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por quatro vias								
OBSERVAÇÃO: -								
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Antropotonímico								

5.1.24 PRAÇA ROSA DE SIQUEIRA BOTELHO

Nº 24

Localizada no mesmo conjunto habitacional das duas praças precedentes (nº 22 e 23), é também utilizada predominantemente pela população local, uma vez que o acesso visível à estas praças pertence somente ao seu entorno imediato, pois, as quadras que as cercam, impedem a visualização destas de outro ângulo. Dispõe de bancos, caminhos calçados e um superposte localizado em sua área central. Há também o plantio de vegetação pela população do entorno em seu recinto sem critério algum (Figuras 53 e 54).



FIGURA 53 – Foto panorâmica da Praça Rosa de Siqueira Botelho
Rose Hélida Astolfo Freire – 04/05/2011.

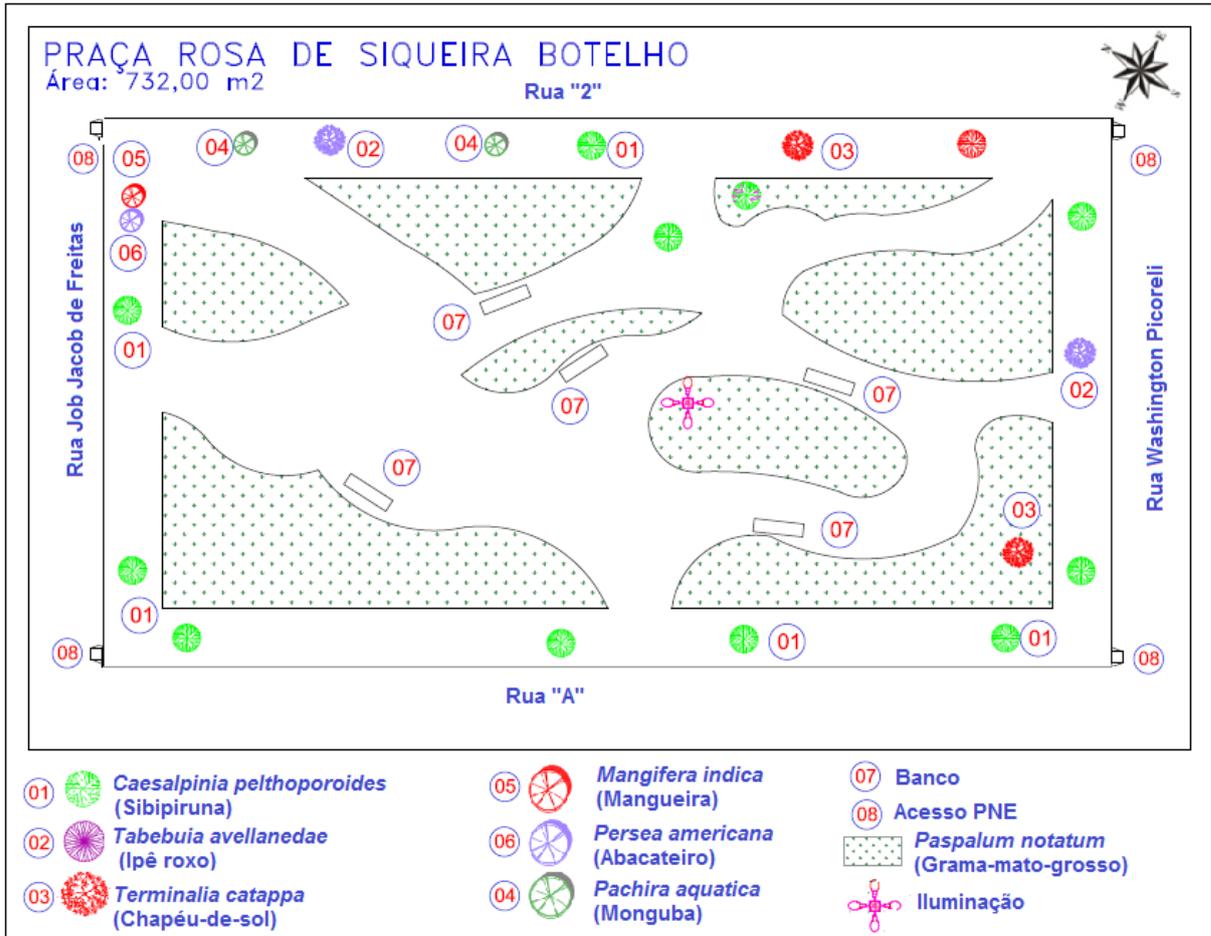


FIGURA 54 – Croqui da Praça Rosa de Siqueira Botelho
 Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

LOCALIZAÇÃO: R. Washington Picoreli x Job Jacob de Freitas x Rua 2 x Rua A – Zona 7								
ÁREA: 732 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: 3.109/2008			FORMATO: Retangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	la - sim	lb - não	Lx - não	St - não	TI - não	Bb - não	Cc - sim	Mt - não
Ec - não	Et - não	Po - não	Pt - não	Qd - não	Ef - não	Ati - não	Pq - não	Br - não
Qq - não	Id - não	Ei - não	Ig - não	PI - não	Ct - não	Rp - sim		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	10 <i>Caesalpinia pelthoporoides</i> (Sibipiruna), 01 <i>Cássia fistula</i> (Acácia Imperial), 02 <i>Pachira aquatica</i> (Monguba), 02 <i>Tabebuia heptaphylla</i> (Ipê roxo), 02 <i>Terminalia catappa</i> (Chapéu-de-sol).							
ARBÓREA FRUTÍFERA	01 <i>Mangifera indica</i> (Mangueira), 01 <i>Persea americana</i> (Abacateiro).							
ARBUSTIVA	<i>Bougainvillea spectabilis</i> (Primavera), <i>Duranta erecta</i> (Pingo-de-ouro), <i>Yucca guatemalensis</i> (luca-elefante).							
FORRAÇÃO	<i>Dietes bicolor</i> (Moréia), <i>Paspalum notatum</i> (Gramma-mato-grosso), <i>Philodendron hederaceum</i> (Filodendro), <i>Syngonium angustatum</i> (Singônio).							

TIPOLOGIA: Praça de permanência	ENTORNO: Residencial
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por quatro vias	
OBSERVAÇÃO: -	
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Antropônimo	

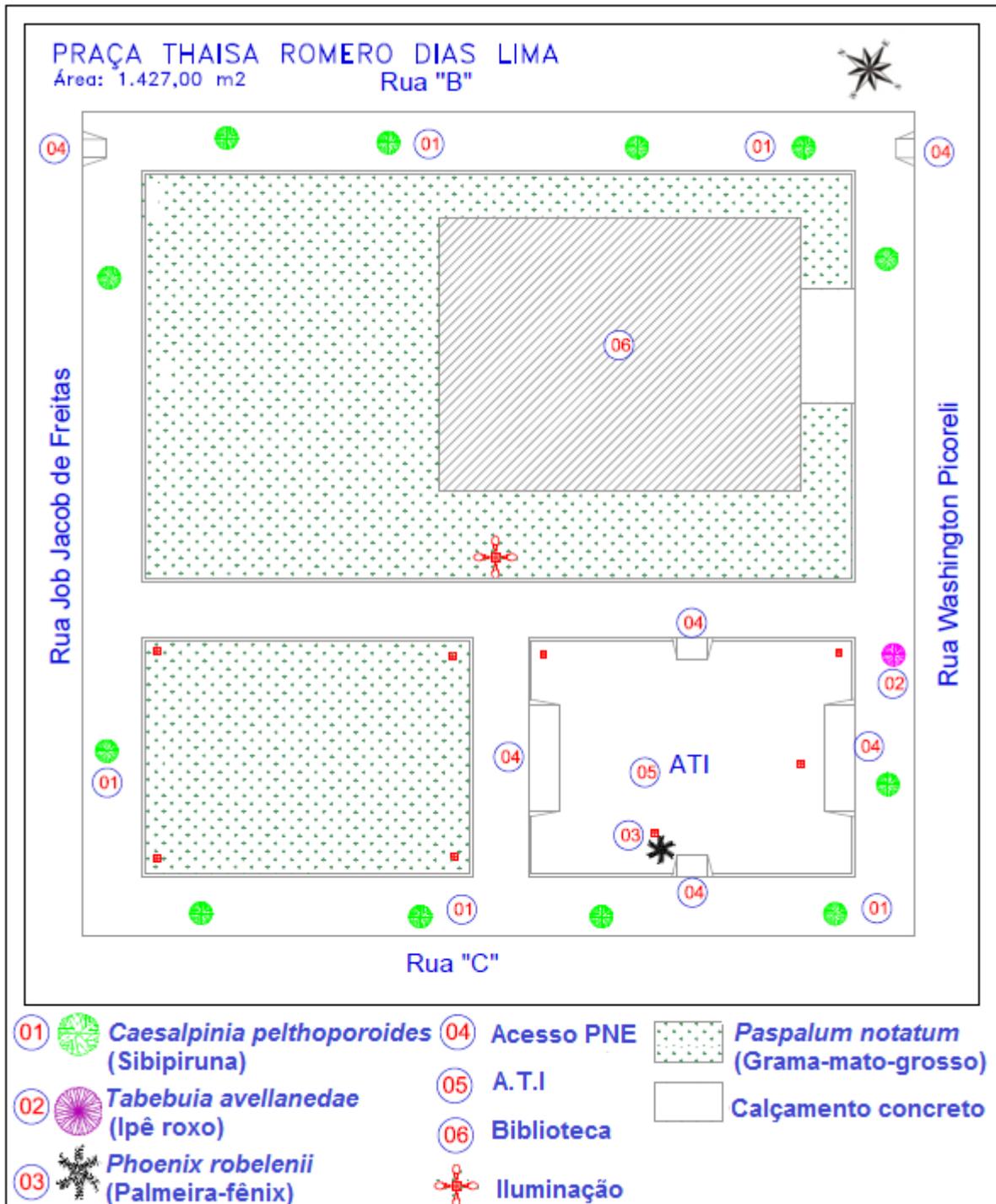


FIGURA 55 – Croqui da Praça Thaisa Romero Dias Lima
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

5.1.25 PRAÇA PIONEIRO BENEDITO DAL PONTE

Nº 25

Única praça situada no Distrito de Sumaré, região cuja população é de 4.508 habitantes (IBGE, 2010) e onde está localizada a área industrial da cidade. Em formato trapezoidal, é uma praça simétrica, classificada como área de permanência. Apresenta em seu recinto ATI, uma pequena cancha de areia e bancos que se destacam pelo formato diferenciado. Apesar de recentemente revitalizada, cujo valor aplicado foi de R\$ 40.000,00, pago com recursos do Governo Federal, o projeto ainda não possui rampas de acesso, piso tátil e estacionamento especial para PMR (Figuras 56 e 57).



FIGURA 56 – Foto panorâmica da Praça Pioneiro Benedito Dal Ponte
Rose Héliida Astolfo Freire – 17/06/2011.

CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: B								
LOCALIZAÇÃO: R. Ângelo Bigoto x R. Adolpo Canato x R. Maristela x R. Paraíso - Zona 9								
ÁREA: 2.315 m ²			LEI DE CRIAÇÃO: 1.238/89			FORMATO: Trapezoidal		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - sim	la – sim	lb - sim	Lx - sim	St - não	Tl – sim	Bb - não	Cc - sim	Mt - não
Ec - não	Et – sim	Po - não	Pt - não	Qd - não	Ef – não	Ati – sim	Pq - não	Br - não
Qq - não	ld – sim	Ei – não	lg – não	Pl – não	Ct – não	Rp – não		
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	18 <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna).							
ARECACEAE	08 <i>Phoenix robelenii</i> (Palmeira fênix).							
ARBUSTIVA	<i>Bambusa gracillis</i> (Bambu-de-jardim), <i>Cycas revoluta</i> (Cica), <i>Dracaena marginata</i> (Dracena-de-madagascar), <i>Eugenia sprengelli</i> (Murta), <i>Mussaenda philippica</i> (Mussaenda-branca), <i>Ligustrum sinense variegatum</i> (Ligustrinho), <i>Rhododendron simsii</i> (Azaléia).							
FORRAÇÃO	<i>Dietes bicolor</i> (Moréia), <i>Liriope muscari</i> (Barba-de-serpente), <i>Pilea microphylla</i> (Brilhantina), <i>Tradescantia pallida</i> (Traçoeraba-roxa).							

TIPOLOGIA: Praça de permanência	ENTORNO: Misto
INSERÇÃO NA MALHA URBANA: Conformada por quatro vias	
OBSERVAÇÃO: Antiga Praça Papa João Paulo I.	
CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA: Antropotonímico	

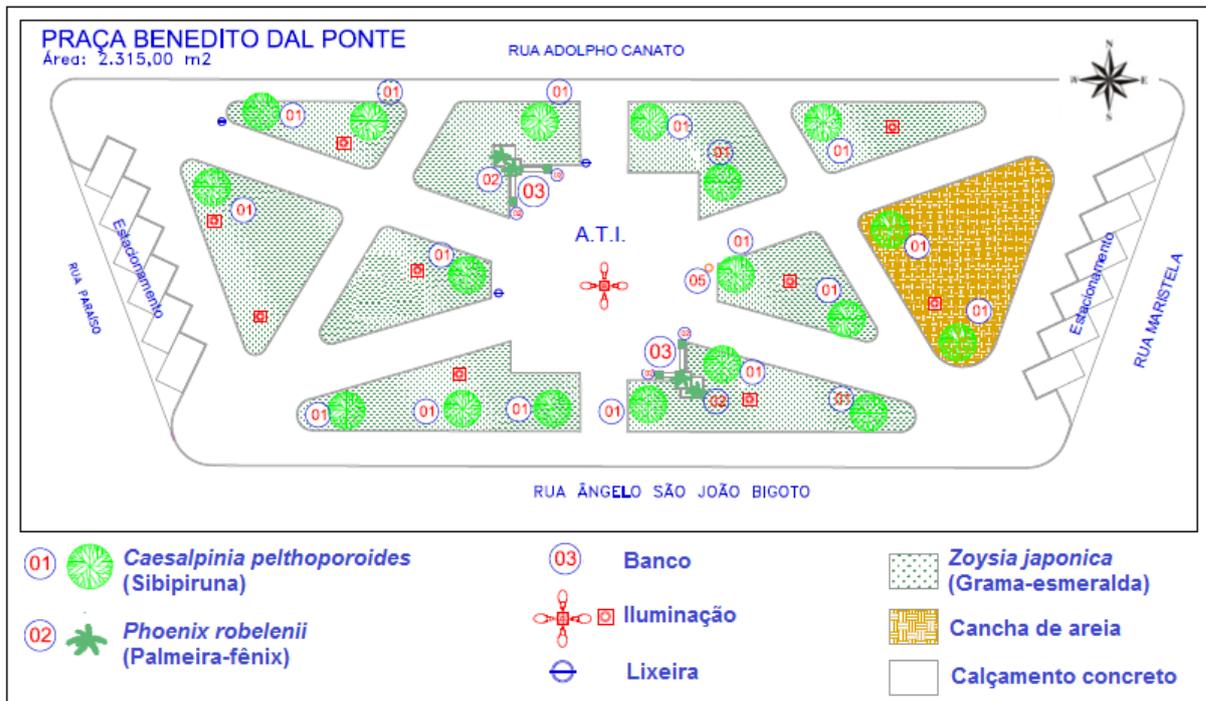


FIGURA 57 – Croqui da Praça Pioneiro Benedito Dal Ponte
Elaboração: Douglas Hemerson Valentin e Rose Héliida Astolfo Freire (2011).

Procurou-se através deste levantamento de caráter quantitativo obter resultados quanto à distribuição, as características, os equipamentos e/ou estruturas e a vegetação presente em cada praça. Para concluir o presente item, apresenta-se na sequência uma análise geral dos resultados obtidos, seguidos de representação gráfica para uma visualização mais ampla e um melhor entendimento da real situação das praças de Paranavaí.

5.1.1 - Topônimos

No que se refere aos topônimos, foram considerados aqueles legalmente e popularmente atribuídos às praças de Paranavaí. Obteve-se o seguinte resultado: 62% das praças foram enquadradas como sendo antropotonímicas, quais sejam:

Sinval Reis (nº 03), Rodrigo Ayres (nº 04), Ida Ravizoni Dal-Prá (nº08), Edith Ebner Eckert (nº 07), Luciano Eugênio Vitore (nº 09), Oscar Garbo (nº 12), Antonio José Kirchner (nº 13), Dom Benjamim de Souza Gomes (nº 15), Flávio Ferreira Giovine (nº 16), Moradias Santos Dumont (nº 17), Pioneiro Antônio Galindo (nº 18), Mario Correa de Oliveira (nº 20), Thaisa Romero Dias Lima (nº 23), Rosa Siqueira Botelho (nº 24) e Pioneiro Benedito Dal Ponte (nº 25). Três estão classificadas como hiero-hagiotopônicas: Papa João XXIII (nº 01), Frei Estanislau José de Souza (nº 11) e São José Operário (nº 21), sendo os dois últimos personalidades locais. Três são enquadradas como sendo histo-sociotopônimo: Dos pioneiros (nº 06), dos Expedicionários (nº 19), Rotary (nº 05). Foram classificadas como topônimos geográficos as praças Brasil (nº 02), Recanto Japonês (nº 10) e Panorama (nº 14) (Figura 58).

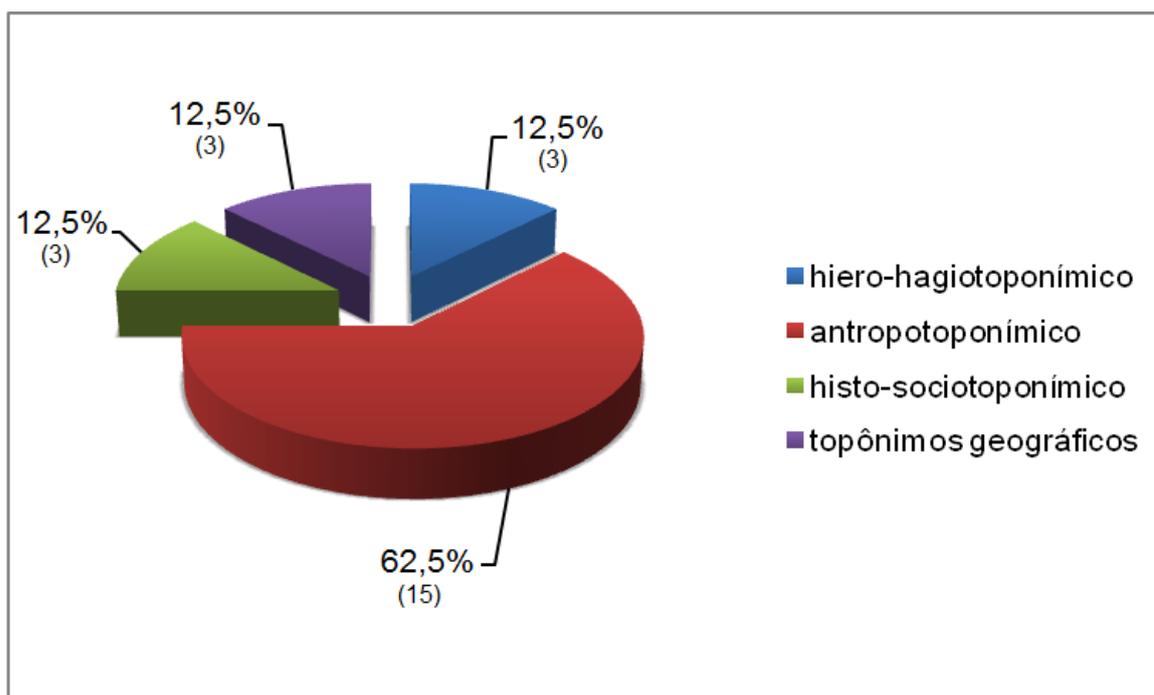


FIGURA 58 – Classificação toponímica das praças localizadas na cidade de Paranavaí/PR

A predominância de topônimos antropotopônicos foi também observada por De Angelis (2000) em relação às praças maringenses que, no período da pesquisa, perfaziam um total de 57%. O autor justifica o resultado através do hábito de nomeação sem critérios das praças que se iniciou posteriormente ao período militar-nacionalista e se estendeu até a aprovação da Lei Nº 3434/93, a qual disciplina a denominação dos logradouros públicos.

No caso de Paranavaí, nota-se que a nomeação de praças passou a ser utilizada como uma forma de homenagear personalidades do município que marcaram, de algum modo, sua história, como é o caso dos pioneiros da região.

Tornar pública a contribuição de cada um destes que “eternizaram” seus nomes nas praças de Paranavaí, ainda que de maneira sucinta frente à reduzida quantidade documental, se faz necessário em reconhecimento de seus feitos para o município. Dessa forma, realizou-se um breve levantamento junto a Prefeitura Municipal, Câmara Municipal e Casa da Cultura, sobre cada uma dessas personalidades (Apêndice A).

5.1.2 – Localização e entorno

Ao levantar a localização das praças paranavaense, tomando por base a divisão da cidade em unidades de planejamento – zonas, constatou-se uma concentração destes equipamentos nas áreas nobres em detrimento das mais carentes que, além de apresentar uma quantidade menor destes espaços, são também inferiores, qualitativamente, se comparadas com as praças situadas em áreas mais abastadas (Tabela 1).

TABELA 1 – Quantidade de praça (m²/habitante) por zona

ZONA	PRAÇA (m ² /hab.)
1	2,9
2	5,4
3	0,1
4	0,2
5	0,2
6	0,9
7	0,4
9	0,6

Organização: Rose Héliida Astolfo Freire, 2011.

Contudo, durante os levantamentos foi observado que as praças periféricas, mesmo com diversos problemas referentes à manutenção e à existência de equipamentos

e/ou estruturas em seu espaço, são frequentemente utilizadas pela população local. Outra questão observada através da pesquisa de campo é a predominância das praças em áreas residenciais. Das vinte e cinco praças de Paranavaí, onze estão situadas nessas áreas e somente cinco encontram-se em locais comerciais (Figura 59).

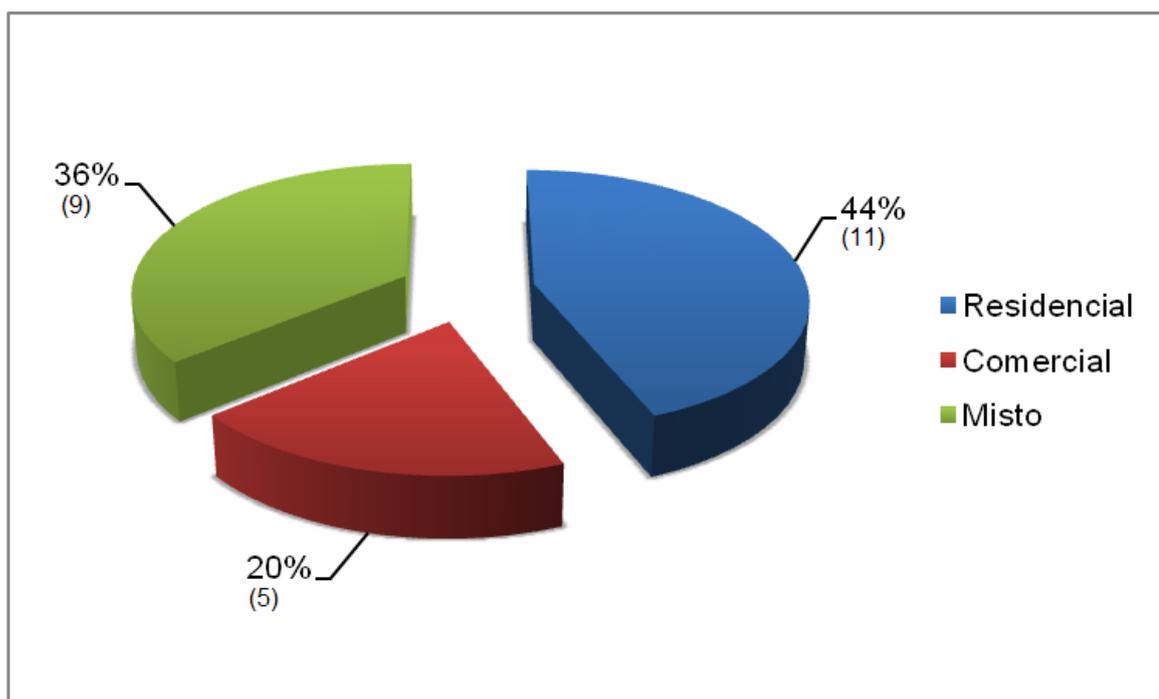


FIGURA 59 – Classificação do entorno das praças localizadas na cidade de Paranavaí

5.1.3 Lei de criação

Em relação à lei de criação das praças públicas paranavaieiras, tem-se que sete das vinte e cinco praças não apresentam lei de criação. Logradouros de destaque da cidade, como a Praça Brasil, a mais central de todas e área de passagem obrigatória para muitos pedestres e veículos; a Praça dos Pioneiros, a maior e mais utilizada pela população; a Praça dos Expedicionários, auxiliadora do fluxo da via principal da cidade, a Praça João Paulo XXIII, que abriga em seu espaço a primeira igreja construída na cidade; a Praça Moradas Santos Dumont, recentemente implantada na cidade, entre outras, compõem o conjunto de praças que não apresentam nenhum registro legal. Em contrapartida, tem-se espaços que apesar de não apresentarem infraestrutura alguma, existem legalmente. Além disso, verificou-se

algumas incoerências no que diz respeito às denominações, uma vez que há logradouros com identificação e até mesmo monumento que lhe confere um topônimo, legalmente pertence à outro espaço (Quadro 5).

QUADRO 5 - Praças da cidade de Paranavaí com problemas relacionados ao registro legal

Nº	Praça	Situação
01	Brasil	Não possui lei de criação
03	Papa João Paulo XXIII	Não possui lei de criação
04	Dos Pioneiros	Não possui lei de criação
05	Ida Ravizoni Dal-Prá	Área não urbanizada
09	Moradias Santos Dumont	Não possui lei de criação
07	Frei Estanislau José de Souza	Denominação não condizente com a identificação do logradouro
12	Luciano Eugênio Vitore	Denominação não condizente com a identificação do logradouro
17	São José Operário	Não possui lei de criação
20	Sem denominação	Não possui lei de criação
23	Dos Expedicionários	Não possui lei de criação

Organização: Rose Héliida Astolfo Freire, 2011.

5.1.4 Forma geométrica

Quanto à conformação geométrica das praças, predominam as de formato retangular (44%), seguidas pelas de formato circular, 24%, e pelas triangulares, 12%. Além destas, há também algumas de formato diferenciado, que representam 20% das praças paranavaíenses, como é o caso das praças Pioneiro Antonio Galindo e Flávio Ferreira Giovine cujo cruzamento de duas vias resultou na formação de uma praça descontínua composta por quatro partes. As praças Ida Ravizione Dal Prá, em formato de losango, Pioneiro Benedito Dal Ponte, de formato trapezoidal, e a Moradias Santos Dumond em formato de “L”, são também exemplos de espaços cujas formas geométricas diferenciadas se destacam na malha urbana, uma vez que rompem o quadriculado convencional dos quarteirões.

5.1.5 Tipologia

Em relação à tipologia, as praças paranavaíenses encontram-se categorizadas da seguinte forma: dez como praças de permanência, oito como praças de circulação, quatro como praças de igreja, duas como praças de significação visual e uma não urbanizada (Figura 60).

As praças de permanência são dotadas de equipamentos voltados para o lazer ativo e/ou passivo, como por exemplo, parque infantil, estrutura para terceira idade, quadras esportivas, entre outros. As praças classificadas como de circulação são predominantemente de formato circular, e estão inseridas em regiões da cidade de intenso fluxo de veículos e pedestres. Praças de igreja e de significação visual são aquelas dotadas, respectivamente, de templos religiosos e de edificações que servem como referencial para recordá-las.

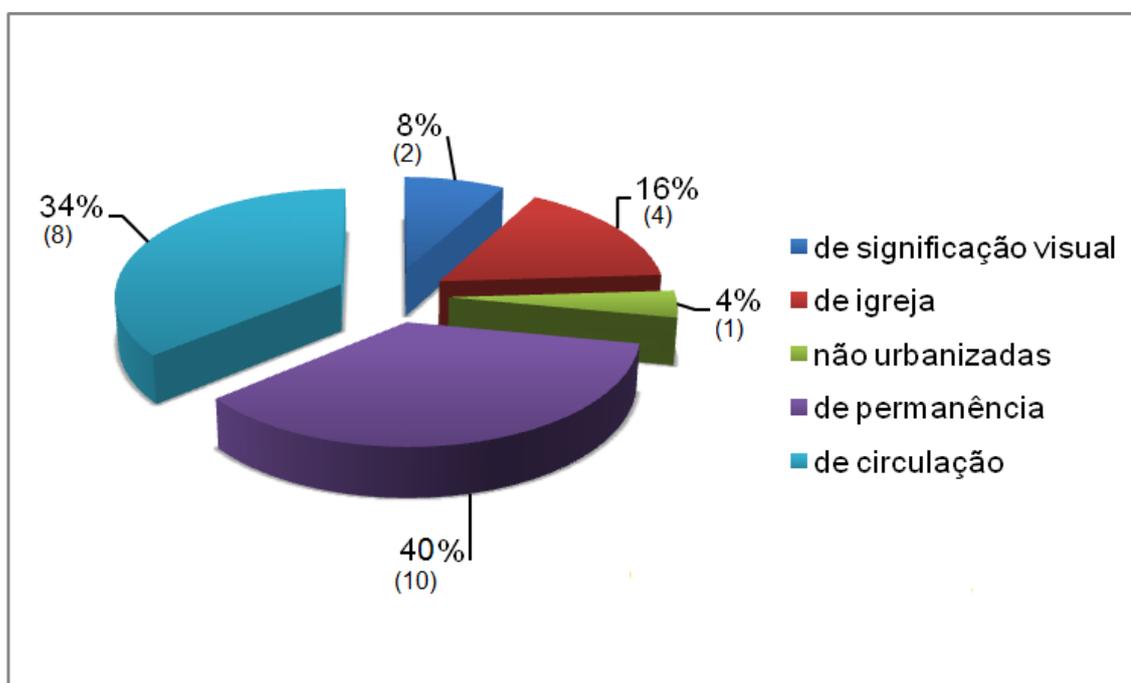


FIGURA 60 – Tipologia das praças localizadas na cidade de Paranavaí

5.1.6 Inserção na malha urbana

Segundo De Angelis (2000), o estudo da inserção da praça na trama urbana permite um melhor entendimento não somente de sua forma, que é definida basicamente pelas vias públicas que a envolve, mas também de sua função.

No que diz respeito a este item, 40% das praças paranavaenses são conformadas por quatro vias, o que é característico de áreas cujo padrão urbanístico obedece à formação de quarteirões quadriculados. As praças circulares, conformadas por uma única via, representam 24% das praças, seguidas pelas conformadas por duas vias, 16%, e por três vias, 12% (Figura 61).

Neste levantamento observou-se que o formato de uma praça influencia diretamente no seu uso, corroborando com a afirmação anterior de De Angelis (2000), visto que, as praças circulares, apesar de em alguns casos possuírem equipamentos que propiciem a permanência dos usuários em seus espaços, sua função de elemento estruturador no fluxo de veículos é a que predomina. Em contrapartida, a maior parte das praças retangulares e triangulares estão voltadas para o lazer ativo e/ou passivo, sendo, portanto as mais freqüentadas pela população.

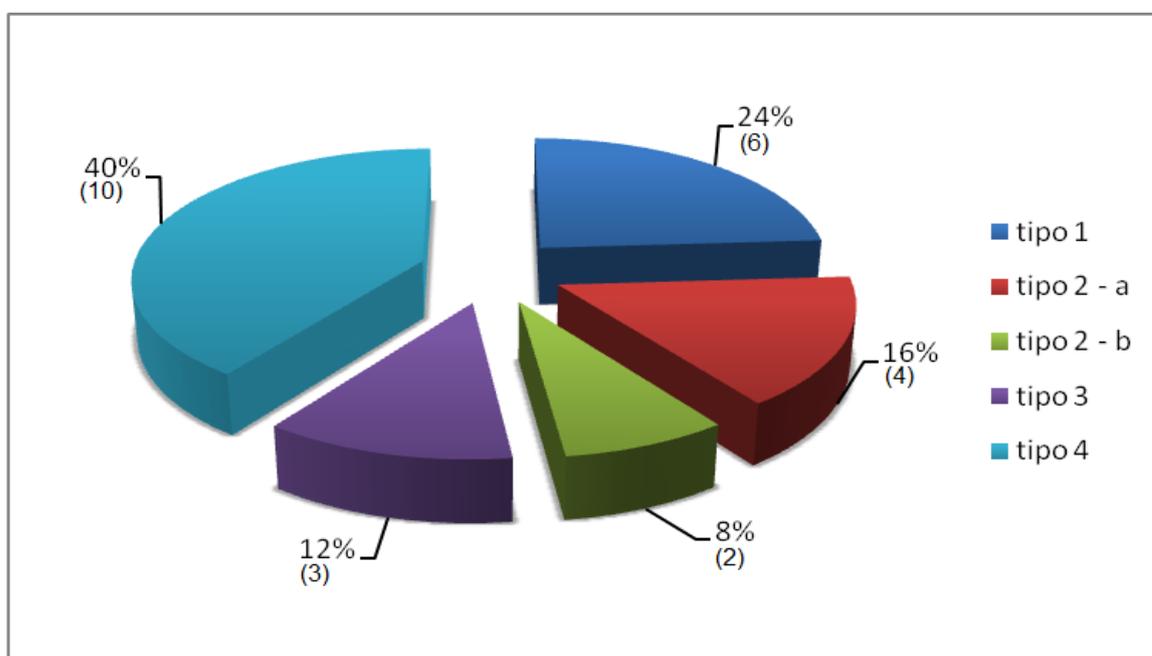


FIGURA 61 – Inserção na malha urbana das praças localizadas na cidade de Paranavaí

*Tipo 1: praças circulares conformadas por uma única via; Tipo 2 - a e 2 - b: praças conformadas por duas vias; Tipo 3: praças conformadas por três vias; Tipo 4: Praças conformadas por quatro vias.

5.1.7 Equipamentos e/ou estruturas

No que diz respeito ao levantamento quantitativo de equipamentos e/ou estruturas presentes nas praças, que abarca desde estruturas simples como iluminação e caminhos até outros mais complexos, como espelho d'água, coretos, quadra esportiva, estruturas para PMR, entre outros, observou-se quatro situações distintas: equipamentos e/ou estruturas de alta ocorrência – aqueles existentes na maioria das praças (70 a 100%) como bancos, caminhos e iluminação; de média ocorrência - aqueles existentes em uma quantidade intermediária das praças (35 a 69%) como identificação, lixeira, rampa de acesso, academia para terceira idade (ATI) e telefone público; de baixa ocorrência – aqueles existentes em pequena parte das praças (1 a 34%) como parque infantil, quadra esportiva, piso tátil, estacionamentos e sanitários, inclusive para PMR, ponto de táxi, ponto de ônibus, obras de arte, entre outros; e inexistentes, como bebedouros, banca de revista, sanitários e telefones públicos para PMR (Figura 62).

5.1.8.1 Identificação do Logradouro

A importância de identificar um logradouro transcende a simples questão de referenciar determinado local dentro da malha urbana para encontrar na história sua justificativa, uma vez que o nome dado ao espaço público pode ter forte valor simbólico ao lembrar personagens ou uma parte da história, seja ela local ou mais abrangente, que merece permanecer na memória dos cidadãos.

Contudo, identificar um logradouro não é somente ter um nome oficializado através de Leis ou Decretos, pois, a população raramente toma conhecimento desse processo. Deve existir no espaço algum elemento de fácil visualização pelos usuários, constando o Decreto ou a Lei de criação e o topônimo que lhe foi atribuído.

Em Paranavaí somente 60% das praças estão identificadas por algum tipo de placa. Vale ressaltar que desse total 33% não possui dados relacionados ao registro legal, uma vez que são desprovidas deste quesito.

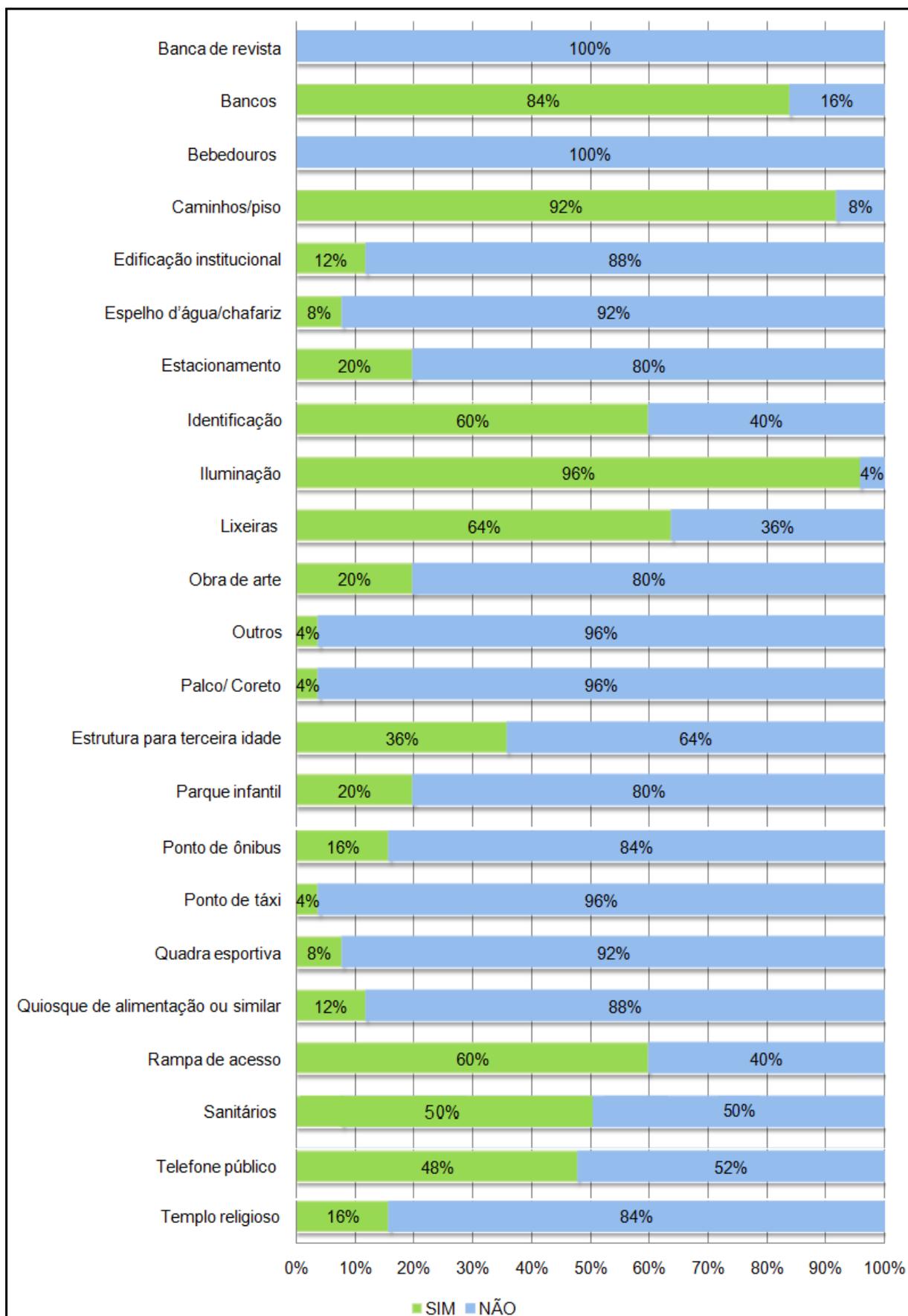


FIGURA 62 – Existência de estruturas e/ou equipamentos nas praças.
Organização: Rose Héliida Astolfo Freire, 2011.

5.1.8.2 Bancos

Apesar de não ser um elemento que deva necessariamente existir nas praças, ideal seria que estivesse presente em todas, até mesmo naquelas classificadas como de passagem, pois, além de servir para o descanso, pode também ser utilizado como um elemento de apoio para alguma eventualidade, ou mesmo uma pausa, principalmente, para as pessoas com dificuldade de locomoção.

No caso das praças paranavaíenses, é um dos equipamentos de alta ocorrência, uma vez que, 84% são dotadas deste mobiliário. Entre as quatro praças que não apresentam bancos, uma chama a atenção, pelo fato de ser ampla, bem sombreada, localizada em uma área predominantemente residencial, com uma boa manutenção, ou seja, é um local com forte potencial para o lazer passivo, o descanso, leituras, uma vez que abriga em seu recinto uma biblioteca e o teatro municipal. Contudo, a ausência de bancos é um dos fatores que a torna uma praça tão somente de passagem, limitada a ser uma espécie de átrio destes edifícios. Nas demais praças, a inserção de bancos não surtiria muitos efeitos, uma vez que se dividem em locais não urbanizados e sem possibilidades de acesso.

5.1.8.3 Iluminação

Além de funcionar como um meio de embelezamento das áreas públicas, destacando paisagens e monumentos no período noturno, a iluminação é, principalmente, um meio de promover a segurança pública. De acordo com Mascaró (2008) nos projetos de iluminação de praças, deve-se considerar os aspectos quantitativos, como os valores de iluminância e luminância recomendados, as exigências visuais, e também os qualitativos, como percepção ambiental, paisagem, sensação de segurança, entre outros. Para tanto, é necessário levar em conta todos os elementos que compõem o espaço a ser iluminado. A vegetação é um dos principais obstáculos para uma efetiva iluminação. A técnica mais satisfatória empregada nesses casos é o rebaixamento das luminárias.

Sete das vinte e cinco praças de Paranavaí apresentam somente iluminação alta e dezessete são dotadas de iluminação rebaixada das quais oito apresentam os dois tipos de iluminação. Apenas uma praça, não urbanizada, é desprovida de qualquer tipo de iluminação. Há casos que verificamos um excesso de iluminação, que ao invés de trazer benefícios, torna-se um problema para o espaço. Segundo Mascaró (2008), um dos efeitos negativos desse excesso de iluminação é a alteração do ciclo anual de crescimento e reprodução das árvores controladas pela luz diurna.

5.1.8.4 Lixeiras

A lixeira é um dos meios para conter a sujeira dos espaços públicos. Confeccionadas em diferentes materiais e com diversos padrões, são equipamentos obrigatórios nas praças, devendo ser funcionais, tanto no momento de receber os rejeitos como na hora de coletá-los. No caso das praças paranavaenses, apesar da sua obrigatoriedade e da sua importância, é um elemento de média ocorrência, pois apenas 64% são dotadas deste equipamento.

5.1.8.5 Sanitário público

O sanitário público compõe o conjunto de equipamentos de baixa ocorrência nas praças de Paranavaí. Apenas 8% apresentam sanitários, ou seja, duas praças, quais sejam: Praça dos Pioneiros e a Praça dos Expedicionários. Na primeira praça a manutenção é realizada por funcionários da tradicional “Feira da Lua” que ocorre no local todas as sextas-feiras. Na segunda, não há manutenção, uma vez que o sanitário não é utilizado pela população, pois se encontra fechado. Nenhuma praça paranavaense é dotada de sanitário público adaptado para PMR.

5.1.8.6 Telefone público

O auge da telefonia móvel reduziu o uso do telefone público. A facilidade de adquirir um aparelho celular, de realizar ligações a todo o momento e em todo lugar, sem ter

a preocupação de ir até um telefone público que, muitas vezes, poderá até estar sem funcionamento, entre outras situações, promoveu o verdadeiro declínio de sua utilização. Através deste levantamento constatou-se em 56% das praças paranavaenses a presença deste equipamento. No entanto, na análise qualitativa observa-se que na realidade, o que existem na maioria dessas praças são apenas estruturas remanescentes de telefones públicos. Nenhuma praça paranavaense é dotada de telefone público adaptado para PMR.

5.1.8.7 Bebedouros

O bebedor público é tema de discussão entre pesquisadores de diversas áreas. Existem aqueles que defendem seu uso, para reduzir o consumo de água engarrafada, cuja embalagem é prejudicial ao ambiente; e outros que, principalmente em épocas de pandemias, recomendam a não utilização deste equipamento, pois, se não tiverem uma higienização periódica e correta, tornam-se verdadeiros focos de transmissão de diversos patógenos. No caso de Paranavaí, é um dos elementos inexistentes nas praças públicas.

5.1.8.8 Pisos e caminhos

Pisos e os caminhos são, ou ao menos deveriam ser, elementos essenciais para assegurar aos transeuntes um caminhar seguro, principalmente em dias de chuvas. Através deste levantamento, constatou-se que tais estruturas fazem parte do grupo de alta ocorrência, uma vez que das vinte e cinco praças paranavaenses, 92% são dotadas destas estruturas e, apenas duas praças (Praça Papa João XXIII e Praça Moradas Santos Dumont), apresentam piso tátil em seu espaço.

5.1.8.9 Palco/coreto

Palcos e coretos geralmente são espaços localizados no centro da praça, onde acontecem encontros e até mesmo eventos culturais e políticos de pequeno porte.

Por serem cobertos são também muito utilizados como abrigo em dias quentes. Não existem palcos nas praças de Paranavaí, e apenas uma das vinte e cinco é dotada de coreto, sendo, portanto classificado como um equipamento de baixa ocorrência.

5.1.8.10 Obras de arte

Neste estudo considerou-se como obra de arte monumentos, estátuas, bustos e obeliscos. Tais elementos além de contribuir para a estética dos espaços públicos são também dotados de valor simbólico, uma vez que lembram personagens e fatos que marcaram a história do local.

Apesar dessa importância, somente 20% das praças estudadas contam com obras de arte. Tem-se dois casos onde uma mesma praça apresenta dois tipos: Praça Sinval Reis - dotada do busto do primeiro Juiz de Direito de Paranavaí que lhe dá nome, e monumento estilizando uma xícara, que confere ao local o topônimo popular de “Praça da Xícara”; Praça dos Pioneiros – apresenta o busto do primeiro prefeito da cidade (José Vaz de Carvalho) e um monumento estilizando uma Bíblia. Além destas temos a Praça Brasil, com o busto de Getúlio Vargas, a Praça Luciano Eugênio Vitore com o obelisco do Rotary Club e a Praça Papa João XXIII com uma estátua estilizada de Nossa Senhora Aparecida com o menino Jesus. Deste total, 80% estão localizadas na área central de Paranavaí. Nenhuma praça periférica é contemplada com esses elementos.

5.1.8.11 Espelho d'água/chafariz

Espelhos d'água e chafarizes tiveram sua origem nos anos 1960-70 do século passado, através das praças denominadas raiadas. São, geralmente, elementos centrais das praças públicas que polarizam os usuários do local, assumindo funções que por vezes transcende o caráter decorativo, desempenhando importante contribuição para a qualificação do espaço urbano.

Nas praças de Paranavaí é elemento de baixa ocorrência, sendo que apenas 8% destas são dotadas de espelho d'água ou chafariz. Vale destacar que em um dos casos, além de chafariz tal elemento constitui também um monumento histórico da cidade, pois, seu formato de xícara o faz representar o ápice da cultura cafeeira em nossa região.

5.1.8.12 Estacionamento

Em época de intensa motorização, toda área livre na cidade esta sujeita a ser invadida por essa “maré” de veículos que não acena em parar ou diminuir. A praça é um dos espaços públicos a perder parte de sua área para os estacionamentos. No caso das praças de Paranavaí, 20% são dotadas desse equipamento, e apenas uma praça (Praça Papa João XXIII) possui estacionamento especial para PMR.

5.1.8.13 Ponto de ônibus e táxi

Pontos de ônibus e táxi são locais onde geralmente ocorre a concentração de pedestres em momento de espera do transporte. Por este motivo, passaram a ser inseridos nos logradouros públicos ou em suas proximidades, permitindo “(...) um deslocamento mais ágil para quem depende desse tipo de transporte, o que concorre em facilidade para se ir a esses logradouros” (DE ANGELIS, 2000, p. 76).

Neste levantamento constatou-se que quatro praças possuem ponto de ônibus, sendo que uma delas, localizada na área central de Paranavaí, também é dotada de um ponto de táxi. As demais se encontram distribuídas entre bairros periféricos e centrais.

5.1.8.14 Quadra esportiva

A inserção deste equipamento nas praças públicas é um importante meio para promover sua popularidade e torná-las mais freqüentadas. Além disso, sua presença

faz desses espaços uma opção de lazer acessível a todas as camadas sociais, inclusive àquelas mais carentes, cujos momentos de ociosidade, frente a essa opção de lazer, passam a ser ocupados na prática de uma atividade esportiva, mantendo-as afastadas de atividades ilícitas.

A Praça dos Pioneiros e a Praça Moradia Santos Dumont são as únicas dotadas deste equipamento. A primeira apresenta três quadras, sendo duas poliesportivas cimentadas e uma de areia destinada para jogos de vôlei e futebol. Além disso, uma base em concreto de uma antiga quadra se tornou uma espécie pista utilizada por skatistas. Esta é a praça mais utilizada pela população paranavaense. A segunda praça apresenta um pequeno campo de futebol que é majormente utilizado pela população do entorno.

5.1.8.15 Estrutura para terceira idade

As estruturas para terceira idade por muito tempo ficaram limitadas à mesas quadriculadas para jogos de xadrez ou dama, cancha de bocha de malha e similares. Recentemente surgiu uma nova estrutura destinada à prática de atividades físicas voltada para a promoção da qualidade de vida de pessoas idosas. Inserido em praças públicas, tal estrutura, denominada de Academia para Terceira Idade (ATI), conseguiu unir o útil ao agradável, pois ao mesmo tempo que promove a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas, tornam as praças mais populares e assiduamente frequentadas. Contudo, apesar de toda a sua importância, em Paranavaí esse equipamento se faz presente em apenas 28% das praças. É importante destacar que apesar de ser destinado às pessoas de terceira idade, também fazem uso da ATI crianças, jovens e adultos.

5.1.8.16 Parque infantil

Atualmente o ritmo da vida moderna tem afetado o estilo de vida das crianças. A tendência é trocar o brincar na rua, no campo, na praça pelo “brincar” em ambientes fechados, em frente à um televisor ou computador, o que compromete o bom

desenvolvimento físico, psicológico e social destas. A inserção de parques infantis nos espaços públicos é um dos meios que podem reverter tal situação. Nesse item as praças de Paranavaí são deficientes, pois, apenas 16% são dotadas desse equipamento.

5.1.8.17 Banca de Revistas

As bancas de revistas em praças são comuns, principalmente em cidades de médio e grande porte. No caso de Paranavaí é um dos equipamentos classificados como inexistentes, pois, não há praças dotadas do mesmo. Na cidade encontram-se localizadas na área central.

5.1.8.18 Quiosque de Alimentação ou Similar

É classificado como uma estrutura de baixa ocorrência nas praças estudadas, uma vez que apenas 12% possuem em seu recinto quiosque de alimentação ou equipamento similar. A fiscalização destas estruturas é realizada pela equipe da Vigilância Sanitária, e cabe a Prefeitura municipal a expedição do alvará de licença para uso dos espaços.

5.1.8.19 Edificação Institucional

De Angelis (2000) propõe que se considere neste item toda a edificação pública existente no espaço da praça quais sejam: escola, creche, biblioteca, centro comunitário, posto de saúde, assim como estruturas operacionais das concessionárias dos serviços públicos - luz, água, telefonia.

No caso de Paranavaí, somente 12% das praças possuem em seu recinto um edifício público. Nelas encontra-se a Secretaria Municipal de Educação, duas Bibliotecas municipais e o teatro municipal.

5.1.8.20 Templo religioso

Foi a partir da inserção dos templos religiosos em espaços públicos que surgiram as praças brasileiras, por isso, ainda hoje é comum encontrar templos religiosos – geralmente igrejas católicas - situados junto à esses logradouros.

Em Paranavaí tem-se 16% das praças cujo espaço é ocupado por esses templos, sendo todos de confissão católica. Um exemplo a se destacar é a Praça Papa João XXIII, possivelmente a pioneira na cidade, uma vez que abarca em seu recinto a Igreja São Sebastião, a primeira a ser construída em Paranavaí, na época em que ainda era uma colônia (Figura 63).



Figura 63 – Antiga Igreja São Sebastião

Primeira igreja foi construída em 1944. David Arioch – Jornalismo Cultural. Autor desconhecido.

5.1.8.21 Rampas de acesso

A acessibilidade às praças é condição primordial para seu uso e reflete até mesmo em sua classificação na categoria de espaço público. Conforme Alex (2008, p.19), “a palavra “público” indica que os locais que concretizam esse espaço são abertos e acessíveis, sem exceção, a todas as pessoas.”

No Brasil a promoção da acessibilidade física é obrigatória em cumprimento à legislação e orientada pelas Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas -

ABNT, sobretudo a NBR 9050:2004. Esta norma estabelece critérios e parâmetros técnicos a serem observados quando do projeto, construção, instalação e adaptação de edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos às condições de acessibilidade. Seu objetivo é proporcionar à maior quantidade possível de pessoas, independentemente de idade, estatura ou limitação de mobilidade ou percepção, a utilização de maneira autônoma e segura do ambiente, edificações, mobiliário, equipamentos urbanos e elementos.

Rampas de acesso são um dos elementos que permitem uma maior acessibilidade aos espaços públicos. No caso de Paranavaí, 60% de suas praças são dotadas deste equipamento.

5.1.9 Vegetação

O meio urbano se encontra em constante processo de crescimento que, geralmente, se dá de forma desordenada, sem planejamento e alicerçado na transformação intensiva do espaço natural. Essas modificações ocorridas no âmbito das cidades geram prejuízos tanto para a qualidade ambiental como para a de vida urbana.

No entanto, se o processo de expansão urbana é irreversível, deve-se tentar minimizar os efeitos prejudiciais deste, aproximando as condições do ambiente urbano às condições do natural, compatibilizando o desenvolvimento com a conservação ambiental.

A vegetação é o fator que melhor pode realizar essa aproximação, pois, através de suas diversas funções ecológicas, estéticas e sociais, atua como reestruturadora do espaço urbano. Espaços livres como praças e parques são locais ideais para a inserção de vegetação na malha da cidade.

No entanto, essa inserção deve ser pautada por alguns critérios para evitar conflitos prejudiciais ao desempenho funcional tanto da vegetação como do espaço no qual ela está inserida. Dessa forma, Mascaró (2010) sugere que a escolha da localização da vegetação venha priorizar os usuários do recinto, respeitando a área de

movimentação dos transeuntes, a acessibilidade ao espaço, além do conforto e da segurança.

Outra questão a ser observada é a inserção de espécies exóticas em substituição das nativas. Isernhagen et. al (2009), apontam que o uso de espécies exóticas tem predominado tanto no número de espécies como no número de indivíduos utilizados. Os autores salientam que se deve incentivar a inserção de espécies vegetais de ecossistemas regionais, procurando contribuir com a preservação biológica do local. Além disso, a diversidade entre as espécies nativas deve existir, como recomenda a Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, na carta de Rio Branco (2009, p. 2):

Seja enfatizada na produção de mudas para arborização urbana, a questão da diversidade de espécies, assim como a diversidade genética dentro das mesmas, visando evitar a geração de defeitos genéticos.

Através do levantamento quantitativo da vegetação existentes nas praças paranavaenses, constatou-se, para todos os portes (arbóreo, arbustivo, forração) a predominância de espécies exóticas.

Quanto ao levantamento de espécies arbóreas, obteve-se 33 espécies, totalizando 742 indivíduos (Tabela 1). Duas espécies correspondem a 71,7% da arborização das praças estudadas: *Caesalpinia peltophoroides* (sibipiruna) com 50,4% e *Tabebuia avellanae* (ipê-roxo) com 21,3. Essa concentração de indivíduos pertencentes a uma mesma espécie é no mínimo preocupante, tendo em vista que, grande parte dessa arborização fica exposta a incidentes como um eventual ataque de pragas ou incidência de patógenos (DE ANGELIS, 2000).

TABELA 2 - Levantamento florístico contendo nome científico e popular, família, ocorrência (N – nativa; E- exótica) e valores de frequência absoluta (FA) e relativa (FR) das espécies arbóreas existentes nas praças do município de Paranavaí/PR

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	FAMÍLIA	ORIGEM	FA	FR (%)
<i>Araucaria angustifolia</i>	Pinheiro-do-paraná	Araucariaceae	N	01	0,14
<i>Araucaria columnaris</i>	Araucária colunar	Araucariaceae	E	06	0,81
<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	Sibiruna	Fabaceae	N	374	50,4
<i>Caesalpinia ferrea</i>	Pau-ferro	Fabaceae	N	01	0,14
<i>Cássia fistula</i>	Acácia Imperial	Fabaceae	E	31	4,17
<i>Chamaecyparis obtusa</i>	Cipreste	Cupressaceae	E	12	1,61
<i>Chamaecyparis pisifera</i>	Cipreste-azul	Cupressaceae	E	03	0,40
<i>Copaifera langsdorfii</i>	Copaíba	Leguminosae	N	01	0,14
<i>Cupressus sempervirens</i>	Cipreste italiano	Cupressaceae	E	01	0,14
<i>Dalbergia brasiliensis</i>	Jacarandá-flor-amarela	Fabaceae	N	07	0,94
<i>Delonix regia</i>	Flamboyant	Fabaceae	E	02	0,26
<i>Ficus benjamina</i>	Ficus	Moraceae	E	02	0,26
<i>Ficus benjamina variegata</i>	Ficus variegata	Moraceae	E	01	0,14
<i>Ficus elastica</i>	Falsa seringueira	Moraceae	E	07	0,94
<i>Grevillea robusta</i>	Grevilha	Proteaceae	E	01	0,14
<i>Hovenia dulcis</i>	Uva japonesa	Rhamnaceae	E	01	0,14
<i>Jacaranda mimosaefolia</i>	Jacarandá	Bignoniaceae	E	74	9,98
<i>Lagerstroemia indica</i>	Resedá	Lythraceae	E	02	0,26
<i>Licania tomentosa</i>	Oiti	Chrysobalanaceae	N	12	1,61
<i>Ligustrum lucidum</i>	Alfeneiro	Oleaceae	E	01	0,14
<i>Michelia champaca</i>	Magnólia	Magnoliaceae	E	07	0,94
<i>Myroxylon peruiferum</i>	Cabreúva	Fabaceae	N	01	0,14
<i>Nectranda megapotamica</i>	Canelinha	Lauraceae	N	01	0,14
<i>Pachira aquatica</i>	Monguba	Bombacaceae	N	02	0,26
<i>Schinus molle</i>	Aroeira-salsa	Anacardiaceae	N	01	0,14
<i>Senna multijuga</i>	Aleluia	Fabaceae	N	01	0,14
<i>Spathodea campanulata</i>	Espatódea	Bignoniaceae	E	02	0,26
<i>Tabebuia chrysotricha</i>	Ipê amarelo	Bignoniaceae	N	11	1,48
<i>Tabebuia avellanedae</i>	Ipê roxo	Bignoniaceae	N	158	21,30
<i>Tabebuia roseo-alba</i>	Ipê branco	Bignoniaceae	N	01	0,14

<i>Terminalia catappa</i>	Chapéu-de-sol	Combretaceae	E	10	1,35
<i>Thuja orientalis</i>	Tuia compacta	Cupressaceae	E	06	0,81
<i>Thuja occidentalis</i>	Tuia americana	Cupressaceae	E	01	0,14
Total				742	100,00

Organização: Rose Héliida Astolfo Freire, 2011.

Em relação às espécies arbóreas frutíferas, levantou-se 12 espécies, sendo apenas 33,3% nativas. O total foi de 33 indivíduos, destacando-se *Syzygium cumini* (Jambolão) e *Hymenaea courbaril* (Jatobá), que representam 21,2% e 15,5%, respectivamente (Tabela 2).

TABELA 3 - Levantamento florístico contendo nome científico e popular, família, ocorrência (N – nativa; E- exótica) e valores de frequência absoluta (FA) e relativa (FR) das espécies arbóreas frutíferas existentes nas praças do município de Paranavaí/PR

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	FAMÍLIA	ORIGEM	FA	FR (%)
<i>Artocarpus heterophyllus</i>	Jaqueira	Moraceae	E	02	6,06
<i>Carica papaya</i>	Mamoeiro	Caricaceae	E	01	3,03
<i>Citrus limon</i>	Limoeiro	Rutaceae	E	02	6,06
<i>Eugenia uniflora</i>	Pitanga	Myrtaceae	N	03	9,09
<i>Hymenaea courbaril</i>	Jatobá	Fabaceae	N	05	15,15
<i>Mangifera indica</i>	Mangueira	Anacardeaceae	E	03	9,09
<i>Myrciaria cauliflora</i>	Jabuticabeira	Myrtaceae	N	01	3,03
<i>Persea americana</i>	Abacateiro	Lauraceae	E	02	6,06
<i>Psidium guajava</i>	Goiabeira	Myrtaceae	N	03	9,09
<i>Punica granatum</i>	Romãzeira	Lythraceae	E	03	9,09
<i>Syzygium cumini</i>	Jambolão	Myrtaceae	E	07	21,22
<i>Tamarindus indica</i>	Tamarindo	Fabaceae	E	01	3,03
Total				33	100,00

Organização: Rose Héliida Astolfo Freire, 2011.

No que diz respeito às espécies da família arececeae, constatou-se 207 indivíduos em 12 espécies diferentes. *Phoenix robelenii* (Palmeira fênix) foi a de maior ocorrência com 57 indivíduos o que corresponde a 27,53% do total. Neste caso também se sobressaíram as espécies exóticas, que totalizaram 83,33% (Tabela 3).

TABELA 4 - Levantamento florístico contendo nome científico e popular, família, ocorrência (N – nativa; E- exótica) e valores de frequência absoluta (FA) e relativa (FR) das espécies de palmáceas existentes nas praças do município de Paranavaí/PR

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	FAMÍLIA	ORIGEM	FA	FR (%)
<i>Archontophoenix cunninghamii</i>	Palmeira-australiana	Arecaceae	E	07	3,38
<i>Caryota mitis</i>	Palmeira rabo-de-peixe	Arecaceae	E	01	0,48
<i>Cocos nucifera</i>	Coqueiro-da-bahia	Arecaceae	N	30	14,49
<i>Dypsis lutescens</i>	Areca bambu	Arecaceae	E	18	8,69
<i>Dypsis madagascariensis</i>	Areca de locuba	Arecaceae	E	29	14,0
<i>Livistona chinensis</i>	Palmeira-leque	Arecaceae	E	03	1,44
<i>Phoenix robelenii</i>	Palmeira fênix	Arecaceae	E	57	27,53
<i>Phoenix canariensis</i>	Fênix-canariense	Arecaceae	E	05	2,41
<i>Rhapis excelsa</i>	Palmeira-ráfia	Arecaceae	E	*	*
<i>Roystonea oleracea</i>	Palmeira Imperial	Arecaceae	E	28	13,52
<i>Syagurs romanzoffiana</i>	Coqueiro jerivá	Arecaceae	N	27	13,04
<i>Wodyetya bifurcata</i>	Palmeira-rabo-de-raposa	Arecaceae	E	02	0,96
TOTAL				207	100,00

Organização: Rose Héliida Astolfo Freire, 2011.

* A contagem individual não foi possível, tendo em vista que seu desenvolvimento se dá em touceiras.

Levantou-se 37 espécies arbustivas, das quais 31 são exóticas, o que corresponde a 83,78% do total levantado (Tabela 3). Quanto às herbáceas, encontrou-se 23 espécies, sendo que 78,26% do total são exóticas (Tabela 4).

TABELA 5 - Levantamento florístico contendo nome científico e popular, família, ocorrência (N – nativa; E- exótica) das espécies arbustivas existentes nas praças do município de Paranavaí/PR

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	FAMÍLIA	ORIGEM
<i>Acalypha wilkesiana</i>	Crista-de-peru	Euphorbiaceae	E
<i>Agave americanax</i>	Pita	Agavaceae	E
<i>Agave attenuata</i>	Agave-dragão	Agavaceae	E
<i>Agave tequiliana</i>	Agave azul	Agavaceae	E
<i>Bambusa gracillis</i>	Bambu-de-jardim	Poaceae	E
<i>Beaucarnea recurvata</i>	Pata-de-elefante	Ruscaceae	E

<i>Bougainvillea spectabilis</i>	Primavera	Nyctaginaceae	N
<i>Buxus sempervirens</i>	Buxinho	Buxaceae	E
<i>Calliandra tweedii</i>	Esponjinha	Fabaceae	N
<i>Callistemons sp</i>	Escova-de-garrafa	Myrtaceae	E
<i>Camellia japônica</i>	Camélia	Theaceae	E
<i>Cereus peruvianus</i>	Cacto-parafuso	Cactaceae	N
<i>Codianeum variegatum</i>	Cróton	Euphorbiaceae	E
<i>Cordyline terminalis</i>	Cordilina	Laxmanniaceae	E
<i>Cycas revoluta</i>	Cica	Cycadaceae	E
<i>Dracaena draco</i>	Dracena	Ruscaceae	E
<i>Dracaena fragans</i>	Coqueiro-de-vênus	Ruscaceae	E
<i>Dracaena marginata</i>	Dracena-de-madagascar	Ruscaceae	E
<i>Dracaena reflexa</i>	Pleomele	Ruscaceae	E
<i>Duranta erecta</i>	Pingo-de-ouro	Verbenaceae	E
<i>Eugenia sprengellii</i>	Murta	Myrtaceae	N
<i>Euphorbia ingens</i>	Cacto-candelabro	Euphorbiaceae	E
<i>Furcraea foetida</i>	Piteira	Agavaceae	N
<i>Heliconia bihai</i>	Banana-do-mato	Heliconiaceae	N
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i>	Hibisco	Malvaceae	E
<i>Hibiscus syriacus</i>	Hibisco-da-síria	Malvaceae	E
<i>Iresine herbstii</i>	Iresine	Amaranthaceae	E
<i>Ixora coccínea</i>	Ixora	Rubiaceae	E
<i>Ligustrum sinense variegatum</i>	Ligustrinho	Oleaceae	E
<i>Mussaenda philippica</i>	Mussaenda-branca	Rubiaceae	E
<i>Nerium oleander</i>	Espirradeira	Apocynaceae	E
<i>Pandanus veitchii</i>	Pandano-veitchi	Pandanaceae	E
<i>Pittosporum tobira</i>	Pitospóro	Pittosporaceae	E
<i>Plumbago auriculata</i>	Bela-emília	Plumbaginaceae	E
<i>Podocarpus macrophyllus</i>	Pinheiro-de-buda	Podocarpaceae	E
<i>Rhododendron simsii</i>	Azaléia	Ericaceae	E
<i>Yucca guatemalensis</i>	Luca-elefante	Agavaceae	E

Organização: Rose Héliida Astolfo Freire, 2011.

TABELA 6 - Levantamento florístico contendo nome científico e popular, família, ocorrência (N – nativa; E- exótica) das espécies herbáceas existentes nas praças do município de Paranavaí/PR

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	FAMÍLIA	ORIGEM
<i>Alpinia purpurata</i>	Alpínia	Zingiberaceae	E
<i>Canna paniculata</i>	Cana-da-índia	Cannaceae	E

<i>Crinum procerum</i>	Crino-branco	Amaryllidaceae	E
<i>Ctenanthe burle-marxii</i>	Maranta-zebrada	Marantaceae	N
<i>Dendrobium nobile</i>	Olho-de-boneca	Orchidaceae	E
<i>Dianella ensifolia</i>	Dianela	Hemerocallidaceae	E
<i>Diates bicolor</i>	Moreia	Iridaceae	E
<i>Hemerocallis flava</i>	Lírio	Hemerocallidaceae	E
<i>Impatiens walleriana</i>	Maria-sem-vergonha	Balsaminaceae	E
<i>Liriope muscari</i>	Barba-de-serpente	Ruscaceae	E
<i>Monstera deliciosa</i>	Costela-de-adão	Araceae	E
<i>Neomarica caerulea</i>	Falso-íris	Iridaceae	N
<i>Paspalum notatum</i>	Grama-mato-grosso	Poaceae	N
<i>Petiveria alliacea</i>	Guiné	Phytolaccaceae	E
<i>Philodendron hederaceum</i>	Filodendro	Araceae	N
<i>Pilea microphylla</i>	Brilhantina	Urticaceae	E
<i>Sansevieria trifasciata variegatum</i>	Sanseviéria	Ruscaceae	E
<i>Spathiphyllum cannifolium</i>	Lírio-da-paz	Araceae	N
<i>Strelitzia juncea</i>	Ave-do-paraíso	Strelitziaceae	E
<i>Syngonium angustatum</i>	Singônio	Araceae	E
<i>Tradescantia pallida</i>	Trapoeiraba-roxa	Commelinaceae	E
<i>Tradescantia zebrina</i>	Lambari	Commelinaceae	E
<i>Zoysia japônica</i>	Grama-esmeralda	Poaceae	E

Organização: Rose Héliida Astolfo Freire, 2011.

Para calcular a área ocupada por espécies vegetais arbustivas e herbáceas, subtraiu-se o valor total de área ocupada por essas espécies, da área total do logradouro. Através de uma regra de três simples, calculou-se a porcentagem dessa área ocupada para cada praça (Tabela 5).

TABELA 7 - Percentual de área ocupada por espécies vegetais arbustivas e herbáceas por praça.

PRAÇA	ÁREA TOTAL DA PRAÇA (m ²)	ÁREA (%)
Papa João XXIII	1.584,00	41
Brasil	9.115,00	17
Sinval Reis	4.827,00	37
Rodrigo Ayres	8.600,00	61
Rotary	820,00	93
Dos Pioneiros	23.000,00	61
Edith Ebiner Eckert	1.662,00	84

Ida Ravizoni Dal-Prá	4.963,00	100
Luciano Eugênio Vituro	1.660,00	68
Recanto Japonês	1.735,00	85
Frei Estanislau José de Souza	5.910,00	36
Oscar Garbo	786,00	5
Antonio José Kirchner	804,00	60
Panorama	1.574,00	71
Flávio Ferreira Giovine	1.220,00	10
Moradias Santos Dumont	431,00	75
Pioneiro Antônio Galindo	1.656,00	28
Dos Expedicionários	9.400,00	72
Mario Correa de Oliveira	690,00	43
São José Operário	2.786,00	61
Sem denominação	885,00	59
Thaisa Romero Dias Lima	1.427,00	37
Rosa de Siqueira Botelho	732,00	33
Pioneiro Benedito Dal Ponte	2.315,00	36

Organização: Rose Héliida Astolfo Freire, 2011.

5.2 AVALIAÇÃO QUALITATIVA

Com a tabulação dos dados obtidos nessa avaliação qualitativa mediante a aplicação das notas e dos conceitos anteriormente descritos (ruim, regular, bom e ótimo) foi possível avaliar a situação em que se encontram cada um desses equipamentos e/ou estruturas (Figura 64).

5.2.1 Identificação do Logradouro

Para avaliação deste item considerou-se o seu estado de conservação e obteve-se o seguinte resultado: 54% receberam conceito ruim e regular, pelo fato de apresentarem danificações causadas por intempéries e/ou por ações vandálicas, impossibilitando, em alguns casos, até mesmo o entendimento do escrito.

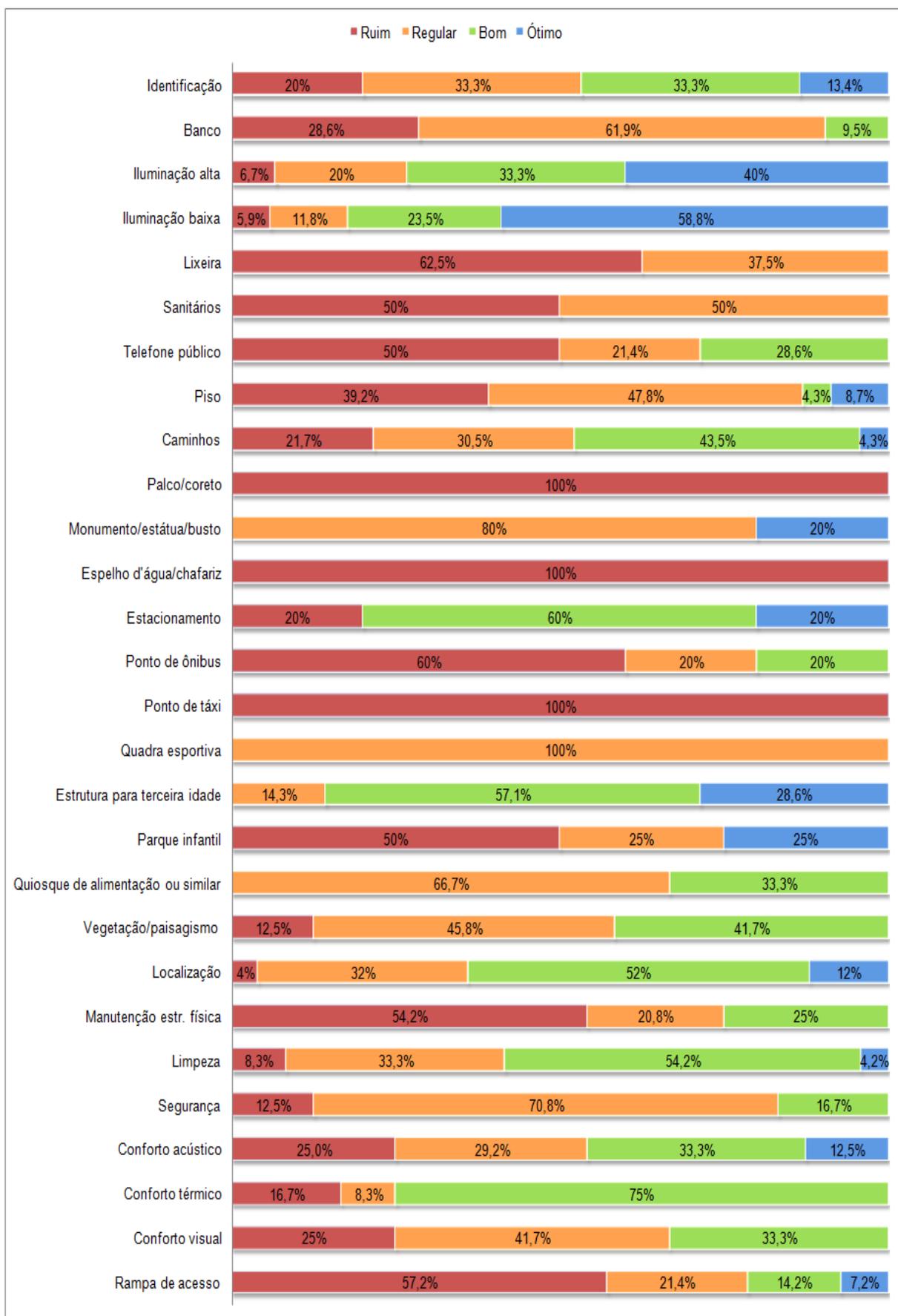


FIGURA 64 – Avaliação qualitativa dos equipamentos e/ou estruturas
Organização: Rose Héliida Astolfo Freire, 2011.

5.2.2 Bancos

Nesta avaliação obteve-se o seguinte resultado: das vinte e uma praças paranavaenses, 29% apresentam bancos conceituados como ruim, uma vez que, em muitos casos existem apenas o “esqueleto” daquilo que um dia foi local para assento; 62% obtiveram conceito regular, pelo fato de não estar em boas condições de conservação e dispostos de maneira inadequada nas praças e, apenas 9% foram conceituados como bom por apresentarem condições satisfatórias para o uso.

5.2.3 Iluminação

Neste levantamento constatou-se que as praças cujo sistema de iluminação é rebaixado receberam predominantemente (82%) conceitos bom e ótimo. Das que apresentaram iluminação alta, 73% receberam os mesmos conceitos, tendo em vista que, a distribuição desta geralmente se dá em espaços da praça com ausência de árvores, como por exemplo, sua área central, exercendo corretamente sua função. Além disso, vamos encontrar oito praças de Paranavaí que apresentam os dois sistemas de iluminação - alto e baixo, o que torna excelente a iluminação na maioria destes locais.

5.2.4 Lixeiras

Apesar da diversidade existente nas formas deste equipamento, observou-se que 62% das praças possuem o mesmo tipo de lixeira, com a mesma cor e com os mesmos problemas. Como dito anteriormente, estes equipamentos tem que ser funcionais, tanto no momento de depositar os rejeitos como na hora de coletá-los. Além disso, devem estar localizados paralelamente ao deslocamento de pedestres.

No entanto, o que se constatou nas praças de Paranavaí, é que as lixeiras são confeccionadas com material inadequado - chapa de moedas, e não apresentam a mínima facilidade na hora da coleta dos rejeitos. Além disto, temos casos em que

estão dispostas no meio do caminho, se tornando um obstáculo para os transeuntes, principalmente para PMR.

5.2.5 Sanitário público

O conceito recebido por este equipamento variou entre ruim e regular, tendo em vista que, das duas praças dotadas de sanitário, uma era totalmente inacessível, pois, permanentemente encontra-se fechado, e outro apresenta um estado de conservação regular, contudo, não é adaptado à PMR.

5.2.6 Telefone público

Quatorze das vinte e cinco praças são dotadas de telefone público. No entanto ao verificar o funcionamento deste equipamento, constatamos a seguinte situação: 50% estão sem funcionamento, 22% apesar de ativados, apresentam-se em mau estado de conservação, e apenas 28% estão em condições satisfatórias para o uso.

A redução do uso destes aparelhos frente à proliferação da telefonia móvel, não é justificativa para esta situação, uma vez que, continuam fazendo parte do mobiliário das praças, por tanto devem ser tratados como tal, caso contrário, melhor seria a retirada destes equipamentos sem funcionamento, pois, a ausência de manutenção nestes prejudica o aspecto visual da praça.

5.2.7 Piso

Conforme a norma da ABNT/NBR 9050:2004, os pisos devem ter superfície regular, firme, estável e antiderrapante sob qualquer condição, que não provoque trepidação em dispositivos com rodas, como cadeiras de rodas ou carrinhos de bebê.

Analisando os pisos das praças de Paranavaí sob esta ótica, obtiveram-se os seguintes resultados: 87% estão conceituados como ruim e regular, e apenas 13%

obtiveram conceitos entre bom e ótimo. Tal situação é justificada principalmente pelo estado de conservação e pelo tipo de material empregado em sua confecção. Grande parte das praças apresenta pisos irregulares, soerguidos por raízes de árvores, danificados, com partes soltas, e totalmente sujos. Alguns são confeccionados com materiais causadores de trepidação, como é o caso de 22% das praças, cujos pisos são feitos em petit pavé e em ardósia. Outros encontram-se danificados, faltando partes, e por vezes tal situação chega a interromper a passagem dos pedestres.

5.2.8 Caminhos

O traçar os caminhos e a implantação de pisos estão entre as primeiras ações realizadas ao se implantar uma praça o que, segundo De Angelis (2000, p.187), não é o ideal, uma vez que, “a técnica preconiza que interessante seria implantar o piso após os caminhos serem determinados livremente por quem faz uso do espaço”. Assim, é comum visualizar nas praças públicas caminhos feitos pelos pedestres em meio à canteiros e gramados.

Nas praças paranavaenses há praticamente um empate quanto à questão qualitativa dos caminhos. Apesar de todos apresentarem largura dentro dos padrões exigidos pela ABNT através da NBR 9050:2004, doze das vinte e três praças obtiveram conceito ruim e regular, e onze estão avaliados entre bom e ótimo, haja vista que em algumas praças observou-se a existência de caminhos criado pelos transeuntes, demonstrando que o traçado existente não atende aos anseios ou necessidades dos frequentadores do local. Alguns caminhos já nem existem, pois foram totalmente cobertos pelo mato, outros são inviáveis pelo excesso de obstáculos presentes em seu espaço. Há casos, que o próprio formato da praça, prejudica o traçado do caminho, como acontece nas praças Flávio Ferreira Giovine e na Pioneiro Antonio Galindo, ambas cercadas na parte superior por edificações e dividida em quatro partes por duas vias de intenso fluxo de veículos.

Quanto às classificadas entre os conceitos bom e ótimo, estas são dotadas de caminhos pautados por criatividade, ora retilíneo, ora sinuosos, que oferecem

condições tanto para o trânsito rápido como para o lento caminhar dos transeuntes interessados em percorrer todo o espaço da praça.

5.2.9 Palco/coreto

A Praça Recanto Japonês é a única das vinte e cinco praças paranavaíenses a apresentar um coreto. Através do levantamento qualitativo o mesmo foi conceituado ruim, uma vez que é inutilizado pelos frequentadores do local, que também se encontra em péssimas condições para o uso. De tamanho reduzido, não possui piso e nem equipamentos que incentivem a permanência de usuários em seu espaço, tornando-o um simples elemento de função decorativa. Suas estruturas feitas de madeira e sua cobertura em telha de barro do tipo portuguesa são vítimas constantes de ações vandálicas, o que transforma este elemento em um objeto prejudicial ao aspecto estético da praça.

5.2.10 Obras de arte

Como se constatou no levantamento quantitativo, apenas cinco praças (20%) são dotadas de obras de artes. Deste total, quatro obtiveram conceito regular, tendo em vista o seu estado de conservação e algumas danificações causadas por ações vandálicas e uma foi conceituada como ótimo, uma vez que a estátua foi recentemente inserida na praça e apresenta-se em ótimas condições.

5.2.11 Espelho d'água/chafariz

Apenas duas praças de Paranavaí apresentam espelho d'água ou chafariz em seu recinto, são elas: Praça Sinval Reis dotada de chafariz em formato de xícara e Praça Recanto Japonês com um pequeno espelho d'água. Ambas obtiveram o conceito ruim, uma vez que estão desativados há anos e tornaram-se ora depósito de resíduos, ora local de criação e disseminação do mosquito *Aedes aegypti*, agente transmissor da dengue.

5.2.12 Estacionamento

Para esta análise levou-se em consideração alguns aspectos como conservação, segurança, sombreamento e localização deste equipamento. Através deste levantamento chegamos aos seguintes resultados: 20% obtiveram conceito ruim, isso se deve ao fato de apresentarem péssimo estado de conservação, associado à falta de segurança do local e a ausência de áreas sombreadas. Os demais receberam conceito bom e ótimo, uma vez que apresentaram-se em condições satisfatórias para o uso. Com exceção de uma praça localizada em um distrito, as demais estão localizadas no centro urbano de Paranavaí.

5.2.13 Ponto de ônibus e táxi

Para esta análise considerou-se os seguintes aspectos: presença ou não de abrigo e seu estado de conservação, localização, se na praça, próximo ou distante. Dessa forma, 80% dos pontos de ônibus obtiveram conceito ruim e regular com classificação, pelo fato de apresentarem péssimo estado de conservação, e em muitos casos estavam arriscados a desabarem sobre os seus usuários. O único ponto de táxi existente foi conceituado como ruim, pois, assim como os demais pontos apresenta precárias condições para o uso.

5.2.14 Quadra esportiva

A Praça dos Pioneiros e a Praça Moradas Santos Dumont foram as únicas a apresentarem quadras esportivas. Através desta análise, ambas obtiveram conceito regular, uma vez que apresentam problemas como pisos, alambrados e iluminação com danificações que não chegam a comprometer o seu uso, mas que poderão se agravar caso não haja uma manutenção destes elementos.

5.2.15 Estrutura para terceira idade

Através deste levantamento obteve-se os seguintes resultados: 86% dos equipamentos existentes nas praças de Paranavaí obtiveram conceito bom e ótimo, tendo em vista que são equipamentos recentemente implantados. Os demais foram conceituados como regular por apresentarem danificações em alguns dos componentes do conjunto da ATI.

5.2.16 Parque infantil

Além de estar entre os equipamentos de baixa ocorrência nas praças paranavaenses, através deste levantamento constatou-se uma situação ainda mais crítica. Quatro das vinte e cinco praças são dotadas de parque infantil, mas apenas um está em condições satisfatória para uso. Os demais, além de colocar em risco os seus usuários, por possuírem matérias perfurantes como pregos, parafusos salientes, apresentam equipamentos totalmente destruídos sendo, portanto, inutilizáveis.

5.2.17 Quiosque de Alimentação ou Similar

Neste levantamento considerou-se os seguintes aspectos: tipo, higiene, estética e localização. Tais estruturas são encontradas em um pequeno número de praças e variam entre quiosque em alvenaria, estruturas metálicas e trailers, dispostas geralmente nas laterais do espaço das praças. Do total encontrado 77% obtiveram conceito regular e 33% conceito bom. Isso se deve à falta de higiene, estética e também pelo espaço em que ocorrem.

5.2.18 Rampas de acesso

Através desta análise verificamos uma situação ainda mais crítica em relação à acessibilidade das praças de Paranavaí. Dos 60% que apresentam rampas de

acesso, apenas 23% receberam conceito bom e ótimo, pelo fato de estarem enquadrados com parâmetros exigidos pelas Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, sobretudo a NBR 9050:2004. As demais ultrapassaram os limites estabelecidos, o que dificulta e muito o acesso de PMR a esses locais.

5.2.19 Conforto térmico, visual e acústico

Para uma praça ser convidativa e seu uso prazeroso, deve apresentar condições térmicas, acústicas e visuais agradáveis. Um fator importante para elevar essas três condições é a presença da vegetação, principalmente arbórea. No entanto, esta vegetação deve ser bem planejada e mantida, caso contrário poderá prejudicar o bom desempenho da praça nestes quesitos.

Nesta análise constatou-se que 75% das praças de Paranavaí apresentam um bom conforto térmico, uma vez que detêm em seu espaço uma quantidade significativa de vegetação arbórea. Em contrapartida, a falta de planejamento e manutenção desses indivíduos arbóreos fez com que, no quesito conforto visual, 66,7% das praças recebessem conceitos ruim e regular.

No que diz respeito ao conforto acústico, a localização das praças foi fator determinante. As praças localizadas em áreas de intenso fluxo de automóveis foram as que apresentaram maior desconforto acústico, e as localizadas em áreas residenciais, apresentaram condições sonoras mais agradáveis. Neste item, 54,2 % das praças obtiveram conceitos entre ruim e regular.

5.2.20 Vegetação/paisagismo

Para este quesito levou-se em consideração o estado geral e manutenção da vegetação, além da variedade de espécies, criatividade e inserção do “verde” no conjunto.

Através deste levantamento, 58,3% das praças paranavaenses receberam conceitos ruim e regular. Tal resultado comprova a deficiência em manutenção nessas praças, haja vista que constatou-se diversos problemas na vegetação, como podas inadequadas, injúrias causadas por vandalismos, risco de queda, além da reduzida diversidade de espécies vegetais, fator este já observado no levantamento quantitativo, onde verificou-se que apenas duas espécies arbóreas (*Caesalpinia peltophoroides* e *Tabebuia avellanedae*) correspondem a 71,7% da arborização das praças estudadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paranavaí possui vinte e cinco praças distribuídas de forma irregular em seu tecido urbano. Cada um desses espaços tem suas peculiaridades determinadas por diversos fatores como sua localização, inserção na malha urbana, entorno, existência de equipamentos e/ou estruturas, entre outros. Neste estudo constatou-se diferentes tipos de praças. Existem aquelas que realmente desempenham o papel de espaço público, geralmente encontram-se localizadas em áreas centrais e são dotadas de equipamentos e/ou estruturas que atendem satisfatoriamente os anseios da população; há outras com grande potencial para o desenvolvimento do lazer, no entanto, a falta de um planejamento adequado e manutenção periódica compromete o exercício efetivo de suas funções; tem-se também as “praças de papel”, que embora existam legalmente, não passam de terrenos baldios dotadas de um único elemento: “o mato”; existem as “praças-jardins” que, como o próprio nome sugere, são praças que por algum motivo deixaram de ser públicas para se tornarem espaços de uso exclusivo de uma pequena parcela da população; há “praças omissas”, que nem a população, nem o poder público e até mesmo os responsáveis por sua manutenção tem conhecimento de sua existência; “praças do medo”, conhecidas a nível municipal e até mesmo regional como pontos de vandalismo, uso de drogas, prostituição, entre outras atividades ilícitas; tem-se ainda as “praças de risco”, vítimas de um planejamento tão falho, que sua utilização implica em riscos constantes aos seus usuários.

Assim, pode-se dizer que, por algum(ns) motivo(s) supracitado(s), poucas são as praças paranavaenses efetivamente utilizadas pela população. Através dos levantamentos deste trabalho, pode-se visualizar inúmeros problemas que existem nestes logradouros, e que por pretextos já largamente conhecidos, mas que não justificam tal negligência, ainda não foram solucionados e nem tem previsão de serem. A ausência de um registro legal para 28% das praças paranavaenses, por si só demonstra o descuido a que estão submetidos tais logradouros.

Alguns itens como bancos, lixeiras, pisos, sanitários, entre outros receberam predominante conceitos ruim e regular, tendo em vista seu precário estado de conservação, sua má funcionalidade e localização inadequada. Neste caso, a

ausência de manutenção é o principal agravante, haja vista que, se existisse um acompanhamento periódico destes equipamentos, essa situação poderia ser revertida.

No quesito acessibilidade, as praças de Paranavaí deixam muito a desejar. Do total de 25 praças somente 14 apresentam rampas de acesso, das quais, 23% estão enquadradas dentro das normas estabelecidas. Apenas 8% das praças são dotadas de piso tátil direcional e de alerta, 4% possui estacionamento especial, nenhuma apresenta sanitários e telefones públicos adaptados para PMR.

A lei 10.098/00, que torna obrigatória a promoção da acessibilidade nos logradouros, estabelece em seu art. 11, que a construção, ampliação ou reforma de edifícios públicos ou privados destinados ao uso coletivo devem ser executadas de modo que sejam ou se tornem acessíveis às pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. No entanto, mesmo após as diversas “revitalizações” que ocorreram nas praças públicas de Paranavaí durante esses onze anos de existência da referida lei, permanece a ausência de acessibilidade na maioria delas.

No que diz respeito a vegetação existente nas praças de Paranavaí, nota-se uma predominância de espécies exóticas em todos os portes (arbóreo, arbustivo, herbáceo). Se levar em consideração o número de indivíduos de espécies arbóreas esta situação inverte, mas não de forma positiva. Ocorre uma predominância de indivíduos nativos, no entanto, de forma concentrada em apenas duas espécies, quais sejam, *Caesalpinia peltophoroides* (sibipiruna) e *Tabebuia avellanedae* (ipê-roxo) que correspondem, respectivamente, 50,4% e 21,3% do total de indivíduos levantados. Essa concentração se torna um problema, tendo em vista que afeta negativamente a diversidade de espécies e, conseqüentemente, da avifauna local.

Apesar de não ter sido realizado um estudo profundo fitossanitário da vegetação, uma vez que, não consistia no objetivo do trabalho em tela, através de análises superficiais se pode constatar sérios problemas relacionados à vegetação das praças, também oriundos da falta de manutenção consistente. Podas inadequadas, infestação de pragas, risco de queda, injúrias causadas por vandalismo, entre outros

fatores evidenciam o estado precário em que se encontram grande parte da vegetação levantada.

Em relação aos topônimos das praças paranavaense, 60% recebem o nome de personalidades do município. No entanto, se este ato de nomeação trata-se de uma homenagem, tem-se então que rever o conceito do termo. Como um local relegado, via de regra, ao abandono que, geralmente, se constitui em mais um problema urbano, pode ser um meio de homenagear pessoas que marcaram a história do município e região? A idéia de referenciar aqueles que contribuíram de alguma forma com o desenvolvimento do município é no mínimo justa, no entanto, o cuidado com as praças se torna, desde então, uma obrigação em respeito à memória daqueles que tiveram seus nomes inseridos nestes logradouros.

Alguns gestores públicos, buscando uma justificativa para o não investimento de verbas nas praças propalam a idéia de que esta já não exerce sua função como antigamente, e esquecem de buscar na história deste logradouro, as constantes mudanças funcionais que sofrera ao longo do tempo, frente as diversas transformações ocorridas na própria sociedade, ou seja, são (re)adaptações destes espaços para acompanhar a dinâmica das cidades. Ao meu entender, o que reduz funcionalmente o papel de uma praça é relegá-la ao abandono, usa-lá somente com interesses políticos, deixá-la sobre responsabilidade de pessoas sem qualificação alguma, entre outros fatores que visualiza-se constantemente nas cidades brasileiras.

Dessa forma, a importância da praça se justifica por vários fatores. Se não for pelo fator lazer, que seja pelo papel de referencial urbano, se ainda não for por este, que seja pela sua função ambiental, que por si só justifica a importância de se ter estes espaços em quantidades significantes nas cidades.

Em uma edição especial do Jornal Diário do Noroeste do dia 14 de dezembro de 2011 em comemoração aos 59 anos de Paranavaí, a equipe da redação saiu às ruas da cidade, lançando a seguinte pergunta aos moradores: “Se você pudesse dar um presente de aniversário a Paranavaí, o que seria?”. Dentre várias repostas, estava a da moradora Edileuza Alves da Siva de Oliveira, 45 anos, dona de casa,

moradora da Vila Operária: “Uma praça bem bonita e gostosa para as pessoas se divertirem sem medo.”

REFERÊNCIAS

ALCANTRA, José Carlos. **Política Local – Um estudo de caso: Paranaíba, 1952 – 1982**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1987.

ALEX, SUN. **Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: SENAC, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050: informação e documentação: citações em documentos: apresentação**. Rio de Janeiro, 2004.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. Tradução Silvia Mazza. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BINDER, Fabrício; PALAORO, Giovanna; ROGACHESKI, Marly Camargo; DUARTE, Michele. **Cinquentenário da Comarca de Paranaíba**. Tribunal de justiça do Paraná, 2004.

CALDEIRA, Júnia Marques. **Praça: território de sociabilidade**. Uma leitura sobre o processo de restauração da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.

CALDEIRA, Júnia Marques. **A Praça Brasileira: trajetória de espaço urbano – origem e modernidade**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007.

CARGNIN, Ronalda Carvalho Neves. **Vila Alta: concentração da pobreza urbana em um espaço periférico de Paranaíba**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus Presidente Prudente, São Paulo, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios).

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos. **A praça no contexto das cidades: o caso de Maringá – PR.** Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos; DE ANGELIS NETO, Generoso. Maringá e suas praças-tempo e história. **Boletim de Geografia**, Maringá; ano 19, n. 1, p.129-147, 2001.

_____. _____. Os topônimos das praças de Maringá, Estado do Paraná. **Acta Scientiarum. Maringá**, v. 23, n. 6, p. 1561-1567, 2001.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos et al. **Praças: História, usos e funções.** Maringá: EDUEM, 2005. (Coleção Fundamentum, n. 15).

GIL, Brigitte Eunice Duarte. **Mobilidade pedonal nos espaços públicos: caso de estudo e aplicação ao projeto em Sete Rios.** Dissertação (mestrado). Instituto Superior Técnico de Lisboa, Departamento de Arquitetura, 2009.

GOEVERT, Frei Ulrico. **História e memórias de Paranavaí.** Trad. Frei Wilmar Santin, 1ª Edição: Coletânea Carmelitana – Livraria Nossa Senhora do Carmo, 1992.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ªed. 2006.

INSTITUTO AGRONÔMICO DO PARANÁ. **Cartas climáticas básicas do Estado do Paraná.** Curitiba, 1978.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2000.** Rio de Janeiro: IBGE, 2001. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 31/05/2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE @cidades.** Disponível em:< <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm>>. Acesso em: jul. 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual técnico de vegetação brasileira**. Rio de Janeiro, 1992.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Caderno Estatístico do município de Paranavaí**, Paraná, 2010.

ISERNHAGEN, Ingo; LE BOURLEGAT, Jeanne M. G.; CARBONI, Marina. **Trazendo a riqueza arbórea regional para dentro das cidades: possibilidades, limitações e benefícios**. Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, Piracicaba/SP, v. 4, n. 2, 2009.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras** : manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa : Plantarum, 1996. v. 1.

_____ **Árvores brasileiras** : manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 2. ed. Nova Odessa : Plantarum, 1998. v. 2.

_____ *et al.* **Palmeiras no Brasil** : nativas e exóticas. Nova Odessa: Plantarum, 1997.

_____ ; SOUZA, H. M. **Plantas ornamentais no Brasil** : arbustivas, herbáceas e trepadeiras. 2. ed. Nova Odessa : Plantarum, 1999.

_____ **Árvores Brasileiras**. 3. ed. Nova Odessa: Plantarum, 2000.

_____ *et al.* **Árvores exóticas no Brasil**: madeiras, ornamentais e aromáticas. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2003.

MAACK, Reinhard. Geografia física do Estado do Paraná. **Geografia física do Estado do Paraná**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

MARINHO, Francisco Fernandes. **A Diocese de Paranavaí: 40 anos de história e evangelização – 1968/2008.** Maringá/PR: CAHEL, 2008.

MARX, Murillo. **Cidade no Brasil Terra de quem?** São Paulo: Nobel/EDUSP, 1991.

MASCARÓ, Juan Luis (org.). **Infra-estrutura da paisagem.** Porto Alegre: Masquatro, 2008.

MASCARÓ, Juan Luis; MASCARÓ, Lucia. **Vegetação urbana.** 3ªed. Porto Alegre: Masquatro, 2010.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NOVAES, Sandra Gripp (coord.). **Perfil de cidade de Porte Médio – Paranavaí.** Prefeitura Municipal de Paranavaí, 1984.

BRASIL. **Lei nº 10.098/00**, de 19 de dezembro 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção de pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

PARANAÍ. **Lei Municipal nº 250**, de 25 de novembro de 1960. Dá denominação de Rodrigo Ayres de Oliveira a Praça situada no loteamento do Antigo Aeroporto. Paranavaí, 1960.

_____ **Lei Municipal nº 341**, de 23 de novembro de 1964. Dá denominação de Praça Sinval Reis à logradouro público de Paranavaí. Paranavaí, 1964.

_____ **Lei Municipal nº 370**, de 21 de junho de 1965. Denomina o logradouro situado entre as ruas Rio Grande do Norte, Luíz Spigolon e Avenida Paraná de “Praça Rotary”. Paranavaí, 1965.

_____ **Lei Municipal nº 918**, de 07 de abril de 1980. Denominação de Praça Pública. Paranavaí, 1980.

_____ **Lei Municipal nº 1.004**, de 30 de setembro de 1982. Denomina de Flávio Ferreira Giovine, a Praça localizada entre a Rua do Aeroporto e Rua Sineval Fortes no jardim Ipê. Paranavaí, 1982.

_____ **Lei Municipal nº 1.250**, de 27 de setembro de 1988. Dispõe sobre o parcelamento do solo para fins urbanos no município de paranavaí e da outras providências. Paranavaí, 1988.

_____ **Lei Municipal nº 1.271**, de 23 de dezembro de 1988. Denomina de “Antônio José Kirchner”, a Praça localizada entre o Jardim Alvorada, Jardim São João, Jardim Ingá e Avenida Tancredo Neves. Paranavaí, 1988.

_____ **Lei Municipal nº 1.264**, de 23 de dezembro de 1988. Denomina de “Recanto Japonês”, a antiga Praça D. Pedro II, do Jardim Ouro Branco. Paranavaí, 1988.

_____ **Lei Municipal nº 1.283**, de 08 de junho de 1989. Altera as denominações da Rua Pindaúva e da Praça São João, no distrito de Sumaré. Paranavaí, 1989.

_____ **Lei Municipal nº 1506**, de 28 de novembro de 1991. Praça da Catedral Maria Mãe da Igreja. Denominação de Frei Estanislau José de Souza. Paranavaí, 1991.

_____ **Lei Municipal nº 1519**, de 08 de janeiro de 1992. Denominação de Praça Pública. Paranavaí, 1992.

_____ **Lei Municipal nº 1.607**, de 07 de janeiro de 1993. Denominação de Praça Pública. Paranavaí, 1993.

_____ **Lei Municipal nº 2.105**, de 05 de abril de 1999. Denominação de Praça Pública. Paranavaí, 1999.

_____ **Lei Municipal nº 2.107**, de 22 de abril de 1999. Denominação de Praça Pública Professora Edith Ebner Eckert. Paranavaí, 1999.

_____ **Lei Municipal nº 2.188**, de 18 de abril de 2000. Denominação de Praça Pública. Jardim Ipê. “Dom Benjamim de Souza Gomes”. Paranavaí, 2000.

_____ **Lei Municipal nº 2.404**, de 07 de abril de 2003. Denomina o logradouro “Praça do Jardim Iguaçu” localizado entre as ruas Jonh Kennedy, Guerino Pomim e Itamaraty, de Praça Oscar Garbo. Paranavaí, 2003.

_____ **Lei Municipal nº 3.012**, de 09 de novembro de 2007. Denomina de Thaisa Romero Dias Lima a praça sem denominação localizada entre as ruas “B” e “C”, paralela as ruas Job e Jacob de Freitas e Washington Pecoreli, no conjunto Tânia Mara. Paranavaí, 2007.

_____ **Lei Municipal nº 3.014**, de 20 de novembro de 2007. Denominação Denomina de Pioneiro Antônio Galindo a Praça localizada entre as Avenidas Mauá e Domingos Sanches, no Jardim Morumbi. Paranavaí, 2007.

_____ **Lei Municipal nº 3.109**, de 19 de março de 2008. Denomina de Rosa de Siqueira Botelho, a praça localizada entre as ruas Aparecida Mendonça Gonçalves e Mascimino Ribeiro, no conjunto habitacional Tânia Mara na vila operária. Paranavaí, 2008.

_____. **Lei Municipal nº 8**, de novembro de 2008. Dispõe sobre o Plano Diretor e define princípios, políticas, estratégias e instrumentos para o desenvolvimento municipal e para o cumprimento da função social da propriedade no Município de Paranavaí e dá outras providências. Paranavaí, 2008.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil (1500/1720)**. São Paulo : EDUSP, 1968.

REMOLLI, José Alcides. Praças e qualidade espacial: plano piloto da cidade de Maringá, Paraná. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

Revista Grande Noroeste. **Pioneiro Rodrigo Ayres**. Paranavaí: GN, 1991.

RIGOTTI, Giorgio. Urbanistica - La Tecnica. 2.ed. Torino: Editrice Torinese, 1956.

ROBBA, Fábio; MACEDO, Sílvio Soares. **Praças Brasileiras**. 3. ed. São Paulo: Edusp (Coleção Quapá), 2010.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 4 ed. São Paulo : Nobel, 1997.

SCHWARZ, Andrea; HABER, Jaques. População com deficiência no Brasil: fatos e percepções. Febran: São Paulo, 2006.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

SERPA, Ângelo. **O Espaço Público na Cidade Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, Paulo Marcelo Soares da. **História de Paranavaí**. Prefeitura Municipal. 1988.

SPIRN, Anne Whiston. **O Jardim de Granito: A Natureza no Desenho da Cidade**. Trad. de Paulo Renato Mesquita Pellegrino. São Paulo: EDUSP, 1995.

STIPP, Marcelo Eduardo Freres. **A ocupação do solo e a problemática da arenização e do voçorocamento no município de Paranavaí/PR**. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARBORIZAÇÃO URBANA. **A Carta de Rio Branco**. Universidade Federal do Acre, 2009. Disponível em: <http://www.sbau.org.br/img-sbau/A_CARTA_DE_RIO_BRANCO.pdf>. Acesso em: 15/12/2011.

TORRES, Flávia Pinheiro Tavares. **Guia de acessibilidade urbana**. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. **A transformação da noção do espaço público**: A tendência à heterotopia no largo do carioca. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

WONS, Iaroslav. **Geografia do Paraná**: Física – Humana – Econômica. 6. ed. Curitiba: Editora Ensino Renovado, 1994.

APÊNDICE A – Topônimos antropotônimos das praças de Paranavaí - Paraná

Antônio Galindo – Pioneiro paranavaense, descendente de imigrantes espanhóis, nasceu em abril de 1902 na cidade de Brotas, São Paulo. Casou-se em Lucianópolis-SP- no ano de 1927, com Tereza Brunatti, filha de imigrantes italianos, com a qual teve cinco filhos. Em 1947, vendeu sua propriedade em São Paulo, reuniu sua família e veio para o Paraná. Chegando ao local desenvolveu atividades como plantio de café, de arroz, milho e feijão, além da pecuária. Posteriormente, dedicou-se apenas à criação de gado e o comércio do leite, devido a decadência na cafeicultura após uma forte geadada. Auxiliou no progresso da cidade e na criação do que hoje é o bairro do Morumbi. No ano de 1960 começou a ter indícios de problemas cardíacos, vindo a falecer no dia 23 de dezembro de 1960, aos 58 anos (LEI Nº 3.014/2007).

Antônio José Kirchner – Cidadão que prestou relevantes serviços à sociedade de Paranavaí posto que foi Chefe de Gabinete, Secretário de Administração, Secretário de Viação e Obras Públicas, Assessor de Planejamento, Professor e Vice-Diretor da Fundação Municipal de Educação Ciências e Letras de Paranavaí (LEI Nº 1.271/88).

Benedito Dal Ponte – Nasceu em Criciúma/SC no dia 16 de dezembro de 1915. Casou-se com Terezinha com quem teve oito filhos. Veio a Paranavaí no ano de 1949, sendo um dos fundadores do Distrito Sumaré, onde residiu durante 35 anos. Ali abriram um pequeno comércio que existiu até 1983. Foi expedicionário durante três anos e meio, servindo no Rio de Janeiro e Recife, e um ano em Nova York (EUA). Foi agricultor e comerciante no período de 1949 a 1984. Faleceu no dia 02 de dezembro de 1984 com 69 anos (Lei Nº 1.238/89).

Dom Benjamim de Souza Gomes – Nasceu em Feira de Santana/BA, no dia 27 de novembro de 1911. Coursou Filosofia e Teologia no Seminário Central do Ipiranga e recebeu a Tonsura Clerical em 06 de março de 1938, passando a pertencer à Diocese de Sorocaba. Foi eleito o primeiro Bispo Diocesano de Paranavaí, pela Bula *Sicut Apostolo* em 11 de março de 1968, tomando posse, sonelemente, no dia 07 de julho de 1968, na Catedral São Sebastião. Nesta cidade, permaneceu Bispo por 17 anos, quando por motivo de idade e doença, no dia 18 de janeiro de 1985,

comunicou o pedido de renúncia, o qual foi aceito pelo Papa em 23 de outubro de 1985. Faleceu no dia 17 novembro de 1995, com quase 84 anos (MARINHO, 2008).

Edith Ebner Eckert - Nasceu em Ibiporã/PR no dia 11 de setembro de 1941, sendo filha do Sr. José Ebner e da Sra. Maria Ebner. Casou-se com o Sr. Oscar Eckert em 23/04/1960, com o qual teve quatro filhas. Foi professora formada em Letras, Português e Francês pela FAFIPA, com curso de aperfeiçoamento na Suíça. Foi professora no Colégio Marins Alves Camargo, onde hoje se localiza o Ginásio Lacerda Braga e também professora e diretora do Colégio Enira de Moraes Ribeiro desde a sua fundação. Faleceu em 14/07/97 (LEI Nº 2.107/99).

Flávio Ferreira Giovine – Nasceu em Paranavaí/PR no dia 20 de junho de 1955. Filho de Flávio Ettore Giovine que foi deputado federal por duas vezes e Maria Aparecida Ferreira Giovine. Casou-se com Cristina Aparecida Ferreira Giovine com que teve três filhos. Iniciou suas atividades em Paranavaí como pecuarista e comerciante. Faleceu em acidente automobilístico.

Frei Estanislau José de Souza – Nasceu no dia 28 de setembro de 1924 em Gravatá/PE e foi batizado com o nome de Agripino José de Souza. Em Paranavaí ajudou o Frei Ulrico até dezembro de 1955. Após esta data deixou a Ordem e trabalhou alguns anos no Rio de Janeiro. Retornando a Paranavaí iniciou os estudos para chegar ao sacerdócio. Em 1970 cursou Filosofia e Teologia em Curitiba. Aos 50 anos foi ordenado sacerdote no dia 16 de março de 1975. Foi transferido para Paranavaí no final de 1975, onde dedicou-se especialmente à Vila Operária. Ali construiu a igreja, o salão de festas e salas de catequese. Em fevereiro de 1988 foi para Querência do Norte para trabalhar como pároco. Faleceu no dia 17 de maio de 1989. Está sepultado na cripta da Igreja São Sebastião de Paranavaí (GOEVERT, 1992).

Ida Ravizione Dal Prá – Nasceu aos 13 de abril de 1909, no município de Alfredo Chaves, hoje Veranópolis, Rio Grande do Sul. Viveu sua infância e adolescência em sua cidade natal, e posteriormente, transferiu residência juntamente com sua família para a localidade de Três Pinheiros, município de Lagoa Vermelha, RS. Fixou residência em Sananduva ao casar-se com o jovem Domingos Dal-Prá em 19 de

outubro de 1928, que faleceu prematuramente em 30 de maio de 1964. Com ele teve nove filhos, os quais, posteriormente, transferiram-se para a cidade de Paranavaí, onde contribuíram, significativamente, para progresso do município e região, no campo econômico, social e político. Faleceu em 28 de março de 1996, na cidade de Sananduva, Rio Grande do Sul (LEI Nº 2.105/99).

Luciano Eugênio Vitore – Nasceu em 23 de junho de 1927 na cidade de Borborema/SP. Chegou a Cambé/PR com 14 anos de idade onde, com a família, fazia parte da massa de migrantes paulistas que desbravaram aquela região do norte do Paraná. Ali dedicou-se à cafeicultura até os 20 anos de idade quando, ao casar-se com Iria Sgobero Vituri, com quem teve duas filhas, adquiriu propriedade junto ao Rio Caiuá (Curva da Bandeira). Foi em meados de 1949 que abriu frente de trabalho na cafeicultura da região de Paranavaí, onde contribuiu substancialmente para desenvolvimento da região. Em 1965, fixou residência em Paranavaí, no Jardim Ibirapuera, integrando-se e fazendo parte da vida de nossa cidade, onde estudaram, formaram-se e são professoras suas duas filhas. No ano de 1980, foi um dos pioneiros a construir e residir no Jardim Status, até o final de sua existência. Em 1984 adquiriu propriedade no município de Terra Rica, dando continuidade ao seu pioneirismo, dedicando-se além da pecuária, à cultura de mandioca, dando também nesse aspecto, valiosa colaboração a Paranavaí e sua gente, visto que sua mão de obra sempre foi recrutada na cidade. Amante da vida e da natureza, era notável seu amor pelos animais, em especial aos pássaros. Foi desbravador e deixou reservas de matas naturais. Luciano Eugênio Vituri faleceu com 62 anos, em 13 de maio de 1990 (LEI Nº 1519/92).

Oscar Garbo – Nasceu em 20 julho de 1925 na cidade de Mirandópolis/SP. Casou-se com Isaura Delai Garbo, com quem teve 03 filhas. Chegou a Paranavaí em 1962, e comprou terras para o cultivo de café e pastagem. Foi morador há muitos anos defronte à praça que recebe seu nome onde, costumeiramente, juntava-se aos amigos para conversar e jogar partida de malha e baralho. Faleceu dia 29 de outubro de 1989 (LEI Nº 2.404/2003).

Rodrigo Ayres de Oliveira – Pioneiro paranavaense, nasceu no Rio Grande do Sul e foi criado em Avaré/SP, onde contraiu matrimônio com Antônia Rodrigues de

Oliveira com quem teve 4 filhos. Em 1942 veio à Paranavaí a convite do Interventor Manoel Ribas, para ajudar na colonização de terras do Estado, situadas nos limites da Companhia de Terras Norte do Paraná, Rio Paranapanema, Ivaí e Paraná. Em 1943 buscou a família em Londrina para também residir na pequena cidade. Rodrigo Ayres e sua esposa prestaram serviços relevantes a todos que aqui chegavam em busca de uma oportunidade. Tudo que surgiu em Paranavaí teve em seu início o apoio e o entusiasmo de ambos. Colaborou com a vinda do Banco do Brasil e foi fundador e primeiro presidente da sociedade rural de Paranavaí (Revista Grande Noroeste, 1991).

Rosa de Siqueira Botelho – Pioneira paranavaense nasceu no dia 08 de maio de 1913, na região onde hoje se localiza a cidade de Cândido Mota/SP. Casou-se com Hermeto Botelho com quem teve dois filhos. Chegou a Paranavaí logo em seu início, no final do ano de 1946. Ligada ao setor da saúde, prestou seu serviço em favor da população necessitada. Faleceu no ano de 2006, com 93 anos de idade (Lei Nº 3.109/2008).

Sinval Reis – Nasceu no dia 13 de abril de 1909 na cidade de São João do Nepomuceno/MG. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Niterói, estado do Rio de Janeiro no ano de 1945. Em 04 de março de 1954 foi nomeado Juiz de Direito de Paranavaí onde permaneceu na ativa até março de 1961, quando aposentou-se. No período em que residiu com a família em Paranavaí, foi o instituidor e fundador de inúmeras obras filantrópicas, dentre as quais se destacam a Casa da Criança de Paranavaí e Aldeia-Escola dos Meninos de Paranavaí, instituições que abrigaram, durante mais de duas décadas, mais de 150 crianças órfãs e abandonadas da região do Norte e Noroeste do Paraná. O Asilo de Velhos Lins e Vasconcelos de Paranavaí também recebeu especial apoio de Sinval Reis, que também ajudou a fundar o Conservatório de Música João Ghignone, cujos rendimentos eram destinados às instituições filantrópicas, bem como, atendiam igualmente os menores acolhidos. Faleceu na cidade de Paranavaí no dia 17 de setembro de 1963 (BINDER *et al.*, 2004).

Thaisa Romero Dias Lima – Nasceu em 20 de outubro de 1979 em Paranavaí. Formou-se em Arquitetura pela Universidade Estadual de Londrina. Artista com

grande potencial que elevou a cultura de Paranavaí. A homenageada expôs seus trabalhos em vários lugares do Brasil e do mundo como Exposição Individual de Artesã Plástica em dezembro de 2001, no salão de eventos do CREA – Paranavaí (PR); Mostra Individual de Artes Plásticas, em março de 2001; Mostra Individual de Artes Plásticas em conjunto com o SESC da cidade de Paranavaí em abril de 2001; Exposição coletiva no FEMUP no ano de 2001; Exposição Individual em conjunto com o SESC, em 2002; Participação no Salão Jovem Arte mato-grossense na cidade de Cuiabá; Exposição Coletiva na cidade de Londrina, em 2002; Idealizadora e autora do Evento Comemorativo aos 80 anos da Semana de Arte Moderna de 1922 no mês de agosto de 2002; Participação do VII Circuito Internacional de Arte Brasileira, juntamente com outros 45 artistas brasileiros, em outubro de 2002 na França; Menção Honrosa Internacional no Museu Nacional de Belas Artes, em 26 de outubro de 2002 no Rio de Janeiro. Thaisa chegou a representar Paranavaí e o Brasil no VII Circuito Internacional de Arte Brasileira, realizado em Viena e Paris, juntamente com outros artistas brasileiros selecionados entre quinhentos inscritos. Em outubro de 2002 a artista paranavaense recebia Menção Honrosa Internacional no Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. Toda esta brilhante trajetória foi brutalmente interrompida com seu falecimento ocorrido em um acidente automobilístico em 11 de março de 2006 (LEI N° 3.012/2007).